



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Alana Pacheco dos Reis Verani

**Tornando-se mães e antropólogas:** Uma etnografia sobre experiências que desafiam ideais  
de maternidade e ciência

Florianópolis

2022

Alana Pacheco dos Reis Verani

**Tornando-se mães e antropólogas:** Uma etnografia sobre experiências que desafiam ideais  
de maternidade e ciência

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia Social da Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em  
Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Verani, Alana Pacheco dos Reis

Tornando-se mães e antropólogas : Uma etnografia sobre experiências que desafiam ideais de maternidade e ciência / Alana Pacheco dos Reis Verani ; orientadora, Alinne de Lima BONETTI, 2022.

120 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Maternidade. 3. Gênero. 4. Antropologia. 5. Ciência. I. BONETTI, Alinne de Lima. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Alana Pacheco dos Reis Verani

**Tornando-se mães e antropólogas:** Uma etnografia sobre experiências que desafiam ideais de maternidade e ciência

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profª. Dra. Silvana Maria Bitencourt  
Instituição UFMT/PPGS

Profª. Dra. Antonella Maria Imperatriz Tassinari  
Instituição UFSC/PPGAS

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof.(a) Dr.(a) Alinne de Lima Bonetti  
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Este trabalho é dedicado à minha mãe e ao meu pai.

## AGRADECIMENTOS

A minha caminhada pessoal e acadêmica, que culmina neste trabalho de conclusão do mestrado em Antropologia, eu não percorri sozinha. Ao meu lado estavam pessoas maravilhosas que contribuíram imensamente e foram fundamentais para que, mesmo em tempos pandêmicos, eu pudesse ter saúde física e emocional, motivação e inspiração para seguir em frente. Se hoje concluo mais uma etapa foi graças ao afeto, que aprendi ser fundamental na produção de conhecimento.

A todas as pessoas que vieram antes de mim e lutaram para que mulheres como eu tivessem a oportunidade de estudar e, principalmente, sonhar.

Aos meus amados pais, Maria Angela e Marcelo que nunca mediram esforços para que eu realizasse meus sonhos. Me escolheram e me amam de maneira incondicional, estando ao meu lado em momentos bons e ruins, sempre segurando a minha mão de maneira firme para que não caísse em meu caminho. Eu os amo muito e sempre serei grata pela educação, amor e apoio que tanto dedicaram a mim. Vocês são a minha base, obrigada.

As poucas e valiosas amigas que tenho, aquelas que se fortalecem com o passar dos anos e as outras que foram construídas ao longo do processo do mestrado. Às queridas Bárbara Faccio, Larissa Drumm e ao Igor Costa. E, em especial, à Tatiana Lopes que foi um incrível presente que o mestrado me deu, é surpreendente como mesmo à distância, por conta da pandemia, conseguimos criar vínculos tão profundos, sua presença foi essencial.

Um agradecimento especial a todos os conselhos e “puxões de orelha” de Paula Muniz, que tanto me acolheu quando eu ainda estava na graduação e me auxiliou a seguir o caminho tão sonhado, mas ao mesmo tempo tão temido da pós-graduação. Obrigada por não deixar que eu descreditasse em minha capacidade de superação e seguir frente aos desafios da vida.

Ao NIGS e a todas as pessoas que dão vida a este núcleo de pesquisa. Fazer parte do NIGS foi essencial para meu processo de aprendizado e amadurecimento enquanto pesquisadora e feminista. Gostaria de utilizar este espaço para fazer um agradecimento especial à professora Miriam Pillar Grossi que acreditou em meu potencial, abriu as portas para que eu integrasse o núcleo e me motivou a desenvolver projeto de pesquisa para a seleção do mestrado.

À minha orientadora, Alinne de Lima Bonetti, que abraçou minhas ideias para o projeto de pesquisa e me guiou na vida da pós-graduação. Agradeço por em um momento tão difícil que foi a pós-graduação em tempos pandêmicos eu ter sido orientada por uma pessoa com tanta sensibilidade, dedicação e amor pela docência. São de professoras afetuosas e inspiradoras como você que o mundo acadêmico necessita.

Ao meu companheiro Ricardo por ter acreditado em mim, sempre, mesmo quando eu duvidei. Obrigada por segurar minhas mãos nos momentos de insegurança, sonhar junto comigo e projetar uma vida de companheirismo, amor e felicidade. Seus olhares, abraços e carinhos foram essenciais.

Aos meus amores Theodoro e Olívia, minhas pequenas alegrias que sempre roubam sorrisos e gargalhadas. Sem vocês, a vida não teria tanta cor.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa. Ter tido a bolsa de mestrado ao longo dos dois anos foi fundamental para que eu pudesse me dedicar integralmente à pós-graduação.

E não poderia deixar de agradecer às interlocutoras desta pesquisa. Obrigada pela disponibilidade de compartilhar comigo suas vivências, acreditarem no projeto de pesquisa e pela confiança que depositaram ao compartilhar comigo suas dores e alegrias.

“Sua mãe grande pediu que eu falasse ao seu marido para fazer logo o trabalho dele, os braços dela estão comichando de vontade de embalar um bebê”. As duas riram, e Nnu Ego comentou: “Ah, esse pessoal... Será que não pensa em outra coisa?”

(Buchi EMECHETA, 2018)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as relações entre maternidade e ciências, esferas da experiência social humana que historicamente têm sido percebidas como incongruentes. A partir do aporte teórico-metodológico da Antropologia Feminista e, em particular, da etnografia realizada junto a um grupo de onze antropólogas em formação que são mães, esta pesquisa examina os desafios enfrentados, as práticas e os sentidos produzidos sobre o tornar-se mãe conjugado ao tornar-se antropóloga. Das experiências de maternidade e de formação antropológica das interlocutoras emergiu a categoria analítica bem-maternar, reveladora das suas aprendizagens e das suas inventividades no processo de cultivo da sensibilidade da responsabilidade, central para o exercício da maternagem, que também atravessa o exercício antropológico. O bem-maternar, ao mesmo tempo em que desafia os significados sociais da maternidade, revela a cultura científica antropológica e seus esquemas de gênero em que a maternidade aparece como um marcador social da diferença significativo. No contexto acadêmico, este marcador articulado a outros como gênero, classe, raça e geração, produzem desigualdades. A análise propõe, assim, um novo olhar sobre o tornar-se mãe e o tornar-se antropóloga, em direção à indissociabilidade dessas duas esferas.

**Palavras-chave:** Maternidade. Antropologia. Gênero. Ciência. Bem-maternar. Desigualdades.

## ABSTRACT

This work aims to understand the relationships between motherhood and the sciences, which are spheres of human social experience that have historically been perceived as incongruous. From the theoretical-methodological contribution of feminist anthropology and, in particular, ethnography carried out with a group of eleven anthropologists in training and who are also mothers, this research examines the challenges faced, the practices and the meanings produced about becoming a mother conjugated to becoming an anthropologist. From the experiences of motherhood and anthropological training of the interlocutors emerged the analytical category well mothering, which revealed their learning and their inventiveness in the process of cultivating the sensitivity of responsibility, central to the exercising of motherhood, which also crosses over to being an anthropologist. Well mothering, while challenging the social meanings of motherhood, reveals anthropological scientific culture and its gender schemes in which motherhood appears as a social marker of significant difference. In the academic context, this marker, when articulated to others such as gender, class, race and generation, produces inequalities. The analysis thus proposes a new look at becoming a mother and becoming an anthropologist, in light of the inseparability of these two spheres.

**Keywords:** Maternity. Anthropology. Gender. Science. Well mothering. Inequalities.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

NIGS Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>17</b>
2.1	CONSTRUINDO O OBJETO DA PESQUISA.....	19
2.2	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: A ANTROPOLOGIA FEMINISTA.....	30
2.3	O MÉTODO, LIMITES E DESAFIOS .....	32
2.4	O BEM-MATERNAR.....	44
<b>3</b>	<b>TORNAR-SE MÃE: AS RESPONSABILIDADES DA MATERNIDADE E O BEM-MATERNAR .....</b>	<b>46</b>
3.1	A MATERNIDADE: ENTRE NATURALIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES SOCIAIS	46
3.2	<i>NO COMEÇO EU SENTI ‘NOSSA, FUDEU!’: A DESCOBERTA DA GRAVIDEZ, A EMERGÊNCIA DA SENSIBILIDADE DA RESPONSABILIDADE E SEUS SENTIDOS.....</i>	<i>51</i>
3.3	CULTIVANDO UMA RESPONSABILIDADE: ENTRE O DESEJO, ESCOLHAS E AS EXPERIÊNCIAS DO TORNAR-SE MÃE .....	54
3.4	PROJETOS, CARREIRA E ANTROPOLOGIA: CAMADAS DE RESPONSABILIDADE E O BEM-MATERNAR.....	69
<b>4</b>	<b>TORNAR-SE ANTROPÓLOGA.....</b>	<b>77</b>
4.1	O IDEAL DE CIÊNCIA E DE CIENTISTA .....	80
4.2	INSTITUIÇÕES, PROFESSORAS E PROFESSORES .....	84
4.3	PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO .....	93
4.3.1	<b>Momentos de estudo e de escrita .....</b>	<b>93</b>
4.3.2	<b>Temas de pesquisa .....</b>	<b>96</b>
4.3.3	<b>Trabalho de campo.....</b>	<b>98</b>
4.4	NOTAS CONCLUSIVAS .....	104
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>

<b>ANEXO A – Roteiro de entrevista I.....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO B – Roteiro entrevista II .....</b>	<b>119</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Na esteira da provocação introduzida na epígrafe por Buchi Emecheta, que nos interpela a problematizar os significados sociais em torno da maternidade como uma dimensão da experiência humana, tomada como compulsória na vida das mulheres, esta dissertação busca compreender sobre a relação entre maternidade e ciência para antropólogas em formação que são mães. A pesquisa nasceu de minha curiosidade científica<sup>1</sup> sobre a temática, que envolve aspectos subjetivos enquanto mulher negra, heterossexual que está em uma relação estável e é constantemente lembrada da necessidade de me tornar mãe. O incômodo gerado por tais questionamentos foram tomando forma ao encontrar na bibliografia referente ao tema ciências e maternidade, uma suposta incongruência (Londa SCHIEBINGER, 2001; Silvana BITENCOURT, 2011; Candice SOUZA, 2020), ao mesmo tempo que via ao meu redor mulheres acadêmicas com filhos.

Assim, com o objetivo de compreender como se dá tal relação e seus significados em ação na experiência concreta de mulheres universitárias que têm filhas e filhos, a partir da abordagem teórico-metodológica da Antropologia Feminista (Henrietta MOORE, 1988; Alinne BONETTI, 2009; 2012), que por meio da etnografia pretende problematizar as relações de poder inerentes à situação etnográfica e, com isso, abrir caminhos para transformações sociais (BONETTI, 2012). Assim, motivada pela busca em conhecer as imbricações entre a maternidade e o fazer antropológico, ou, mais especificamente, entre o aprendizado e exercício de uma e outra, esta dissertação ganhou vida. Ela está organizada em três capítulos, além desta breve introdução e das também objetivas considerações finais.

No primeiro capítulo, intitulado *Caminhos da pesquisa*, exponho quais foram as motivações que aguçaram minha curiosidade científica a ponto de iniciar a pesquisa sobre o tema da maternidade e sua relação com a ciência, assim como faço um resgate da literatura sobre a temática em que me baseei na construção do objeto de pesquisa. Nele exponho os referenciais teóricos metodológicos utilizados, bem como as reflexões sobre os desafios que encontrei ao longo do trabalho de campo. Apresento, também, o universo de interlocutoras desta pesquisa, composto por onze mulheres universitárias; um grupo heterogêneo, cuja característica

---

<sup>1</sup> A escrita da curiosidade científica foi uma técnica que minha orientadora Alinne Bonetti apresentou a mim e as outras orientadas para que pudéssemos compreender de onde vinham nossos anseios para pesquisar nossas temáticas. Sua técnica de orientação se baseia nas críticas feministas à ciência para que possamos produzir um conhecimento com objetividade corporificada, localizado e, portanto, responsável (Donna HARAWAY, 1995).

em comum é o fato de ser mãe em meio à formação em Antropologia. Por fim, ainda neste capítulo apresento a categoria analítica do bem-maternar, originada das experiências da aprendizagem e do exercício da maternidade das interlocutoras, que nos possibilita compreender as práticas maternas como elaborações contextuais destas mulheres.

No segundo capítulo, *Tornar-se mãe: as responsabilidades da maternidade e o bem-maternar*, faço um resgate bibliográfico da compreensão da maternidade enquanto uma construção histórica sociocultural de modo a contrastar as vivências do aprendizado e exercício da maternidade das interlocutoras da pesquisa. Por meio da observação das suas práticas significativas no processo de tornarem-se mães, é possível identificar a maternidade a partir da elaboração do cultivo de uma sensibilidade particular, que a dota de sentido: o sentimento de responsabilidade, referido de diferentes formas entre as interlocutoras. bordo como tal sensibilidade da responsabilidade se relaciona com a assunção de maternidades reais, ou seja, formas e modos próprios de experienciar a maternidade em direção ao bem-maternar.

Já no terceiro capítulo, *Tornar-se antropóloga*, analiso como o processo formativo em antropologia das interlocutoras está intimamente ligadas com o exercício das suas maternidades, apontando para o fato de que serem mães impacta nas suas produções de conhecimento e na forma como se relacionam com os ideais de Ciência e de cientistas, e os desafiam.. Por fim, vemos a intersecção do bem-maternar, suas experiências de formação em antropologia e da maternidade em seus trabalhos.

Nas *Considerações finais* faço uma breve retrospectiva de aspectos importantes da pesquisa trabalhados nos capítulos anteriores, juntamente com o que considero serem as contribuições da dissertação para os estudos de gênero e ciência. Gostaria de fazer uma observação sobre as convenções de escrita da dissertação. Utilizo, ao longo do trabalho, as “aspas duplas” para conceitos, expressões e excertos bibliográficos, já o itálico utilizo para termos ou falas das interlocutoras e palavras estrangeiras, conforme padrão da redação científica e norma culta da língua portuguesa. Também cabe dizer que as citações e referências seguem o sistema autor-data, mas quando é a primeira entrada no capítulo de citação ou paráfrase utilizo também o prenome, como forma de posicionamento pela visibilidade da autoria das mulheres na política de produção de conhecimento científico, em consonância às epistemologias feministas e sua crítica à ciência, que inspiraram esta dissertação.

## 2 CAMINHOS DA PESQUISA

Os caminhos que percorri para chegar até aqui foram diversos e em muitos momentos conflitantes; me via como alguém que andava em círculos, à procura de soluções para problemas que por muito tempo entendia como questões pessoais. Hoje, percebo que eram movimentos em espirais e que os meus questionamentos, embora partissem da minha experiência e vividos como individuais, eram, na verdade coletivos, oriundos de modelos predominantes de feminilidade, a partir de convenções de gênero (Alinne BONETTI, 2007; 2011a; 2012) articuladas a marcadores étnico-raciais e geracionais.

Assim, minha curiosidade científica sobre as relações entre maternidade e produção científica vem das minhas experiências de socialização enquanto mulher cisgênero negra e minha inserção no mundo acadêmico universitário. É dentro desse *looping* de socialização, universidade, racismo e seus impactos sobre o que se tem identificado como a “solidão da mulher negra” (Lélia GONZALEZ, 2020) que está o que me mobiliza nos meus questionamentos e, por conseguinte, na minha trajetória reflexiva.

Parece-me difícil explicar o começo, de onde vem o interesse de compreender a maternidade, já que ela esteve sempre presente no meu processo de socialização. Brincadeiras de bonecas, filmes, desenhos, novelas, propagandas, minha família e escola... A vida me mostrou o caminho maternal como natural, mesmo para aquelas pessoas que, por algum motivo, não pudessem ter filhos biológicos, como é o caso dos meus pais. E se embora o começo seja de difícil localização, posso dizer que atualmente me sinto em um emaranhado confuso sobre se quero ou não ser mãe, se é uma vontade genuína ou uma pressão social (e familiar) para aumentar a família, e de como fazer isso continuando a perseguir um sonho que finalmente está se tornando real: o sonho da vida acadêmica e de constituir uma carreira científica. Foi na adolescência que percebi que embora o caminho seja dito como natural, não era tão natural assim para todas as mulheres. As diferenças raciais já apareciam para mim como fundamentais para entender o porquê de algumas mulheres serem escolhidas para casar e ter filhos e outras não; embora o discernimento e a maturidade de compreensão eu só fosse ter quando estivesse na universidade.

Como referi, o racismo e os seus impactos sobre o que se têm identificado como a “solidão da mulher negra” (GONZALEZ, 2020) são dois pontos que me fizeram (e fazem) me questionar se devo ou não seguir o caminho da maternidade. São questões que contam para tomar a decisão, seja pelas dificuldades e pelo sofrimento que sei que possíveis futuros filhos

passariam por serem negros, como o receio de tornar-me mais uma mulher negra mãe solo, que não tem outra escolha a não ser encarar o que vier pela frente. O medo vem da consciência de que as crianças negras são alvo desde antes de nascerem, e temo por um futuro incerto em que cada vez mais temos uma mira de tiro ao alvo em nossas costas<sup>2</sup>.

Justamente por ter a consciência da dificuldade enfrentada pelas pessoas negras para adentrarem na universidade e alçarem uma carreira científica, que prezo muito pelo que conquistei. Sei que não é uma conquista individual, mas coletiva e resultado de muita luta das e dos que vieram antes de mim que culminou em políticas de ações afirmativas. Essa valorização está calcada, não posso negar, em uma idealização sobre a vida de cientista acadêmica, que se dedica integralmente ao seu trabalho, e aí a escolha da maternidade se torna ainda mais difícil de ser feita, por me parecer ser antagônica com a construção de uma carreira.

Acredito que esse seja um dos pontos de partida que me levaram à temática, mas as complexificações vieram quando tive contato com a antropologia, quando no estudo sobre antropólogas pioneiras não apareciam experiências de maternidade.<sup>3</sup> O meu despertar para o tema veio quando na defesa de dissertação de Gabriela Pedroni (2020) a banca perguntou sobre as maternidades de suas interlocutoras (antropólogas feministas mexicanas) e como elas lidavam com seus trabalhos e a criação dos filhos, e se os filhos as acompanhavam. Eu não conseguia deixar de me perguntar sobre onde ficavam essas crianças, como era para essas mulheres irem fazer pesquisas acompanhadas e como o campo respondia a tudo isso.

Este conjunto de questões, reflexões e afetações (Jeanne FAVRET-SAADA, 2005), são vivenciadas individualmente, mas – como a pesquisa buscou analisar – fruto de configurações sócio-históricas específicas, partilhadas e vividas de maneira particular por um conjunto de mulheres. Portanto, é a partir dessas problematizações que se construiu o objeto que deu vida a esta dissertação.

---

<sup>2</sup> ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. **G1**. 31 de agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>. Acesso em 26 de fevereiro de 2022. PORTO, Douglas. Negros representam 78% das pessoas mortas por armas de fogo no Brasil. **CNN Brasil**. São Paulo, 19 de novembro de 2021, Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-representam-78-das-pessoas-mortas-por-armas-de-fogo-no-brasil>. Acesso em 26 de fevereiro de 2022.

<sup>3</sup> Estive ligada ao projeto *Outros Olhares sobre a História da Antropologia* no Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS) com orientação da professora Miriam Grossi. O projeto buscava dar visibilidade para antropólogas do Brasil e do sul global sob a ótica de gênero.

## 2.1 CONSTRUINDO O OBJETO DA PESQUISA

No percurso da revisão bibliográfica sobre antropologia, mulheres e atuação intelectual para seleção de mestrado, comecei a perceber que a maternidade pouco aparecia na biografia de antropólogas pioneiras (Miriam GROSSI, 2006 e 1999; Mariana SOMBRIO, 2016); além disso, as leituras suscitaram-me a identificação de um conflito com a carreira profissional, o que acabava por levar as mulheres a outros caminhos profissionais que não o da carreira científica (Candice Vidal e SOUZA, 2016 e 2020; Mariza CORRÊA, 2003; Bruna KLÖPPEL e Miriam GROSSI, 2020; Wilton SILVA e Rafaela VIEIRA, 2019; Fernanda MORAES, 2012). A essa descoberta na literatura, assomam-se reflexões e preocupações pessoais anteriores, em que a possibilidade de ser mãe acabava por se tensionar com o meu desejo de ter uma carreira científica.

Donna Haraway nos diz em seu texto *Saberes Localizados* (1995) que devemos compreender onde estamos enquanto pensadoras para que nossas reflexões sejam produzidas a partir de uma objetividade corporificada, o que resultaria em um conhecimento responsável. Assim, compreendo que foram questões pessoais que me levaram a problematizar esse suposto tensionamento entre carreira acadêmica e maternidade. Eu, enquanto uma mulher cisgênero em um relacionamento heterossexual estável, comecei a ser questionada por muitas pessoas em minha volta, que já não perguntam *se* terei filhos, mas *quando* os terei, ou seja, sentia uma pressão da “maternidade compulsória” (Lucila SCAVONE, 2001a)<sup>4</sup>. Tal questionamento está sobre meus ombros já faz algum tempo, assim como a pressão que sinto – e que se torna cada vez mais pesada a cada fio branco que aparece em meus cabelos crespos –, afinal, diz-se que há o momento certo de ter filhos e talvez eu o esteja deixando passar para me dedicar a uma realização pessoal, o sonho da pós-graduação.

Esta suposta incongruência entre maternidade e carreira científica são construções sócio-históricas, e foram criadas de maneira simultânea. Com a crescente polarização das esferas pública e privada, ocorrida durante os séculos XVIII e XIX, a família foi deslocada para a esfera privada, e a ciência para a esfera pública da indústria e universidade (Londa SCHIEBINGER, 2001). As mulheres ficaram encarregadas da vida doméstica, familiar,

---

<sup>4</sup> Foi muito interessante (e reconfortante) ver que esse questionamento se faz presente na vida de outras mulheres, sendo o impulso para pesquisas ou escrita, como é o caso de Lina Meruane (2018) e Orna Donath (2017).

enquanto os homens ficaram na vida pública na divisão sexual do trabalho. O saber científico trazia os argumentos para a justificação da alocação feminina na vida doméstica, assim como justificou a desigualdade de gênero com argumentos de naturalidade do sexismo e, portanto, legitimando tal desigualdade. (Elizabete SILVA, 2008). A justificação era necessária para organização patriarcal e estrutura econômica capitalista.

Já o modelo moderno de maternidade, fortemente associado à feminilidade, emergiu no século XVIII nas sociedades ocidentais. Esse modelo, de acordo com Lucila Scavone (2001b), exaltava o papel natural da mulher enquanto mãe e a maternidade como efetivação da função social feminina. Desde então as sociedades sofreram inúmeras transformações, assim as mudanças foram acompanhadas também por alterações no modelo de maternidade ideal.

Embora o modelo moderno de maternidade traga outras possibilidades para as mulheres para além do papel social de mãe, ainda está incutido nele que as principais responsáveis pelos filhos são as mulheres. De acordo com Scavone, o modelo de maternidade reduzida<sup>5</sup> diminuiu, mas não esgotou a ambiguidade entre a vida profissional e a vida familiar. Para mulheres que querem seguir carreira profissional a realização da maternidade ainda é um dilema, pois ainda são as mais sobrecarregadas pelas responsabilidades parentais e “a maternidade continua sendo afirmada como um elemento muito forte da cultura e identidade feminina pela sua ligação com o corpo e com natureza<sup>6</sup>” (SCAVONE, 2001a, p. 145).

Então o dilema se dá pela maneira pela qual a maternidade é compreendida socialmente, já que são as mulheres que continuam tendo maior comprometimento com os filhos do que os homens, assumindo a maioria das responsabilidades parentais. Como Elisabeth Badinter (2011) nos diz, a “boa mãe” ainda é entendida como aquela que coloca os filhos acima da carreira profissional, sendo estigmatizadas aquelas que não o fazem. O significado social da maternidade revela que mesmo com mudanças ocorridas na situação social das mulheres, “a realização da maternidade ainda compromete consideravelmente as mulheres e revela uma face importante da lógica da razão androcêntrica” (SCAVONE, 2001b, pp. 149-150).

Compreender a maternidade como uma construção social é, portanto, perceber que são “as relações sociais de dominação que atribuem um significado social à maternidade”

---

<sup>5</sup> A maternidade reduzida, de acordo com Scavone (2001b), é o modelo em que as mulheres passam a ter um número menor de filhos, tendo proles reduzidas.

<sup>6</sup> Elisabeth Badinter questiona a relação da maternidade com a natureza da mulher ou o instinto materno em sua obra *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno* (1985). Ao percorrer a história das atitudes maternas, a autora demonstra que a concepção de instinto materno é um mito. Não se encontra nenhuma conduta universal e necessária da mãe, e que ao contrário disto, se constata variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura (BADINTER, 1985).

(SCAVONE, 2001b, p.141). A politização da vida privada que ocorre com os feminismos; a partir da insígnia *o pessoal é político*<sup>7</sup> denota que existem demandas sociais imbricadas à vida particular de cada mulher, incluindo a própria ideia de maternidade como um destino social para as mulheres. Assim, podemos pensar a maternidade como uma construção histórica, cultural e política que resulta das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro (SCAVONE, 2001a).

O trabalho doméstico não remunerado de mulheres foi a base do funcionamento do mundo profissional e também científico. O trabalho feminino proporcionou o apoio para o progresso da carreira de homens, em que as mulheres alimentavam, vestiam e cuidavam de todos do lar. De acordo com Silvia Federici (2017), a regeneração cotidiana da capacidade de trabalho dos trabalhadores se converte, em sociedades capitalistas, em trabalho de mulheres que não são assalariados e são mistificados e tidos como recursos naturais ou serviços pessoais e, portanto, tomado como vocação natural das mulheres.

No que diz respeito à ciência, importa destacar que as instituições científicas foram estruturadas sobre a suposição de que os cientistas seriam homens, fundadas a partir da exclusão das mulheres. Desta forma, as universidades e outras instituições científicas, embora estejam se tornando lentamente mais plurais e venham se adequando às demandas da diversidade, se constituíram sob a lógica de exclusão feminina.

A cultura científica tomou forma na ausência das mulheres e em oposição à sua participação (SCHIEBINGER, 2001). A ciência é masculina não apenas por seus praticantes, mas em seu *ethos*, como ideais opostos de ciência e feminilidade, e a própria imagem ideal de cientista é a do homem devotado à ciência, negligenciando sua família como prova de sua devoção.

As mulheres que decidiram conciliar família e carreira ficam em desvantagem com o discurso meritocrático de que já existem oportunidades iguais para todos, basta haver dedicação que haverá reconhecimento pela sua produção de conhecimento. Mesmo que as instituições procurem nivelar condições iniciais para homens e mulheres, sem levar em consideração as desigualdades existentes na vida privada, as mulheres continuarão em pé de desigualdade. A

---

<sup>7</sup> A insígnia *o pessoal é político* foi forjada a partir da experiência de grupos de conscientização feministas dos Estados Unidos nos anos de 1960, traz em si a noção de que os problemas que as mulheres viviam cotidianamente tem raízes sociais, e assim para resolvê-los necessitavam de soluções coletivas. A expressão questiona a suposta separação entre as esferas privada e pública, já que a “dinâmica do poder estrutura as duas esferas, essas diferenças são apenas ilusórias” (Cecília SARDENBERG, 2018, p. 16).

vida doméstica e seus arranjos são parte da cultura da ciência (SCHIEBINGER, 2001). Embora se tenha a distinção entre as esferas, a vida privada não está apartada da vida pública, a vida profissional é beneficiada pelo trabalho doméstico não remunerado.

Questões relacionadas ao gênero estão dentro dos processos de produção de conhecimento, pois tal produção está em contextos de disputas de poder e desigualdades sociais, não estando alheia à sociedade. Os padrões de produtividade acadêmica e o modelo de carreira científica não trazem em si a possibilidade de negociação da conciliação entre maternidade e a vida profissional. Se nos espaços acadêmicos existem desigualdades de gênero, os usos do tempo para produção de conhecimento e a vida acadêmica sendo mais convenientes aos modelos de masculinidade (Silvana BITENCOURT, 2014) afetam principalmente as cientistas que optam pela maternidade.

Mesmo em áreas científicas que se tem um número maior de mulheres, como as ciências humanas, o gênero continua sendo um limitador de carreiras científicas, já que não estão imunes às convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012) que organizam a cultura científica, como é o caso que da Antropologia, área escolhida como recorte para a pesquisa. A forma de produzir conhecimento na área de antropologia, via trabalho de campo, aponta para a produção de conhecimento singular de cada pesquisadora. Devido às convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012) da sociedade em que se está pesquisando, a antropóloga pode estar em situações específicas e, portanto, ter acesso e produção de conhecimentos únicos.

A pandemia do Coronavírus trouxe à tona muitas questões relacionadas à produtividade científica, dando mais visibilidade às situações de cientistas mães e os problemas enfrentados por elas em suas triplas jornadas. O debate que já era intenso desde o ano de 2017, quando a organização do *Parent in Science*<sup>8</sup> tomou forma, culminando no primeiro Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, ocorrido no ano de 2018 em Porto Alegre, tendo uma nova edição em 2019. Outras frentes como o Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência<sup>9</sup> criado

---

<sup>8</sup> Grupo formado por pais e mães que buscam debater a parentalidade dentro do universo científico brasileiro. As ações iniciaram na busca de dados e conhecimentos sobre o impacto dos filhos na carreira científica de homens e mulheres. O *Parent in Science* apresenta seminários e palestras, foram os pioneiros em levantamento de dados sobre as consequências da chegada dos filhos e, atualmente, realizaram levantamento sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na vida de cientistas no Brasil. Para saber mais: PARENT IN SCIENCE (Brasil). **Sobre o Parent in Science**. 2018. Disponível em <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>. Acesso em 08 maio 2021.

<sup>9</sup> Instituído em 2018, o Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência é vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O grupo é formado por professoras, técnicas administrativas e estudantes de diversas áreas do conhecimento. BRASIL. Mulheres na Ciência. Universidade Federal Fluminense. **Quem Somos**. s/d. Disponível em <https://www.mulheresnaciencia.org/>. Acesso em 10 maio 2021.

em 2018 e a formação de coletivos de mães estudantes em universidades mostram a atualidade e relevância do tema.

Chama a atenção nessas organizações e eventos que o foco é dado às ciências duras, o que me fez buscar mais dados sobre o campo das ciências humanas, em geral, e particularmente na antropologia. Percebe-se que há esforços para o fortalecimento de mulheres cientistas dentro de suas áreas, porém o foco dado às ciências duras e a feminização das ciências humanas, faz questionar se nas ciências humanas não haveria problemas (Alinne BONETTI; Alana VERANI, 2021) relativos às convenções de gênero, a modelos de masculinidade e de feminilidade vigentes no seu *ethos* científico e, em específico, à maternidade.

É notável a hierarquização das áreas científicas, sendo consideradas umas mais ciências que as outras devido, principalmente, aos seus métodos de trabalho. Os métodos de pesquisa em ciências humanas são considerados menos científicos pelo inegável vínculo à subjetividade das e dos cientistas. A pesquisa em Antropologia é feita em conjunto com os objetos de estudo, o seu campo se dá na relação com as pessoas pesquisadas (James CLIFFORD, 2008).

A atenção dada para antropólogas é justamente pelo interesse em pensar em como a maternidade das cientistas se relaciona com as relações construídas durante suas pesquisas. A pesquisa foca em antropólogas em formação, pois é durante o processo de formação científica em que estão tendo novas experiências de socialização, há a mudança na forma de olhar o mundo. Da mesma maneira que a experiência formativa o faz, o processo de maternidade, o tornar-se mãe, também. Assim, a maternidade interage nos processos de aprendizagem científica, na forma de produção antropológica. É importante compreendermos como a relação entre a produção antropológica e a maternidade se concretiza de acordo com a experiência de cada uma. Esses aspectos aparecem na forma de olhar o mundo, mas também em suas escolhas metodológicas, de temas de pesquisa e em engajamento políticos, ou seja, aparecem em elementos concretos.

De modo a fundamentar a construção do objeto desta pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico quantitativo sobre o tema maternidade e carreira acadêmica em cinco banco de dados: Catálogo de Teses & Dissertações da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos da CAPES, Scielo e a Busca Integrada da Biblioteca universitária da UFSC<sup>10</sup>. Os resultados obtidos foram sendo refinados com os

---

<sup>10</sup> As palavras-chave utilizadas durante a pesquisa foram: maternidade, antropologia, antropólogas, carreira acadêmica, trabalho, trabalho científico, ciências humanas e cientistas.

usos de palavras-chave e o que percebemos é que a maioria dos trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação sobre a temática situam-se na área de psicologia (Greyce BELTRAME, 2012; Priscila CARVALHO, 2006; Mariane CISCON-EVANGELISTA, 2014; Marina LIMA, 2012; Valéria MEIRELLES, 2001; Andréa MENDES, 2017; Fabiene PINTO, 2015; Helena MONTEIRO, 2015; Valeria RUFINO, 2018), sendo poucos os oriundos de programas de pós-graduação em antropologia (Juliara SEGATA, 2017; Mariana PULHEZ, 2015; Miriam GOLDENBERG, 1994, Vanessa OLIVEIRA, 2019), ou de áreas afins, como ciências sociais ou sociologia (Marta SILVA, 2016; BITENCOURT, 2011, Simone FRANCO, 2018). Dentre os trabalhos que abordam a temática, nenhum trata especificamente de antropólogas que são mães, quanto mais das implicações da maternidade na produção de conhecimento. Assim, percebi uma lacuna que buscou ser preenchida por esta proposta de pesquisa.

A maioria dessas pesquisas trata da experiência da maternidade e seus significados para mães frente a sua relação com o mercado de trabalho, e tratam do possível conflito entre a carreira e a maternidade. A perspectiva de não-conciliação da maternidade com a vida profissional é interpretada como uma motivação para a postergação da maternidade para um momento de maior estabilidade profissional, como apontam Priscila Carvalho (2006) e Marina Lima (2012), que também buscou compreender o que há de específico entre mulheres que se encontram no limite do tempo biológico (acima de 40 anos) para atingir o objetivo da maternidade.

Outros trabalhos, como o de Valéria Meirelles (2001), contribuem para a discussão sobre a divisão sexual do trabalho e de como mesmo mulheres com carreiras bem-sucedidas acabam por serem as principais responsáveis pela casa e família. Assim, observamos a criação de um modelo de “super mulher” (BITENCOURT, 2017), que consegue dominar com competência o universo da casa e do trabalho.

Nas pesquisas realizadas, é recorrente a divisão entre o espaço doméstico e profissional, e da maternidade como um elemento da vida doméstica que pode ser um obstáculo para ascender profissionalmente (MENDES, 2017) e a necessidade dentro da dinâmica contemporânea entre as duas identidades - maternidade e carreira - de suporte de redes de apoio (PINTO, 2015) para evitar sofrimentos como o analisado por Greyce Beltrane (2012) da separação da mãe e do bebê ao retornar para o mercado de trabalho.

No levantamento bibliográfico também encontramos pesquisas que trataram dos significados da maternidade. Juliara Segata (2017) fez uma etnografia que permitiu perceber as transformações sobre os debates entre a maternidade ideal e a vivida; já Mariana Pulhez (2015)

analisou feministas mães e a transformação do parto e do trabalho de cuidado dos filhos em momentos de prazer e definição de um novo *script* para os pais. Vanessa Oliveira (2019) trouxe, por meio da etnografia junto a mães adolescentes, a valorização do processo de amadurecimento trazido pela maternidade; ajudando a compreender a maternidade para além de um ponto final na vida das mulheres que sonham em ter carreiras.

As pesquisas que tratam especificamente de trajetórias profissionais como as de Helena Monteiro (2015) nos ajudam a refletir sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres para a ascensão profissional associadas à questão de gênero, mostrando que mesmo com o reconhecimento social da capacidade intelectual e da qualificação profissional, os estereótipos de gênero que reproduzem a desigualdade permanecem. Já com Valéria Rufino (2018), percebemos que há um processo de feminização da atividade docente de áreas de conhecimento relacionadas ao cuidado, saúde e educação, processo estreitamente ligado aos estereótipos de gênero. Com Rufino (2018) também vemos a dificuldade de progressão da carreira e a dificuldade no recebimento de bolsas de produtividade de pesquisa.

A identificação de pós-graduandos como grupo social, que embora trabalhem, não são considerados trabalhadores e as questões de instabilidade que este não reconhecimento envolve aparecem na pesquisa de Mariane Ciskon-Evangelista (2014). Nesta pesquisa, embora o foco não seja a parentalidade, ela aparece como uma questão relevante. Silvana Bitencourt (2011) trabalha especificamente com doutorandas e sua relação com a maternidade, não enfocando em nenhuma área de conhecimento específica, sua pesquisa abrange pós-graduandas de diversas áreas científicas.

Como apontado acima, o mapeamento bibliográfico produzido aportou contribuições relevantes a esta investigação; contudo nenhuma delas tratou, em específico, da relação entre maternidade e a produção de conhecimento no contexto das Ciências Humanas ou da antropologia, em específico. Além desta importante contribuição, esta pesquisa tem potencial para refletirmos sobre os caminhos que a produtividade acadêmica tem nos levado e como questões relacionadas à maternidade podem nos mostrar problemas que são obstáculos políticos e institucionais que atingem outros agentes sociais, e não somente mães.

Frente ao exposto, a pesquisa teve como objetivo analisar as articulações entre a maternidade e a carreira científica entre antropólogas em formação; mais precisamente busquei, ao longo da pesquisa, problematizar como a relação entre mães e seus filhos e suas filhas impactam o seu “fazer ciência”. A definição pela formação disciplinar em Antropologia deve-se, em grande medida, pela experiência de produção de conhecimento antropológico

relacionada ao trabalho de campo. E aqui busco analisar os desafios que são enfrentados pelas mães na conciliação dos cuidados com os filhos e a prática etnográfica.

À medida que o trabalho de campo foi tomando forma na pesquisa exploratória, tive acesso a dados que apontaram para formas particulares de influência da maternidade nas escolhas científicas das antropólogas em formação: seja na definição do tema de pesquisa, nas metodologias que serão utilizadas e, principalmente, no engajamento de seu trabalho científico com questões políticas. Frente ao exposto, a questão norteadora no início desta investigação pode ser identificada como “Quais as implicações da maternidade no fazer antropológico?”.

Porém, ao longo do trabalho de campo fui percebendo que, para as mulheres com quem dialoguei, a sua maternidade e a antropologia se conectam de alguma maneira. Uma das perguntas sobre as que eu mais tinha prazer em ouvir as respostas era quando eu as questionava se a sua maternagem - expressão que traz a ideia de ação ou resultado de ação, processo contínuo do matinar enquanto cuidado intensivo de outra pessoa (Maria MENDONÇA, 2018) - se relacionava com a antropologia, e, se sim, de que maneira. Se quando iniciei a pesquisa eu tinha ideias preconcebidas de que a maternidade implicaria de alguma forma nos projetos de pesquisa das interlocutoras, ao final notei que era uma via de mão dupla, que na verdade o que ocorria era um diálogo. A relação entre ambas será mais abordada no próximo capítulo.

Para algumas das mulheres até poderia se dizer que seriam esferas diferentes e que havia alguma conversação, mas para outras, antropologia e maternidade eram tão imbricadas que foi com muita dificuldade que eu estabeleci fronteiras para fazer análise de suas falas. Talvez porque ser mãe, assim como ser antropóloga, não seja uma identidade que consiga se desvencilhar em um determinado ponto ou ao adentrar uma porta. As interlocutoras são antropólogas e mães, ou, mães e antropólogas, talvez seja uma questão de dificuldade de linguagem que ao colocar uma palavra sobre a outra dê a impressão de uma identidade se sobressair. Acontece que ao longo de seu percurso de formação profissional, viveram antropologia, assim como viveram e vivem a maternidade, embora algumas possam ter a dificuldade de se afirmarem enquanto cientistas pesquisadoras.

Diante do que pude ter acesso no meu trabalho de campo, a maternagem durante o período de formação em antropologia pode ter algumas questões em comum com outras maternagens de mulheres que estão no período de formação em outras áreas, mas também possui questões específicas. Tomo a formação em antropologia como um dos projetos de vida das interlocutoras que abrange a totalidade de suas vidas, incluindo a sua maternagem. Percebo isso como uma conexão de aspectos que tomaríamos como distintos - esferas pessoais ou

profissionais - que ocorre não apenas na subjetividade das interlocutoras, mas em seu corpo. Quando fiz uma pergunta específica sobre isso para Larissa – uma das minhas interlocutoras da pesquisa – a resposta que eu obtive foi:

Ah, conexão, vamos ver, acho que tem mais a ver com o parto, como eu escrevi muito sobre parto, eu achava que eu tinha me preparado para o parto [ela fala as últimas palavras rindo], mentalmente preparada para o parto, eu sabia o que eu queria. Mas na hora que a dor chegou e o trabalho de parto estava valendo eu vi que o corpo parece que realmente tem uma força própria. Não é que era separado da mente, mas a minha mente queria controlar aquilo, porque sei lá, eu uso muito a mente, né? A gente pensa muito, filosofa, enfim, fica pensando em categorias, situações... Mas na hora do parto não era isso que estava comandando, a mente, era o corpo. E na hora que eu estava lá, a minha doula sabia que eu estava estudando parto indígena, eu já tinha conversado com ela, e ela me lembrou isso “lembra que você estava fazendo trabalho? As indígenas conseguem, você também consegue, você não viu que é possível?”. [ela fala com muita empolgação e rindo] Então ela meio que trazia um pouco do que eu já tinha falado da minha vida, da minha experiência. **Então eu lembro que o parto foi uma coisa para mim muito, foi um divisor de águas passar pela experiência de força, para mim foi muito forte, então isso só me motivou a escrever sobre isso, ler sobre isso, me reconhecer em algumas leituras, ver o que eu passei, entende?** E aí, valorizar cada vez mais esse conhecimento do nascimento das pessoas e tudo o que envolve, toda rede de apoio, cuidado com o recém-nascido. Ah, eu gostei muito, então isso me motivou. **Eu senti essa ligação, na hora que eu estava escrevendo sobre isso eu estava vivenciando essa experiência de parir e toda intensidade que isso vem junto, toda importância.** [bebe grita] Então na primeira gestação foi mais isso, na segunda como eu sabia o caminho, digamos assim [fala rindo], eu estava mais confiante “agora eu já sei” tanto que a doula e meu companheiro não precisaram dar tanto aquela força, eu ia mais sozinha, eu consegui visualizar mais coisas, me senti mais forte também. **E teve essa experiência um pouquinho antes do parto que foi virar o bebe, né?** Que aí o médico falou assim “olha eu tenho um procedimento e ele tem tais e tais riscos” porque médico é assim né mostra todos os riscos “mas ele tem menos riscos do que uma cesárea”, eu falei “ah, o que que é?”, “vou fazer uma massagem que eu vou virar o bebe” aí eu falei “eu topo”, eu tinha confiança no médico “vamos fazer, vamos fazer”, **porque não é todo médico que tem esse conhecimento**, esse médico, é ele e o pai dele, o [nome do médico], o pai dele é o [nome do pai do médico], o pai dele eu também fui atendida por ele uma vez na primeira gravidez, agora ele já é aposentado, **e ele me contou que trabalhou em aldeia, então ele trouxe esse conhecimento também, essa prática.** Eles eram super a favor do parto normal, com refeito e tal, então eles me ajudaram nesse processo. **E aí eu não fiquei com medo na hora da massagem, entende?** Eu confio totalmente, se sabe fazer, então, beleza. Acho que é isso assim que foi a conexão que eu senti. (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Larissa me falou sobre como foi ser uma pesquisadora sobre partos e cuidados pré e pós-partos indígenas e de como sua experiência de pesquisa deu mais confiança para encarar o seu próprio parto. Além de seus dois filhos não estarem na posição correta para o parto normal e terem que fazer a massagem para virá-los, algo que ela já havia visto na literatura e nas pesquisas de sua orientadora. E grávida do segundo filho, ao escrever sobre sua pesquisa, não somente sua subjetividade e experiência corporal enquanto mãe também era colocada em seus

trabalhos, junto com as lembranças do parto de seu primeiro filho, de maneira que ela toma como um potencializador e motivador de escrita e pesquisa.

Já outra interlocutora, Angela, passou por uma experiência muito específica em se tratando da conexão de seu trabalho com sua maternidade quando ainda estava gestante. A interlocutora precisava fazer trabalho de campo de confirmação de dados em quilombos quando estava grávida de seu filho, porém sua médica não a autorizou.

Minha médica na época disse “eu não autorizo você ir”, eu disse “**eu não estou pedindo autorização, estou dizendo que eu vou, se a senhora não quiser ver uma desgraça preste atenção no que eu estou fazendo e no que você está fazendo**”, aí ela me receitou um remédio para não ter contração, graças a todos os orixás, se não tinha parido no meio do mato. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

Em sua fala vemos o conflito entre a autoridade médica e os planos da mulher gestante. Angela tinha a necessidade de ir por conta dos contratos que já havia firmado com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) naquele momento, pois estava elaborando laudos antropológicos para a regularização de territórios quilombolas. E é interessante pensarmos na postura firme da interlocutora ao se colocar como alguém que iria finalizar o seu trabalho. A experiência de Angela enquanto gestante tem uma conexão específica com a Antropologia por que a interlocutora descobre sua gestação em trabalho de campo, ela tem vivência e aprendizado da maternidade enquanto pesquisadora em quilombo. São experiências únicas que só foram possíveis por conta de sua trajetória profissional como antropóloga e de uma mulher que não quis modificar seus planos por conta da maternidade.

Algo que as interlocutoras trouxeram referente à relação da antropologia com a maternidade é a mudança de percepção que o conhecimento antropológico trouxe para suas vidas.

Então, assim, eu tinha essa necessidade de mostrar para as pessoas que ter filho não ia destruir a minha vida, só que esse lance da experiência mesmo, eu vivenciava, mas não sacava. **Eu fui sacar isso no mestrado, trocando ideia com as minhas interlocutoras porque, assim, sabe quando você vive o negócio, mas não saca?** (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Rosa está me contando como as experiências vindas com a maternidade só foram problematizadas e compreendidas após começar a fazer sua pesquisa de pós-graduação cuja temática era maternidade. Ela me falou das experiências que teve ao se tornar mãe como participar de chá de fraldas, chá revelação, festas de um ano de crianças. Contudo, ela só teve uma visão social do que ela vivia enquanto mãe, após começar a pesquisar sobre maternidade e perceber que estava envolvida em questões sociais e não individuais. Tais descobertas e novas

percepções fizeram diferença na forma pela qual ela entendia a maternidade enquanto instituição e as diferentes formas de maternar.

Rosa também foi a interlocutora que durante a entrevista mais falou sobre as oportunidades que a universidade trouxe para sua vida. Em se tratando de uma mulher negra que foi mãe jovem e cuja família não teve acesso à educação superior, Rosa via a universidade como um fato que abriu as portas para vivenciar experiências que não aconteceriam se ela não tivesse seguido na formação em antropologia, como viajar de avião, conhecer outras cidades e o mar, experiências que compartilha com a filha que esteve e está sempre junto da mãe em todas as etapas de sua vida acadêmica.

Então, às vezes eu fico nessa de **é muito bom e muito bonito ela viver coisas que eu nunca tive oportunidade de viver, que só foi através da universidade, mas eu acho muito cansativo, porque querendo ou não ela é um bebê, ela é uma criança, ela tem que estar comigo nesses ambientes que ela vê coisa que para a idade dela não é adequado e ela ver.** Mas eu acho que o que eu sinto é uma coisa de mãe mesmo, de você sempre se culpar e culpabilizar, você achar que não está bom, enfim. eu sinto um pouco disso, igual as vezes eu tenho que levar ela para universidade, aí a gente está lá no bosque e vem alguém fumar maconha perto dela, essas coisas, entendeu? Ela não entende, ela não vê, só que assim, talvez isso possa marcar ela de alguma forma e no futuro ela ligar a isso ou não, eu não sei não sou psicóloga, não consigo saber o que vai passar na mente dela, mas eu fico meio assim de ter que fazer ela passar por isso, sabe? **Ela ama ir para a universidade, ela ama. Ela me pede, até hoje fala assim "que dia que a gente vai?", porque ela teve boas experiências na universidade,** quando ela está com sono, ela deita e dorme aonde ela estiver, tipo, já dormiu no chão, para ela, **o que eu percebo é que para ela é bom, ela gosta dos amigos da universidade, ela vai na biblioteca, ela se diverte lá, mas acho um pouco cansativo ter que fazer ela passar por essas coisas e se eu tivesse condição não precisaria passar, se eu tivesse alguém para cuidar dela, se eu tivesse um carro para ela não ter que andar de ônibus, só essas coisas mesmo, mas acho que isso é mais coisa de mãe.** (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Na fala de Rosa vemos o conflito que há para ela enquanto mãe que compreende que as experiências vividas por sua filha, e que são possibilitadas pela universidade, são boas ao mesmo tempo que podem não ser adequadas para ela, com a possibilidade de um dano futuro, e do cansaço. A interlocutora aponta que sua filha *“é um bebê, ela é uma criança”* e que o ambiente da universidade pode não ser seguro, além de não ter a estrutura necessária para passar o dia inteiro com ela.

Mas também chama atenção o fato de que a criança *“ama a universidade”*, e que em meio a pandemia ela pergunta para sua mãe quando irão voltar para o espaço universitário. A criança tem amigos, brinca e toma para si o espaço universitário indo para biblioteca, feiras e cafés. Ao final da entrevista com Rosa, eu tive a oportunidade de conversar com sua filha e, de um jeito muito meigo, a menina me contou que gostava muito de lá, me falou de seus amigos -

que são crianças e adultos - e que o espaço que mais gostava era o café, local de socialização entre os estudantes do centro universitário que Rosa faz seu doutorado.

Reitero aqui, que a maternidade e a antropologia são tão imbricadas na vida de Rosa e de sua filha a ponto da criança tomar o espaço universitário como seu, para além de ser um lugar onde ela conhece a diversidade, ali é um lugar de sua vida cotidiana. E neste sentido, gostaria de dizer que a interação com as crianças foi importante para entender as dimensões da experiência de tornar-se mãe e antropóloga e que me inspiraram a seguir com a investigação sobre esse aspecto.

## 2.2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: A ANTROPOLOGIA FEMINISTA

O principal referencial teórico utilizado na pesquisa tem aporte na Antropologia Feminista. É baseado em suas concepções que partimos para refletir sobre o poder e as relações que advém deste. A partir da Antropologia Feminista que busquei iluminar a agência humana, as convenções e práticas de gênero e as relações sociais em sistema de distribuição desigual de prestígio e privilégios (BONETTI, 2012).

Busquei a partir do que encontrei no trabalho de campo perceber como os sentidos e significados sobre maternidade e ciência se originam, quais suas condições e possibilidades de ressignificação e articulação (BONETTI, 2009). Em se tratando da temática deste trabalho, fui a campo compreender como se dava a agência (Sherry ORTNER, 1996; 2007a) das antropólogas em formação que são mães frente aos significados sociais da maternidade, tão enraizados na concepção de nossa sociedade sobre o feminino e como as interlocutoras os articulavam com ideais de ciência e de cientista.

Lancei mão da perspectiva de Avtar Brah (2006) sobre a articulação de marcadores da diferença e sobre a diferenciação como instrumento teórico-metodológico para melhor compreensão da realidade empírica em que as interlocutoras vivem. Trabalhei com o pressuposto de que é através do trabalho de campo, com a etnografia, que podemos conhecer quais marcadores sociais da diferença são significativos em cada contexto e assim entender como são construídas as suas combinações que produzem diferenças que, por sua vez, produzem desigualdades (BONETTI, 2006).

A noção de articulação foi um bom modo de perceber como os marcadores sociais da diferença constitutivos das experiências das interlocutoras são tomados por cada contexto em que estão inseridas, visto que, por exemplo, em alguns contextos ser mãe, mulher ou negra pode

dar acesso a informações que não teriam caso fossem homens. Então, a perspectiva de Brah ajudou a ver como os marcadores sociais se relacionam em cada contexto, pois são construídas como relações historicamente contingentes e específicas de determinados contextos.

A perspectiva de Brah me permitiu olhar para as práticas das interlocutoras enquanto produtivas de poder, pois “se a prática é produtiva de poder, então a prática é também um meio de enfrentar as práticas opressivas do poder.” (BRAH, 2006, p. 373). Tal perspectiva, juntamente com a concepção da teoria da prática e agência de Sherry Ortner (2007b) possibilitou olhar para as práticas das antropólogas em formação que são mães de maneira que entendesse como as mulheres se posicionavam frente às estruturações acerca de maternidade e ciência. Assim, baseei meu olhar para o que encontrei em campo do pressuposto de que “a reprodução social nunca é total; é sempre imperfeita e vulnerável às pressões e às instabilidades inerentes a toda situação de poder desigual” (Sherry ORTNER, 2007b, p. 26), sendo que tais pressões advêm de sujeitos complexos, assim como os contextos e relações em que estão inseridos.

Vejo que o contexto com o qual trabalhei ao longo da pesquisa poderia ser percebido com o chamado “jogos sérios”, maneira com que Sherry Ortner (2007a) conceitua as formações culturais. Utilizar a perspectiva da autora é pressupor que os sujeitos com que trabalhei podem ser vistos como “atores culturalmente variáveis (e não universais) e subjetivamente complexos (e não predominante racionalistas e interessados em si mesmos)” (ORTNER, 2007a, p. 46).

É partir da perspectiva de “jogos sérios” que eu encaro as experiências de minhas interlocutoras e em que eu assumo que elas possuem sua agência, mas que estão inseridas em complexas relações sociais e de poder, que não são inteiramente livres e sem restrições, já que seguem as regras do jogo. Então, seus movimentos se dão dentro das regras do jogo e também utilizam as regras do jogo em benefício próprio em que podem ressignificar e construir diferentes perspectivas de maternidade e ciência, criando suas próprias metas de acordo com que creem serem mais interessantes para si diante de suas próprias compreensões dos significados sociais de maternidade e ciência.

É desta forma que vejo as antropólogas mães interagindo, articulando e ressignificando convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012) e as relações sociais e de poder em que estão inseridas. Lembrando que são sujeitos com diferentes marcadores sociais da diferença em diferentes contextos de relações sociais e de poder que dentro de suas possibilidades encaram as “regras do jogo” (ORTNER, 2007a e 2007b).

### 2.3 O MÉTODO, LIMITES E DESAFIOS

Os caminhos que segui no decorrer da pesquisa para alcançar os objetivos que eu havia proposto, ainda no projeto, estão calcados no método etnográfico, a partir da Antropologia Feminista, pois a ênfase da etnografia em processos sociais nos possibilita revelar

as complexidades das experiências culturais relativas ao gênero, as variações de sentidos a ele atribuídas, os contrastes entre convenções constitutivas de repertórios e as variadas formas como eles são vivenciados e ressignificados, enfim, as intrincadas relações entre convenções e prática. (BONETTI, 2011, p. 59)

Com estímulo da abordagem engajada da Antropologia Feminista (BONETTI, 2011), busquei compreender a nossa própria sociedade e questões que atingem, particularmente, as mulheres. No caso da pesquisa proposta aqui, a temática tem em seu cerne problemas enfrentados pelas antropólogas em formação que são mães na intersecção entre a maternidade e a produção científica.

A escolha pela etnografia se deve ao fato de podermos nos aproximar da realidade concreta com as interlocutoras, de maneira que o trabalho de campo se dê pela relação construída com as antropólogas (James CLIFFORD, 2008). Por meio da etnografia podemos alcançar a vida cotidiana e a subjetividade das mulheres que compõem o universo empírico a ser pesquisado, buscando aspectos sociais que as envolvem (Claudia FONSECA, 1999).

Pesquisas cujos objetos de estudo fazem parte da própria sociedade da pesquisadora podem sofrer críticas em função da noção de “distanciamento” (Gilberto VELHO, 1980) que há de se ter entre pesquisadoras e pesquisadas, fundante do processo de produção de conhecimento antropológico. Contudo, concordo com Gilberto Velho (1980) que mostra o artificialismo de certas separações entre limites de sociedades e culturas, e que cabe à antropóloga relativizar essas noções, apontando suas dimensões como produto histórico-cultural. Este autor afirma que podemos estar familiarizados com cenários e situações do nosso cotidiano, o que não quer dizer que necessariamente os conhecemos. O apontamento do autor reverberou ao longo de meu trabalho de campo, haja vista que foi notável como meus pressupostos implícitos sobre o objeto de pesquisa estavam equivocados. Creio que o processo de estranhamento do familiar já teve seu início no campo exploratório, momento que me coloquei na posição de confrontar intelectualmente e emocionalmente diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações (VELHO, 1980).

Dado o contexto da pandemia do Coronavírus, os contatos com as interlocutoras foram feitos por intermédio da tecnologia. Visando a saúde de todas as pessoas envolvidas, todas as

comunicações foram feitas respeitando-se o distanciamento social. Assim, o que antes poderia ser tomado como um problema, hoje tomo como uma oportunidade de ter deixado a pesquisa com aspecto mais plural. Tive a possibilidade de entrevistar antropólogas de diferentes regiões do país e com diferentes trajetórias de vida.

Cabe dizer que a delimitação das características do universo de investigação em antropólogas em formação que são mães teve como objetivo o estabelecimento de elementos que as reúnam a partir de experiências partilhadas, já que não se trata “de uma ‘tribo’ espacial e geograficamente especializada. Ao contrário, interagi com uma ‘tribo’ dispersa, não apenas pela cidade, mas também pelas cidades” (Roseli BUFFON, 2018, p. 55), por se tratar de antropólogas espalhadas pelo Brasil, estando geograficamente instaladas em cidades diversas, mas também por serem pessoas que circulam por vários espaços sociais e várias regiões. Portanto, no sentido de “localizar experiências suficientemente significativas para criar fronteiras simbólicas” (VELHO, 1981, p. 16 *apud* BUFFON, 2018, p.59) delimito como mulheres que já eram mães ou tornaram-se mães enquanto estavam em período de formação antropológica no Brasil. Acredito que a diversidade contida nesse grupo de mulheres seja enriquecedora para a pesquisa, e por isso trabalhei juntamente de mulheres de diferentes autodeclarações raciais e sexualidades, provenientes de diferentes classes sociais.

O trabalho de campo, ainda como exploratório, teve seu início em 2020, momento em que eu já tinha interesse na temática e estava elaborando o projeto de pesquisa para a qualificação, que ocorreu na primeira metade do ano de 2021. Além do diálogo por meio de entrevistas com minhas interlocutoras, participei de muitas webconferências com a temática da maternidade. O início da pandemia foi um momento muito propício para acompanhar eventos online no formato de *lives*, por conta da sobrecarga de trabalho doméstico das mulheres em *home office* havia muitos debates acontecendo.

Considero que meu trabalho de campo foi além das entrevistas e do acompanhamento das *lives*. Acredito que tive uma dificuldade muito grande em separar o que era o campo e o que era a minha vida particular, o que era trabalho e o que não era. Digo isto porque a maternidade, o cuidado e atenção às necessidades da prole estão na minha vida cotidiana; embora não seja mãe, em todos os lugares existem mulheres cuidadoras.

Apesar de em minha vida pessoal ter ficado muito afastada de outras pessoas por conta do cuidado extremo que tivemos em meu lar, utilizei todos os momentos de interação com mulheres que são mães também como momentos de observação para compreensão dos significados sociais da maternidade. E em se tratando de cientistas que são mães, tentei utilizar

todas as oportunidades possíveis que a vida cotidiana online me propiciava, como aulas, reuniões, defesas de dissertação e tese e os eventos.

Os eventos foram muito importantes para a pesquisa. Durante as minhas participações e apresentações pude observar o quanto a temática com que trabalhei afetava (FAVRET-SAADA, 2005) as pessoas presentes, mobilizando-as a participarem e falarem de suas experiências. Ouvi relatos de experiências que emocionaram as pessoas que estavam presentes nos grupos de trabalho, assim como também houve denúncias de violências e assédios sofridos pelas mulheres. Um aspecto que atravessava continuamente minhas experiências enquanto pesquisadora sobre o tema da maternidade era o fato de eu não ser mãe. Constantemente fui interpelada por coordenadores de grupos de trabalho de eventos e coordenadores de simpósios temáticos que estavam presentes sobre eu ser mãe quando não deixava tal questão em evidência em minhas apresentações ou textos. Questiono-me se pesquisadores e cientistas que se debruçam sobre outras temáticas sejam interrogados a respeito de suas experiências pessoais e subjetivas por pares.

A técnica da entrevista foi o caminho que, preferencialmente, utilizei para obter os dados com as antropólogas. Dois recursos foram os mais utilizados: as videochamadas e conversas textuais e de áudio pela rede *Whatsapp*. Mesmo sendo entrevistas não presenciais os cuidados que Miriam Goldenberg (2004) aponta foram tomados, como a preparação para a entrevista e a postura da entrevistadora. As entrevistas foram feitas de forma semiestruturada e a partir do formato de história de vida, como é apresentada por Valdete Boni e Sílvia Quaresma (2005)

História de vida (HV), para as finalidades a que se propõe este artigo, abordaremos como uma entrevista em profundidade na qual o pesquisador constantemente interage com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. (...) A HV tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (p. 73).

Em relação à transcrição, acatei as sugestões dadas por Maria Queiroz (1991) de que deve ser a pesquisadora a responsável. Essa escolha se deve tanto para que a documentação produzida seja o mais fiel possível ao ocorrido, quanto pelo sigilo em relação ao que foi narrado. Dentre as entrevistas feitas, as entrevistas, que chamo de “continuadas”, foram de grande valia para a pesquisa. As “entrevistas continuadas” foram aquelas feitas por um longo período de tempo, entre sete e nove meses de contato, de maneira que consegui estabelecer uma relação

com as interlocutoras. Tive a oportunidade de testar tal técnica ainda no campo exploratório e, por conta do grande valor dos dados obtidos, continuei a utilizá-la ao longo da pesquisa.

A técnica foi uma adaptação que o próprio campo exigiu para que eu não perdesse a possibilidade de entrevistar possíveis interlocutoras. Assim que percebi a falta de tempo de possíveis interlocutoras para marcar um horário e fazermos uma videochamada, propus que fossemos conversando por áudios ou textos, da maneira que fosse mais conveniente para elas. Eu encaminhava áudios com questionamentos e elas podiam me responder quando estivessem com tempo disponível na “*correria*” de suas vidas cotidianas. Como elas podiam deixar gravando os áudios enquanto faziam outras coisas, eu presenciei de maneira indireta a sua vida cotidiana. Em seus áudios eu ouço pisca alertas de carro acionado, barulho de trânsito, som de louça sendo manipulada, crianças brincando, choros, risos.

Por conta do pouco tempo disponível das interlocutoras, durante as entrevistas feitas em videochamada eu seguia à risca os temas propostos nos roteiros. Já nas entrevistas continuadas eu sentia mais liberdade em trazer questionamentos que estavam surgindo por conta da leitura da bibliografia ou por cenas observadas por mim. Assim como também vejo que a relação de confiança construída mutuamente com as interlocutoras por tal técnica foi um processo mais sólido que me permitiu me colocar mais na pesquisa.

Com o vínculo maior, tive mais acesso à vida pessoal das interlocutoras e também passei a reconhecer melhor seus humores. Percebo que ter o contato mais rotineiro, além de me tornar uma pessoa mais íntima delas, possibilitou acessar relatos emocionados sobre acontecimentos cotidianos. O tom de desabafo me faz crer que compreendiam o nosso espaço de conversa como seguro; entendiam a minha posição como pesquisadora como a de alguém distante de seus círculos pessoais e que não as julgaria. Assim percebo que gostavam muito de falar sobre a maternidade real e todas as demandas que ela traz, mesmo aquelas que ainda podem ser consideradas tabus ao serem ditas por mães.

Três das “entrevistas continuadas” foram feitas com mulheres racializadas, e o acompanhamento se desenrolava à medida que a vida também seguia fora da pesquisa. Ao longo dos dois anos de mestrado mergulhei no mundo da maternidade e me percebi sendo afetada por todas as notícias chocantes de assassinato de crianças negras, ao descaso no cuidado de crianças racializadas em relação à Covid-19, e ao desespero de mães indígenas em recuperarem os corpos de seus filhos mortos pela doença.<sup>11</sup> Esses incômodos que eu senti

---

<sup>11</sup> BRUM, Eliane. Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês. **El país**. 24 de junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus->



entrevistas continuadas pedirem desculpas por acharem que estavam falando demais ou “*sem filtro*”, como referiam. E mesmo que a pesquisa mexesse em lugares muito desconfortáveis, em nenhum caso tive o apagamento das mensagens de texto ou áudio enviado.

Um dos desafios que enfrentei durante a pesquisa foi o fato de eu ter sido muito afetada (FAVRET-SAADA, 2005). A pesquisa teve seus ritmos e por conseguinte tive grandes imersões no trabalho de campo ou nas transcrições das entrevistas. Vejo que estar em contato diário com os relatos das interlocutoras e me sentir presente em suas vidas afetou meu corpo. O estresse e o que Miriam Grossi (2004) chama de “dor da tese” me atingiram. Não posso deixar de considerar também o contexto pandêmico, mas noto que nos momentos de maior imersão de contato diário, minha menstruação tendia a atrasar, gerando um pânico de poder experimentar o que me era relatado.

Sem dúvida, o maior desafio foi de ao longo do trabalho de campo e análise dos dados me livrar de meus preconceitos por conta de minha socialização a respeito da vida acadêmica e da maternidade. Igualmente desafiador foi o de me desprender de concepções que a bibliografia sobre o tema também havia trazido. Sei que tal movimento é inerente ao trabalho antropológico, mas ainda assim, sabê-lo não o faz ser fácil.

O desafio de deixar o campo falar, sem pressuposições ficou evidente para mim sobre o tema da culpa materna, aspecto que quando comecei o trabalho de campo persegui arduamente. No início, em minha lógica preconcebida, era improvável que não houvesse mãe sem culpa e quando comecei o trabalho de campo acreditei que esse era o caminho que deveria trilhar para compreender a relação entre maternidade e antropologia, que ela estaria pautada, principalmente, pela culpa. Foi muito importante para o meu amadurecimento enquanto pesquisadora, quando após o término de minha segunda entrevista, uma interlocutora conversou comigo sobre a experiência de ser entrevistada por mim e deu um *feedback* a respeito da forma que eu estava conduzindo a entrevista. Nesse momento, percebi o quanto eu teria que ter muito mais cuidado ao elaborar as questões e deixar que as mulheres falassem o que quisessem, sem que eu fizesse tantas intromissões e questões que conduzissem suas respostas. E claro, quando me deixei levar pelo campo, eu pude me surpreender ao ver que as relações entre mães e filhos não são tudo no preto e branco, que tem muito mais tons de cinza que eu esperava, sendo a culpa um deles.

Não, porque por um lado **eu tenho o exemplo da minha própria mãe**, ela estudava e trabalhava enquanto eu era criança, então eu fui várias vezes na universidade com ela, fui umas duas ou três vezes, já era maiorzinha, mas ainda tenho essa lembrança. E também saber que é uma coisa que **eu faço que vai servir para ela, se eu consigo concluir estudos superiores têm maior possibilidade de**

**qualidade de vida para ela mesma, então eu me esforço não só por mim.** Pensando nisso, eu considero que **é bem importante eu focar na minha carreira porque é um exemplo que eu posso dar para ela de que quando ela tiver filhos, filhas algum dia, não é que precisa descuidar dos seus próprios objetivos para poder cuidar de uma criança.** (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

O trecho acima foi a resposta de Amanda quando eu perguntei se ela se sentia culpada ao deixar sua filha em casa para ir para suas aulas ou colocá-la na escola para poder trabalhar. É bem interessante que em sua fala, Amanda recupera a experiência de maternidade de sua própria mãe, demonstrando que o seu entendimento passa pelas experiências de vivências próximas. Ela também traz o fato de ser um exemplo de mulher independente para a filha e de que não é necessário se anular após tornar-se mãe, além de mostrar que através dos estudos pode-se almejar uma ascensão social e melhor qualidade de vida. Em outro momento da entrevista, Amanda fala mais sobre como percebe sua mãe como exemplo:

**Eu sempre vi da minha mãe que ela teve sua própria independência financeira,** quando ela queria comprar x coisas que ela queria, ela não precisava pedir para ninguém, porque ela tinha o dinheiro do seu trabalho. Então vi esse processo de ela também avançar na carreira dela (...). **Eu estive na formação dela e depois na especialização, eu vi também esse processo dela de ir avançando, e ter também uma melhora de oportunidade de emprego, é uma coisa que serviu de inspiração pra mim.** Dizer “olha eu via ela estudando de madrugada, eu via ela fazendo um trabalho de conclusão de curso, ela conseguiu fazer isso enquanto tinha uma criança, depois tendo duas crianças”. **Então serviu para dizer que eu posso fazer também, e se organizar e de saber que vai sofrer um pouco, mas que depois passa.** (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

A visão que Amanda tem sobre sua maternidade perpassa as experiências passadas de sua mãe, de maneira que ela ressignifica o seu presente através de sua vivência enquanto filha de uma mulher que não deixou de estudar por conta de ser mãe. Ela ressignifica para a ideia de que isso não é um problema, que pode sofrer um pouco, mas é um sofrimento passageiro e que por isso não precisa se sentir culpada, principalmente, por poder colher os frutos futuramente graças ao seu desempenho presente. É importante que ela traz em sua fala a não anulação do indivíduo após tornar-se mãe, e de que isso também poderia ser um exemplo para sua filha.

A forma com que Amanda lida é particular e muito vinculada a sua experiência pessoal. Ter recebido a sua percepção sobre a culpa materna foi fundamental para que eu reavaliasse a minha posição enquanto pesquisadora, assim como o foi a sua opinião sobre a entrevista, o que contribuiu para que eu tivesse outra postura nas entrevistas vindouras.

Sabemos da necessidade de situar as sujeitas da pesquisa em seus lugares sociais e históricos, para que a pesquisa contribua com uma compreensão sócio-histórica da nossa realidade (FONSECA, 1999). Associado a este aspecto, ressalto que os dados obtidos durante

a pesquisa, bem como os trabalhos que vierem a ser produtos desta, observam o cuidado e respeito prescritos no Código de Ética do Antropólogo e da Antropologia<sup>12</sup>.

Como aponta Claudia Fonseca (2010), o uso de nomes fictícios não é garantia de anonimato, mas sabendo da profundidade das questões que a pesquisa traz, o fiz, assim como também omiti informações que possam colocar em risco a integridade física e/ou moral das participantes. A pesquisa envolve questões de hierarquias e de poder nos contextos de produção antropológica a que as interlocutoras desta pesquisa estão vinculadas, que se materializam em relatos de assédio moral, de machismo e de misoginia. Também abarca questões muito sensíveis nas vidas pessoais das interlocutoras, como problemas familiares relativos ao campo jurídico, além do risco de exposição de crianças e adolescentes.

Frente a este quadro, optei por não só utilizar nomes fictícios para todas as pessoas envolvidas como também não revelei as instituições em que as interlocutoras tiveram suas formações. Penso que seria muito fácil identificá-las dentro dos programas de pós-graduação nos quais fizeram parte, já que muitos relatos trazem detalhes de suas trajetórias de pesquisa e vida pessoal. Assim, para não ter que retirar questões que sejam mais profundas para evitar identificá-las, decidi não deixar explícito de quais instituições, as interlocutoras estão falando ou são egressas, apenas mencionando as regiões geográficas do país. Desde o princípio do trabalho de campo prezei pelo bem-estar das minhas interlocutoras. Esta é uma escolha de método de escrita etnográfica que leva em conta o que eu queria enfatizar em seus relatos, ao mesmo tempo que trata de ética com as participantes. Dito isto, passarei a apresentar brevemente as minhas interlocutoras da pesquisa, cujas experiências e trajetórias, dão vida às análises desta dissertação.

### *Angela*

Conheci Angela através de um grupo em um rede social de antropólogos negros do Brasil. Após eu enviar uma mensagem para o grupo, uma pessoa me indicou Angela, passando-me o seu contato. Assim que a contactei, ela se mostrou muito disposta, mas me explicou a dificuldade de marcar um horário em específico para uma entrevista. Foi uma das interlocutoras

---

<sup>12</sup> O código encontra-se disponível em ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2019. **Código de Ética**: Código de ética do antropólogo e da Antropologia, criado na gestão de 1986/1988 e alterado na gestão de 2011/2012. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em 10 de maio de 2021.

com quem dialoguei por meio da entrevista continuada. Nossa entrevista durou cerca de nove meses.

Angela é uma mulher autodeclarada negra, na faixa dos 35-40 anos, quase sempre heterossexual, conforme se caracterizou, candomblecista, mãe solo, solteira, com um filho que na época estava com 7 anos de idade. Tornou-se mãe entre o mestrado e o doutorado; seu filho estava com cerca de dois anos quando ela voltou para a pós-graduação. Nascida no Nordeste, sua formação profissional teve circulação por outros dois estados daquela região diferentes do seu de origem. Sua graduação foi em Ciências Sociais, mestrado em Antropologia na mesma universidade federal e doutorado em uma área interdisciplinar de Ciências Humanas, em uma universidade federal diferente.

#### *Tereza*

Assim como Angela, conheci Tereza através do grupo voltado para antropólogos negros atuantes em nosso país. Desde nosso primeiro contato foi muito solícita em conversar comigo, já começou a contar sua história enquanto mãe e antropóloga quando nos apresentamos e a partir daí mantivemos nosso contato também por via de entrevista continuada. Nossa entrevista durou cerca de sete meses. Tereza é uma mulher autodeclarada negra na faixa dos 30-35 anos, bissexual, simpatizante do candomblé, está em união estável com o pai de sua única filha, que estava com sete anos ao longo da pesquisa. A interlocutora é natural da região nordeste e circulou por três universidades federais da mesma região, fazendo graduação em Ciências Sociais, mestrado em Antropologia e doutorado em Antropologia em instituições distintas. Ela engravidou no final de seu mestrado.

#### *Silvia*

Conheci Silvia por indicação de uma outra interlocutora. Tentamos algumas vezes marcar uma entrevista, mas tivemos muitas dificuldades e por fim fizemos entrevista continuada. Nosso contato durou cerca de sete meses, mas com alguns hiatos ao longo desse tempo. Silvia é uma mulher autodeclarada indígena, na faixa dos 25-30 anos, não falou a respeito de sua orientação sexual ou religiosidade. Mãe de duas crianças, um menino de cinco, uma menina de um ano e alguns meses e estava gestante na época das entrevistas. Sua conjugalidade é de união estável com o pai da filha mais nova e da que estava gestando. Silvia é natural do Nordeste e todo o seu percurso acadêmico foi feito em uma universidade federal

da região centro-oeste, onde fez graduação em Ciências Sociais, mestrado em Direitos Humanos e está doutoranda em Antropologia.

### *Júlia*

O contato de Júlia foi feito por intermédio de outra interlocutora. Houve uma tentativa de marcar entrevista, que não deu certo e logo em seguida começamos a fazer pelo método continuado. Nossas conversas tiveram duração de nove meses. Júlia é uma mulher autodeclarada branca na faixa etária de 35-40 anos, bissexual, atéia, divorciada e mãe solo de uma menina de dez anos. A interlocutora é natural da região sul do país, região onde fez sua graduação em Antropologia e mestrado em Antropologia na mesma universidade federal. Foi uma das integrantes que fundou o coletivo de mães da universidade federal que frequentou. Tornou-se mãe no início da graduação e atualmente faz uma nova graduação em Direito. Suas temáticas de pesquisa são relacionadas à maternidade.

### *Larissa*

Entrei em contato com a Larissa por indicação de uma colega em comum. Fizemos uma entrevista via videochamada por uma rede social no dia 23 de fevereiro de 2021. Larissa é uma mulher autodeclarada parda na faixa etária de 25-30 anos, heterossexual, se diz sem religião, em união estável com o pai de seus dois filhos, um de dois anos e seis meses. Natural da região sul do país, onde também fez sua graduação em Antropologia. No momento da entrevista a interlocutora estava se preparando, pela segunda vez, para o processo seletivo em Antropologia na mesma universidade em que já havia feito a graduação. Seus dois filhos nasceram enquanto estava na graduação. Suas temáticas de pesquisa são relacionadas à maternidade.

### *Amanda*

Meu contato com Amanda se deu através de sua resposta à minha procura por interlocutoras em um grupo de uma rede social voltado para mães estudantes de pós-graduação do Brasil. A entrevista ocorreu no dia 11 de outubro de 2020, por videochamada. Amanda é uma mulher autodeclarada branca, heterossexual, sem religião e vive junto com o pai de sua única filha, uma menina de cinco anos. A interlocutora é natural de um país da América do Sul, tendo migrado quando estava grávida para a região sul do Brasil, onde sua filha nasceu. Sua

graduação em Antropologia foi feita no país de origem, o seu mestrado e doutoramento em Antropologia na mesma instituição federal na região sul do país.

*Mariana*

Nosso contato inicial com a sua resposta à minha procura por interlocutoras em um grupo de uma rede social voltado para mães estudantes de pós-graduação do Brasil. Após tentativas mal sucedidas, fizemos uma entrevista por videochamada no dia 20 de novembro de 2020. Mariana é uma mulher autodeclarada branca na faixa etária de 25-30 anos, heterossexual, sem religião. Convivia com o pai de seu único filho que, no momento da entrevista, estava com dois anos de idade. Natural de região fronteira do Brasil com outro país, fez graduação em Antropologia em uma universidade pública da região sul, assim como seu mestrado em outra universidade federal da mesma região. Engravidou e pariu seu bebê ainda no mestrado.

*Anna*

Anna foi uma das interlocutoras que respondeu à minha procura por interlocutoras em um grupo em uma rede social de mães pós-graduandas do Brasil. A entrevista ocorreu no dia 7 de outubro de 2020 por videochamada. É uma mulher autodeclarada branca, bissexual, que frequentava casas de taoísmo e umbanda, mãe solo de uma menina indígena de cinco anos. Natural da região centro-oeste do Brasil, fez sua graduação em Letras e mestrado em Antropologia em uma universidade federal da região centro-oeste. Já estava grávida quando finalizou a graduação.

*Bianca*

Nosso contato foi feito após sua resposta à minha procura por interlocutoras em um grupo em uma rede social de mães estudantes de pós-graduação do Brasil. A entrevista ocorreu no dia 15 de outubro de 2020 por videochamada. Bianca é uma mulher autodeclarada branca na faixa etária de 25-30 anos, heterossexual, atéia, que vive junto com o pai de sua única filha de quatro anos. Natural da região sudeste, fez sua graduação em Ciências Sociais em uma universidade federal da mesma região e na época da entrevista era mestranda em Antropologia de uma outra universidade federal da mesma região. Sua filha nasceu enquanto ainda estava na graduação. Suas temáticas de pesquisa são relacionadas à maternidade.

*Catarina*

A interlocutora também respondeu à minha procura no grupo de estudantes de pós-graduação que são mães em uma rede social. A entrevista ocorreu no dia 17 de outubro de 2020 por videochamada. Catarina é uma mulher autodeclarada branca, na faixa etária de 35-40 anos, heterossexual, sem religião, que vive junto com o pai de seu filho caçula. Natural da região nordeste, fez sua graduação em Ciências Sociais e mestrado em Antropologia em uma universidade federal da mesma região. Sua filha mais velha, de 20 anos, nasceu enquanto fazia o ensino médio, descobriu a segunda gravidez, de sua filha de 18 anos, quando recebeu o resultado que havia passado no vestibular para Ciências Sociais. Seu filho mais novo, de um ano, nasceu onze anos após sua defesa da dissertação. Suas temáticas de pesquisa são relacionadas à maternidade.

### *Rosa*

Cheguei à Rosa tanto por indicação quanto por sua resposta à minha procura por interlocutoras em um grupo de uma rede social voltado para mães pós-graduandas do Brasil. A entrevista ocorreu no dia 28 de fevereiro de 2021 por videochamada. Rosa é uma mulher autodeclarada negra na faixa etária de 25-30 anos, heterossexual, sem religião, solteira e mãe solo de uma menina de quatro anos. Natural da região centro-oeste, fez graduação em Ciências Sociais e mestrado em Antropologia em uma universidade federal da mesma região, atualmente é doutoranda em Antropologia de uma universidade federal da região sul do país. Engravidou quando estava na graduação e fez parte de coletivos de mães nas universidades em que fez sua formação. Suas temáticas de pesquisa são relacionadas à maternidade.

Vemos que há pluralidade no perfil das interlocutoras da pesquisa, são mulheres de diferentes idades, sexualidades e autodeclarações raciais, mas que possuem a experiência comum de na sua trajetória de formação profissional tornarem-se ou já serem mães. Cabe ainda, tecer algumas considerações em torno do que suas experiências evocam sobre formas práticas de maternar, o que sistematizei numa categoria analítica, a partir de "experiência próxima", que pode ser entendida como

(...) mais ou menos, aquela que alguém - um paciente, um sujeito, em nosso caso, um informante - usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem sentem, pensam, imaginam etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira (GEERTZ, 1997, p. 87).

Durante as análises dos dados obtidos ao longo da pesquisa notei que, embora as experiências de vida das interlocutoras sejam distintas, havia recorrências sobre como elas se

relacionavam com os significados sociais da maternidade. Ao olhar para a reincidência de práticas, discursos e ideais, sistematizei na categoria que apesar de não ter sido verbalizada pelas interlocutoras, pressupõe as diferentes formas de maternar que encontrei em campo.

#### 2.4 O BEM-MATERNAR

Como referido, esta categoria buscou sistematizar as recorrências em torno do que seria uma boa maternidade, levando em consideração o que as interlocutoras compreendem como maternidade e as responsabilidades que dela advém.

Cabe dizer que a “maternidade romantizada” (BADINTER, 1985, 2011; DONATH, 2017 e MERUANE, 2018), a “maternidade real”, como descrita por Juliara Segata (2017), Mariana Pulhez (2015) e Vanessa Oliveira (2019) e o “bem-maternar”, embora distintos, guardam relações entre si. A maternidade romantizada é aquela que é idealizada e, por esta razão, impossível de ser experienciada; é a maternidade como promessa da plenitude e realização da mulher. Ao identificá-la, análises sobre os significados sociais da maternidade contribuem para desconstruí-la. Por sua vez, a “maternidade real” é a maternidade da prática e da experiência do trabalho do cuidado (Joan TRONTO 1997), da atenção às necessidades da prole e das responsabilidades. Ela encarna todo o *custo* que a maternidade traz em si, no desenvolvimento do sentimento de responsabilidade, em que se situa o *peso* que a nova condição de mãe pode trazer, elementos centrais para esta investigação que serão tratados no próximo capítulo.

O bem-maternar emerge das aprendizagens das diferentes vivências da condição de mães de minhas interlocutoras, articulando suas práticas e os sentidos atribuídos a elas, em diálogo com os significados sociais da maternidade, as novas obrigações relativas ao cuidado e o cultivo do sentimento de responsabilidade, elementos que estão no cerne do processo de tornar-se mãe. É constante o processo de construção e reconstrução do bem-maternar, em que as interlocutoras relacionam e articulam de maneiras diferentes com modelos socialmente predominantes de maternidade. Tal processo é o cultivo de responsabilidades enquanto mães que se relacionam com o que cada interlocutora compreende enquanto suas obrigações em seus processos de maternagem.

Vejo o bem-maternar como algo particular, que se relaciona com a experiência de cuidado de cada mulher e como cada uma delas dialoga com os modelos hegemônicos de maternidade. Assim, o bem maternar é intrinsecamente ligado às experiências de vida

particulares e, portanto, pode ser entendido como distinto de acordo com marcadores sociais da diferença, sendo ele próprio uma elaboração contextual de cada interlocutora.

Como categoria de análise, o bem-maternal possibilita a nossa compreensão de que as experiências maternas são elaboradas e re-elaboradas de maneira contextual durante todo o processo de maternidade de cada mulher, conforme cada uma se relaciona com os significados sociais da maternidade. A categoria nos ajudará a compreender o processo de tornar-se mãe das antropólogas em formação, como veremos no próximo capítulo.

### 3 TORNAR-SE MÃE: AS RESPONSABILIDADES DA MATERNIDADE E O BEM-MATERNAR

Em 2013 meu filho nasceu, João Miguel; é o antes e o depois da vida da pessoa. Certamente nada tem antes e depois tanto quanto João Miguel. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

O trecho citado acima faz parte de um dos áudios que Angela me enviou ao longo de nossa “entrevista continuada”<sup>13</sup>, que durou cerca de nove meses. Ele é emblemático de uma relevante recorrência encontrada em campo: a mudança radical que a maternidade traz para a vida das mulheres ao se tornarem mães. Neste capítulo irei tratar do tema da maternidade como um fenômeno socialmente construído e experienciado. A partir da elaboração das interlocutoras sobre as suas experiências enquanto mães, os desafios por elas enfrentados, as descobertas feitas e as suas invenções de uma prática de cuidado e de criação de pessoas, analisarei como práticas e sentidos produzidos desafiam e (re)produzem os significados sociais da maternidade. Embora as experiências de cada mulher sejam únicas, particulares e situadas, há aspectos recorrentes que nos apontam para uma experiência social da vivência da maternidade, que nos possibilita problematizar seus sentidos contemporâneos.

Para tanto, ao longo deste capítulo, buscarei reconstruir as experiências do “tornar-se mãe”, que são constituídas pelo desenvolvimento de um sentimento de responsabilidade, identificado na recorrente referência ao “*peso da maternidade*” relatado pelas interlocutoras. O desenvolvimento deste sentimento de responsabilidade por sua vez, está na base do “bem-maternar”, expressão que assume aqui um estatuto de categoria analítica relativa às concepções e práticas do que é tido como o bom desempenho da maternidade, oriundo das vivências, aprendizagens e invenções da condição de mães das interlocutoras desta pesquisa, conforme apontado no capítulo anterior. De modo a problematizar os sentidos da maternidade, importa iniciar este percurso pelo diálogo com a literatura.

#### 3.1 A MATERNIDADE: ENTRE NATURALIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES SOCIAIS

Abordagens etnográficas apontam a maternidade enquanto construção social de variabilidade cultural, tanto na forma de exercê-la quanto de compreendê-la socialmente

---

<sup>13</sup> Esta técnica de pesquisa, adaptada ao contexto pandêmico e às dinâmicas das interlocutoras, é foco de análise do capítulo *Caminhos da pesquisa*.

(Henrietta MOORE, 2009). Além disso, possibilitam a problematização da maternidade como natureza feminina ou ainda a existência de um suposto instinto materno (Elisabeth BADINTER, 1985). Estes estudos apontam para a inexistência de condutas universais e necessárias das mães; ao contrário, constata-se variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura. Compreender a maternidade enquanto construção social é se contrapor à noção de que as mulheres foram feitas para serem mães.

Inescapavelmente, o “*peso da maternidade*” – referido por minhas interlocutoras – e as suas criações em torno do bem-maternar estão intimamente relacionados ao significado social da maternidade no contexto cultural em que estão inseridas. Conforme Sheila Kitzinger (1978), há inúmeros entendimentos sobre a maternidade, visto que esta varia conforme cada configuração social, e que em sociedades complexas há diferentes formas de maternidade, a partir de atravessamentos de diferentes marcadores sociais, recebendo especial destaque pela autora o marcador de classe social<sup>14</sup>. Desta forma, o que é tido como maternidade varia histórica e socioculturalmente. A autora chama nossa atenção sobre as práticas relativas à educação das crianças como produtos culturais associados a determinados valores culturais. A transformação destes valores implica em mudanças também em mudanças nas formas de parir e criar as crianças.

A partir desta abordagem, a autora descortina os significados sociais da maternidade próprios do ideário ocidental, segundo o qual é papel social da mãe o da apresentação e inculcação das normas e regras culturais à sua prole; sendo que nem todas as mulheres estariam aptas ao exercício dessa função. Outro aspecto importante deste ideário diz respeito ao biodeterminismo que embasa a associação entre a identidade de mulher à de mãe. A maternidade, tida como uma função natural da fêmea da espécie humana, em função da sua capacidade de reprodução da espécie, teria um papel social dentro da família, em que cada elemento - pai, mãe e filhos - seriam definidos culturalmente como naturais e ao mesmo tempo aumentados pela razão e incorporados na lei e na moralidade de nossa sociedade (David SCHNEIDER, 2016).

---

<sup>14</sup> Embora classe social seja o marcador destacado por Kitzinger (1978) como significativo para a complexificação das análises sobre o significado social da maternidade associado ao de gênero, ele não é o único no contexto investigado. Conforme apontado no capítulo anterior, levando-se em consideração a perspectiva da articulação dos marcadores sociais da diferença na produção de desigualdades (Avtar Brah, 2006), que sugere a produção de "um dado complexo relacional" (p. 353), historicamente contingente e específico a determinado contexto, nas experiências da maternidade das interlocutoras de pesquisa emergiram outros marcadores, como os de raça e geração, que complexificam as suas experiências.

A noção de que o destino da mulher é a maternidade tem sido um dos construtos culturais alvo de resistência feminista (Lucila SCAVONE, 2001a). Apesar destes esforços, a maternidade continua sendo afirmada como um elemento constitutivo da identidade feminina (Orna DONATH, 2017; SCAVONE, 2001a). Tida como o caminho natural a se seguir, a concepção de que as mães têm o propósito de servir outras pessoas persiste, vinculando o seu bem-estar ao de seus filhos e filhas e não sendo reconhecidas como sujeitas em si (DONATH, 2017). Como efeito disso, a crença de que por meio da maternidade as mulheres poderão ser plenas e felizes se dissemina, constituindo as “promessas da maternidade”.

O significado social da maternidade também está profundamente ligado a questões relacionadas ao cuidado, entendido como um trabalho contínuo que implica responsabilidade. Presume-se que a pessoa que assume a tarefa de cuidar estaria disposta a se sacrificar, ter envolvimento emocional e gastar energia com o objeto de cuidado (Joan TRONTO, 1997). Se tomarmos a perspectiva do cuidado enquanto um arranjo social, produto de um trabalho relacional voltado para diferenciar relações sociais significativas, veremos que o trabalho de cuidado ganha sentidos específicos, de acordo com as relações sociais em que está inserido (Nadya GUIMARÃES; Priscila VIEIRA, 2020). Uma das formas sociais do cuidado e da maternidade é o trabalho doméstico, tomado como uma obrigação das mulheres que se tornam mães, reiterando a naturalização de um modelo de feminilidade como a que cuida, mobilizando significados morais.

A percepção desta dimensão moral “não advém da atividade em si, mas em como tal atividade se reflete sobre obrigações sociais atribuídas a quem cuida e sobre quem faz essa atribuição” (TRONTO, 1997, p. 189). Neste sentido, a maternagem<sup>15</sup> carrega consigo obrigações naturalizadas de tal cuidado, que vão além do suprimento das necessidades básicas da prole, incluindo educação e responsabilidades de criação de sujeitos sociais. A percepção moral do cuidado materno enquanto “o “amor” e a “responsabilidade familiar” são os significados que dão sentido à conduta e estruturam o reconhecimento social e a identidade subjetiva de quem as performa.” (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 10).

Trabalho doméstico e o cuidado como seu aspecto englobante, portanto, estão inseridos em um sistema de hierarquização de atividades que se relaciona com as convenções de gênero (Helena HIRATA; Danièle KERGOAT, 2007). O trabalho doméstico, desvalorizado

---

<sup>15</sup> A inclusão do sufixo “agem” na criação de um substantivo expressa a ideia de ação ou resultado de ação. De acordo com Maria Mendonça (2018), a categoria maternagem implica em trazer a noção de um processo contínuo de ação, ou seja, as práticas e ações de cuidado relativas à tarefa social da maternidade.

socialmente, tido como invisível pois é feito na esfera privada da vida, é realizado por mulheres em nome do amor. Com novas configurações da vida social, pelo número crescente de mulheres no mercado de trabalho, tal divisão do trabalho produtivo e reprodutivo fez com que novos modelos emergissem e acionados pelas mulheres. Assim, como demonstra Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) há o modelo de conciliação, de delegação e de parceria para que tais tarefas reprodutivas continuem sendo feitas.

Frente ao exposto, o que tomo aqui como o “*peso da maternidade*” - o sentimento de responsabilidade - é o que tange suas falas em seus variados aspectos, tais como: demandas de cuidado e atenção, necessidades financeiras, falta de tempo, tédio e o sufocamento oriundos das experiências de maternidade. Importa destacar que a ênfase no *peso* como um dos significados sociais da maternidade oriundo das experiências das interlocutoras desta pesquisa não implica numa relação maniqueísta entre a boa ou má maternidade; antes, diz respeito ao intenso processo de desenvolvimento e aprendizagem de uma nova sensibilidade que as acompanhará na nova condição que se inaugura a partir da descoberta da gravidez e que será ressignificada a cada nova experiência de maternidade.

Durante o trabalho de campo, percebi que para minhas interlocutoras a maneira com que se relacionam com a maternidade pode ser diferente de um filho para outro, de modo que as necessidades específicas da criança se sobrepõem a quais são as responsabilidades da mulher para com aquele filho. O cuidado, que é sempre relacional, toma formas diferentes e exige capacidades de atenção (TRONTO, 1997) diferenciadas de acordo com o objeto da atenção das mulheres que são mães. Tais especificidades do trabalho de cuidado, como a capacidade de atenção e a própria noção de autoridade - de quem cuida - perante a falta de autonomia - de quem é cuidado - também trazem mais densidade à maternagem.

Ao se referirem às suas experiências de maternagem com adjetivos como *pesado* e *difícil*, não exclui a possibilidade de se sentirem felizes e/ou satisfeitas com suas vidas e com as experiências que têm. Na verdade, percebo que os próprios sentimentos de felicidade e satisfação se relacionam com a maneira com que lidam com a maternidade. Como me disse uma interlocutora “problema todo mundo tem, e problema se resolve. a maternidade e a gravidez são experiências que possibilitam você tomar outros caminhos” (Rosa, mãe de uma menina de quatro anos, 28 de fevereiro de 2021). O que quero dizer é que através do que compreendem como um bem-maternar, lidam com a maternidade e suas dificuldades e seus *pesos*. Essa experiência é complexificada pela articulação entre marcadores sociais da diferença relevantes para os contextos em que se inserem, o que nos remete à “maternidade real” (Juliara

SEGATA, 2017; Mariana PULHEZ, 2015; Vanessa OLIVEIRA, 2019), aquela que escapa das romantizações e idealizações.

A visão romantizada da maternidade tem sido criticada por algumas autoras como Badinter (1985, 2011), Donath (2017) e Meruane (2018) em que, atrelada ao mito do amor materno, se coloca como o momento de maior realização da mulher, em que esta encontraria sua plenitude enquanto sujeita. A promessa da maternidade romantizada é a plenitude que as mulheres terão ao serem as principais responsáveis por um novo ser e realizarem todas as tarefas de cuidado relacionadas à prole. Assim, a maternidade romântica é a maternidade prometida em que não há ambivalências, dúvidas, cansaço, tédio ou solidão.

O *peso* de ser visto como a principal cuidadora de um outro ser humano e apresentá-lo ao mundo aumenta quando socialmente se entende que as mulheres que se tornam mães, o fazem por que o querem, em função da disseminação de possibilidades contraceptivas ou mesmo de interrupção da gestação. A decisão em ter filhos é um compromisso de longo prazo, que implica dar prioridade à criança e que traz consigo condutas próprias (BADINTER, 2011). Assim, comportamentos e modos de ser que são legítimos para uma mulher sem filhos, deixam de ser quando os tem, configurando um importante significado social associado à maternidade: a priorização da prole em detrimento de si. Contudo, há que se ponderar sobre os contextos e as possibilidades de acesso à interrupção segura da gestação indesejada.

Algo muito diferente da experiência de vida das mulheres com quem dialoguei. Seja porque no Brasil o aborto é ilegal, ou inseguro quando feito clandestinamente, ou seja porque na época que engravidaram não tinham acesso e conhecimento prático de métodos contraceptivos, como é o caso de Catarina.

Eu perdi a virgindade com o pai delas [das duas filhas mais velhas] e em pouco tempo, eu diria que dois meses... Um mês depois que perdi minha virgindade eu engravidei, com poucas vezes que eu transei com ele, eu acabei engravidando, que não tinha anticoncepcional, não tinha camisinha, não tinha nada, fui fazer tabelinha, e fiz errado, né? Com dezesseis, dezessete anos não vai saber fazer nada. (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Importa destacar que das onze mulheres com quem dialoguei, somente duas haviam planejado a maternidade. Destas, apenas uma havia planejado a primeira gestação, sendo que a segunda só havia planejado o segundo bebê, o que nos aponta para a maternidade compulsória (SCAVONE, 2001a) e de como reitera a maternidade enquanto uma dimensão da identidade feminina além de romantizada.

Em contraposição, a maternidade real é a da prática, da vivência de sujeitas reais que carregam em suas experiências maternas os desdobramentos do trabalho de cuidado, atenção às necessidades de outro ser e a responsabilidade de criação de uma pessoa. É a construção de uma sensibilidade de responsabilidade, de sentir o *peso* de ser a principal responsável por seus filhos e de arcar com todos os custos que tal responsabilidade pode trazer. São as maternidades reais experimentadas e criadas pelas interlocutoras desta pesquisa que nos dirigem para o “bem-maternar”. Vejamos o primeiro momento desse processo de construção da sensibilidade de responsabilidade: a descoberta da gravidez.

### 3.2 NO COMEÇO EU SENTI ‘NOSSA, FUDEU!’: A DESCOBERTA DA GRAVIDEZ, A EMERGÊNCIA DA SENSIBILIDADE DA RESPONSABILIDADE E SEUS SENTIDOS

Quando iniciei a pesquisa de campo e as entrevistas, não imaginava o quanto de acesso teria com cada possível interlocutora. Surpreendi-me pelo quanto cada uma das onze mulheres com quem dialoguei estava disposta a abrir sua vida e experiência enquanto mãe e antropóloga para uma estranha que havia acabado de conhecer. Principalmente, pela pesquisa mexer em pontos que eram visivelmente desconfortáveis de suas vidas pessoais e de suas emoções.

O ser mãe aparecia atrelado a uma responsabilidade entendida como sem fim. As interlocutoras referiam que, desde a descoberta da gravidez, um sentimento de responsabilidade emergiu, o qual tem inúmeras facetas, que vão se modificando ao longo da vida e do crescimento dos seus filhos e das suas filhas. Contudo, a partir do “tornar-se mãe” é algo que se faz permanente, projetando-se à fase da adultez da prole.

Em vista disso, a responsabilidade é, em si mesma, percebida como uma *dificuldade*, um *peso*, um *fardo* que a maternidade aportou para a vida dessas mulheres, antes inexistente. A descoberta da gravidez é, assim, acompanhada por um aspecto particular da responsabilidade: pela formação fetal, que enseja uma cobrança social em torno de um modelo materno compatível à gestação de uma criança saudável. Segundo minhas interlocutoras, esse aspecto da responsabilidade do maternar vai se transformando à medida que as crianças crescem; às mães cabe lhes apresentar como o mundo funciona, sem perder de vista seus valores, educando-os para que sejam adultos responsáveis, felizes e atendam às expectativas de boas pessoas.

Acredito que olhar para os relatos das mulheres sobre os sentimentos que as acometeram ao descobrir uma gestação indesejada e/ou não planejada é muito importante para compreender o processo de tornar-se mãe pelo que as interlocutoras passaram.

Porque querendo ou não **você vai ter que abrir mão de várias coisas**, vai ter que ficar em prol de um indivíduo que precisa de você 24 horas, **você vai abrir mão de você em função da sobrevivência dele**, né? Então impacta bastante. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Eu meio que entrei numa crise que **eu achei que eu não era mais capaz de fazer nada porque eu tinha criança**. E todo mundo quando João nasceu começou a me dizer que agora eu não iria mais poder viajar, que eu sempre viajei muito, que **eu não ia mais poder fazer minhas coisas**, enfim, botar a pessoa pra baixo. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

Seus relatos sobre a descoberta da gravidez trazem a ideia de que a maternidade implica numa mudança de vida que conduz a uma transformação radical de prioridades (BADINTER, 2011), justo em um momento em que estão construindo suas vidas profissionais, notadamente, em que a graduação ou pós-graduação deveriam ser suas prioridades.

Ah! No começo eu senti “nossa, fudeu!”. [risos] Não vou conseguir mais me formar, no comecinho foi isso, eu fiquei bem desesperada para ser sincera, “nossa, como eu vou fazer?”. **Eu ia fazer pesquisa de campo que era o que eu queria**, eu fiquei frustrada um pouco nesse lado, mas ao mesmo tempo eu estava feliz porque, enfim, eu estava nesse momento de gravidez e tal [o bebê que está em seu colo começa a chorar novamente]. (...) Eu senti que, bom, ninguém vai me excluir porque eu estou grávida, está todo mundo olhando a minha condição que está um pouco diferente e estão me auxiliando no que é possível para eu conseguir fazer, conseguir avançar, porque não é igual mesmo. **A sua produtividade não é igual e tem a questão de saúde, eu tive que ficar, como a minha gravidez era de risco eu tive que ficar meses em casa de repouso, então o emocional também não está legal, é tudo diferente, tudo**. (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Então, sobre ser mãe eu acho que nunca tive essa perspectiva, nunca tive esse anseio de querer ser mãe, acho que já tinha comentado sobre isso. Na verdade, eu nunca [dá ênfase quando fala “nunca”] quis ser mãe, né? Mas eu acho que a maternidade está muito ligada ao sacrifício para mim, sabe? Muito. A minha irmã teve que se sacrificar, ela queria fazer faculdade, aí não fez faculdade na época. A minha mãe também tinha esse sonho de estudar quando ela era jovem e se casou com meu pai, tinha essa intenção de estudar e acabou engravidando e também não fez faculdade nesse período. Acho que as mulheres que me rodeavam sempre se sacrificaram muito em relação à maternidade. Então, acho que sempre tive essa visão ligada à maternidade, a algo que **eu sabia que seria o encerramento de uma vida da mulher que eu gostaria de ser, ou que fosse possível ser, ou que estava no meu plano, sabe?** E eu não acho que eu via como algo “ah não, vou dar um jeito”, que a maternidade seja algo que você consiga dar um drible na vida e “não, eu vou conseguir fazer e chegar lá onde eu quero”. Acho que a maternidade hoje, **essa maternidade que é solicitada, que é imposta, é uma maternidade que, cara, sim, você vai ter que cortar várias coisas que você planejava sim, nem tudo vai acontecer como você imaginou ou como suas colegas, ou pessoas que te rodeiam que não tem filhos**. (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 16 de outubro de 2021).

Recupero alguns trechos de entrevistas para refletirmos sobre como está internalizado nas interlocutoras a noção de que após tornarem-se mães suas vidas se transformariam devido às mudanças de prioridades. Apesar de expressarem de formas diferentes, a ideia que subjaz às suas falas é a de que após a descoberta da gravidez suas vidas mudariam totalmente. Usando os

termos de *interrupção, encerramento, interrompido, acabou, abrir mão, outra vida, não poder*, as interlocutoras expressam estar conscientes do ideal materno de mudança de comportamentos, tendo que deixar o que, conforme Badinter (2011), era legítimo para mulheres sem filhos para trás e adotar novos posicionamentos de vida de acordo com sua nova categoria social.

**Era outra vida**, né? Eu estava me sentindo super bem, eu tinha a minha grana, eu era sozinha, junto com ele [o pai da filha] já, mas assim, **não tinha essa coisa de você estar fixa em um lugar porque tem uma criança**, porque tem que ter uma rotina, porque tem médico, tem vacinas, porque tem uma infinidade de coisas. Mas assim, isso tudo também depende de como é a sua vida, né? Se você tem rede de apoio, se você se prepara economicamente, se prioriza, por exemplo, ter uma cuidadora na sua casa ou uma cuidadora efetiva da casa, ou uma cuidadora efetiva da criança, se você puder arcar com isso. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 20 de março de 2021).

Quando eu descobri que eu estava grávida [segunda gravidez da interlocutora], aí todo mundo “aí que maravilha, que notícia maravilhosa”, eu dizia “para quem?”, “mas você tem que estar feliz”, **“eu tenho que estar feliz por que? Eu acabei de saber que vou fazer vestibular e eu não sei como é que vai ser grávida, com duas filhas, como, com duas filhas não, com dois filhos, como é que é isso?”**. “Não, mas você tem que estar feliz, é divino, é coisa de Deus”, eu digo “eu não tenho que estar feliz, eu vou ficar feliz, eu vou me acostumar com a ideia, mas eu não quero que ninguém fique dizendo que eu tenho que estar feliz agora porque nesse momento eu não estou, né?” E ao longo da gestação eu fui, você vai, né? Se acostumando, **eu fui me acostumando com a ideia**, não tive depressão pós-parto, nem uma das duas gestações, foi bom isso também. Mas assim, no início da gravidez eu não acreditava que estava grávida, principalmente, por conta da faculdade, eu digo **“poxa meu sonho interrompido de ter um curso superior, de fazer meu curso acabou, acabou, acabou”**. Na minha cabeça era só **“acabou, acabou, acabou”**. Aí quando minha irmã veio com essa solução que a gente, eu podia trancar a faculdade, um período e voltar depois, eu digo, “aí então é outra história, quando chegar lá a gente vê”. E foi isso, foram muitas batalhas, foram muitas batalhas até me formar, até terminar e concluir o mestrado também. (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Nota-se a força da ingerência das convenções sociais na vida das mulheres pelas falas de Catarina e Tereza. Com Catarina vemos como o ter filhos é compreendido socialmente como uma realização da mulher e que, por isso, ela deveria sentir-se feliz. Catarina não se sente feliz com a descoberta da segunda gestação pois entende que, naquele momento, uma segunda criança não só não estava em seus planos, como atrapalharia a sua entrada na universidade. Com Angela a questão é outra; as pessoas em sua volta lhe diziam que a maneira com que vivia a sua vida não era adequada para uma mãe. A partir de então, deveria deixar de fazer suas coisas e focar na maternidade, o que a fez entrar em uma crise achando que não seria mais capaz de fazer nada.

O trecho de Tereza também é emblemático ao mostrar a vida que se exige de uma mãe, direcionando toda a prioridade nas atividades da criança. Corroborando com essa perspectiva

vemos Júlia argumentando que sua percepção era de sacrifício por ver as mulheres que eram mães próximas a ela deixarem de priorizar suas próprias vidas e ambições em prol dos filhos.

Não pensei que vai acabar, **vai complicar**. Eu digo “não, a gente só vai se organizar, saber como lidar aqui com as coisas, porque tem como a gente se planejar e se organizar com ele”, pronto. **Não tive essa sensação de interrupção com ele, não tive, como não tive quando soube engravidei de Luiza, mas dele não.** Assim, outra fase, outra história, assim, de tudo, sabe? De como lidar, de dinâmica em casa, de **vivenciar essa maternidade que está sendo bem diferente mesmo.** (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Importante notar a diferença na fala de Catarina sobre a descoberta de sua segunda gestação para a terceira. Ao mudar de uma “sensação de interrupção” para uma de “complicação” e necessidade de reorganização da vida, identifica-se a as mudanças de percepções sobre o que seria a maternidade ao longo de suas experiências de vida e dos processos que passou durante o tornar-se mãe. Ao longo das suas duas maternagens, Catarina passou a se relacionar diferentemente com a maternidade, mudança que ocorreu pela sua compreensão de bem-maternar.

Maria Collier de Mendonça (2014) nos fala que não há nada que se compare às transições nas vidas, corpos e identidades das mulheres após se tornarem mães. As mulheres vivenciam transformações que afetam todos os aspectos de sua vida, desde aparência, funções de seu corpo e atividades. A experiência materna, para a autora, insere cada mulher em uma nova categoria social impactando diretamente na sua vida, principalmente por ter de cultivar a responsabilidade que os significados sociais da maternidade trazem em si.

As interlocutoras mostram que reconhecem os modelos socialmente predominantes de maternidade e têm compreensão de que, quando se tornam mães, devem reconfigurar suas expectativas e perspectivas de vida. Acontece que as mulheres articulam e se relacionam com os modelos hegemônicos de formas diferenciadas, de maneira que cultivam suas responsabilidades enquanto mães e se relacionam com o que compreendem enquanto suas obrigações ao longo do processo de maternagem, processo de construção e reconstrução constante do seu bem maternar.

### 3.3 CULTIVANDO UMA RESPONSABILIDADE: ENTRE O DESEJO, ESCOLHAS E AS EXPERIÊNCIAS DO TORNAR-SE MÃE

As relações que as interlocutoras constroem com o significado social da maternidade e a responsabilidade de ser mãe vão se transformando ao longo de suas experiências maternas.

Podemos perceber a maneira com que se relacionam com o *peso* da responsabilidade em momentos muito específicos das entrevistas, ao falarem sobre a existência ou não do desejo de serem mães, o momento da descoberta da gestação, como elas percebem suas maternagens, a culpa e como essa responsabilidade altera seus projetos pessoais e profissionais.

Descobri que estava grávida, e aí mudou tudo, porque, eu falei “ah não vou conseguir fazer campo”, chegar lá é bem difícil, tem que ficar duas horas de carro, seis horas de barco, ou, enfim, eu peguei uma virosezinha quando voltei. Então não dá pra uma grávida nessa situação fazer, né? Aí eu falei “bom, eu vou reformular o meu projeto”, fiquei com aquela angústia, eu não planejei, já estava junto com o meu companheiro, mas ele [o filho] não tinha sido planejado e tal. **Eu sempre quis ser mãe, também era um desejo meu, mas não era para agora**, pensava que ia fazer depois do mestrado, ou algo assim. Mas de boa, chegou, chegou e vou encarar. Aí a minha gravidez foi complicada e começou as questões da maternidade em si porque eu tive uma gravidez meio de risco. (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Tu acredita que tem hora que eu nem acredito que eu sou mãe, que eu olho a minha filha e “quem é você?”. Que ela fala “mãe”, eu “quem, quem é mãe?”, e **até hoje eu tenho medo de engravidar de novo**. Quando alguém fala “ah não sei o que não quero ter filho”, eu falo “**eu também não quero, você acredita?**”, aí me olham “uai, mas você tem filho!” eu olho “não foi acidente porque eu sabia o que eu estava fazendo”, mas não foi uma coisa planejada [ela fala dando ênfase no “planejada”], assim, sabe?. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Acaba que é isso, que a gente tá submetida a essa carga. Mas a gente também tem muitos bônus, né? Porque não é um sacrifício final das contas, a gente aprende muito com isso, e **aprende a também que, ah sei lá, que não quer mais ter outro filho [ela começa a rir], por exemplo, [continua rindo e falando] eu já tô por aqui**. Filho não vou mais, estou de boa [continua a falar enquanto ri] mas é muito bom, mas um tá ótimo, nossa senhora, eu fico pensando em quem tem gêmeos. (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

Nos momentos em que eu tive a oportunidade de perguntar se as interlocutoras tinham o desejo de serem mães, as respostas foram muito diversas. Como cada mulher tinha experiências particulares sobre o que a maternidade envolvia e o *peso* que ela traria para suas existências, isso parece se refletir no desejo ou não de vivenciar a experiência materna. Contrariando por completo às ideias de que a vontade de ter filhos estaria na essência feminina, assim como a de que a maternidade como completude e plenitude para as mulheres.

Foi horrível, foi horrível a experiência [de descobrir a gestação], primeiro porque eu não tinha planejado uma gestação, e **era muito claro pra mim que eu não queria ser mãe**. Eu venho de uma família rural, grande, e eu conhecia o que envolvia esse papel social, essa expectativa em torno da maternidade. **Eu sabia que eu não queria vivenciar aquilo, então para mim foi um choque me ver grávida** e me senti vulnerável e errada assim. Porque eu sempre fui considerada, no meu grupo social, a menina estudante, sabe? Ou a inteligente e de repente eu me vi sem controle da minha vida, sabe? **Grávida sem escolher estar grávida**. Então ficava pairando muito aquela ideia de que eu errei, de que eu fui omissa, eu não me cuidei, e estou nessa situação. E com o corpo grávido na minha cidade, eu me sentia vulnerável e exposta. (Bianca, mãe de uma menina de quatro anos, 15 de outubro de 2020).

Eu só tive essa relação de mãe e filha com a minha filha, essa coisa que eles falam desse amor, assim, amor materno, esse sentimento, quando ela estava com uns dois anos e meio. **Até então foi tudo muito automático para mim porque não era algo que eu pensava para a minha vida ser mãe.** (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 17 de outubro de 2021).

Percebi que a recusa maior, aquelas que assim como Bianca e Júlia eram enfáticas ao dizerem que nunca tiveram o sonho da maternidade eram as mulheres que tinham a percepção da maternidade enquanto sacrifício, que conviviam com mulheres que deixaram suas ambições ou individualidades de lado ao encararem a maternidade. As falas de Rosa e de Ana são interessantes porque trazem a reflexão sobre o desejo de ter mais filhos após já terem passado pela experiência materna.

E Júlia também aponta um dos argumentos de Badinter (1985) de que o amor materno não é inerente às mulheres, seria apenas mais um sentimento humano, passível de todas as contradições e incertezas como qualquer outro sentimento. Penso que os trechos de sua fala mostram que, embora haja a coerção social em torno da maternidade compulsória, elas não estão alienadas de si mesmas, estando atentas às vivências e experiências de outras mulheres que são mães à sua volta, tendo claro os seus desejos e de quando gostariam de realizá-los ou não, embora devido às circunstâncias de suas vidas não tenha ocorrido conforme planejaram.

É notável que ao falarem sobre suas experiências faziam diferenciações sobre o que seria a maternidade enquanto uma instituição de nossa sociedade, do papel social de uma mãe e as suas experiências.

Bom, pra mim hoje tem ficado clara uma **distinção entre o papel social, o que se espera de mim socialmente, e o que individualmente eu escolho fazer. Para mim hoje é muito claro, por exemplo, o amor que eu tenho pela minha filha, o quanto eu amo conviver com ela em todos os momentos, mas o quanto também os papéis sociais são coisas que me desagradam.** Por exemplo, não é prazeroso todo dia ter que colocar minha filha pra dormir, parar o que eu estou fazendo um milhão de coisas que eu tenho que resolver em relação ao cuidado, então, eu acho que a **minha ideia de maternidade hoje consegue separar bem essa ideia de maternidade vinculado a um papel social e a minha experiência individual sobre isso.** (Bianca, mãe de uma menina de quatro anos, 15 de outubro de 2020).

**Nossa eu amo minha filha demais, mas acho que se eu tivesse voltado no tempo eu não ia ser mãe.** Mas às vezes eu penso assim: “mas e se eu não fosse mãe?”. Pelo menos a minha trajetória profissional gira em torno da maternidade, né? Mas quando eu converso com meninas que falam que não querem ser mães, eu falo “você está certa”, ou **quando me perguntam como é minha experiência eu sou sincera.** (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

A fala de Bianca e Rosa trazem todos esses elementos ao dizerem o quanto não gostam do papel social e a responsabilidade que vem com ele, mesmo amando suas filhas. Mas é importante ressaltar que, no caso das duas antropólogas, seus temas de pesquisa são

relacionados à maternidade, uma faz trabalhos sobre saúde reprodutiva e outra sobre experiências maternas. São mulheres que têm leituras sobre maternidade e seu papel social; vejo que ao longo de nossas conversas esses aspectos foram muito importantes para elas enquanto indivíduos terem essa experiência de estudar os temas relacionados com a sua vida pessoal para que tivessem um distanciamento e tivessem uma leitura crítica sobre as experiências que viviam e poderem pontuar o que era válido ou não, conseguirem filtrar e não carregar tanto *peso*, embora como veremos mais adiante em se tratando de culpa, não conseguem não introjetar e não se afetar tanto quanto gostariam.

Catarina, outra antropóloga que pesquisa tema relacionado à maternidade, também nos traz reflexões muito importantes sobre as “regras” ou “modas” da maternidade e como ela escolhe lidar com essas questões em sua vida pessoal. Sheila Kitzinger (1978) nos fala que ao trazer outras formas de ser mãe de outras mulheres possa fornecer uma espécie de antídotos contra os livros de receitas de maternidade. A autora faz uma crítica sobre os profissionais que pensam saber as respostas e impõe estilos de maternidade pautados na moda vigente de educar as crianças, afirmando que as receitas mais atrapalham, deixando as mães inseguras e culpabilizadas quando não conseguem segui-las e atingir os resultados esperados.

Catarina diz que com a maternidade de Pedro, seu terceiro filho, pode ler bastante livros e artigos em websites sobre maternidade e das conversas com a irmã:

Dele eu li muita coisa que eu digo “o quê?!”. Quando o médico disse ou pede às vezes “você está fazendo isso?”, eu digo “Estou, estou doutor, estou”, não é exagerar nas coisas, não sou a mãe louca que fica dando tudo para o meu filho, não é isso. **Mas tem coisas que eu digo “não vou, sinto muito minha gente”**, é umas loucuras que vão nos mandando, eu dizia muito pra minha irmã, “Pelo amor de Deus menina, você está noiando, você já teve uma filha, educou, filtra o que o médico lhe diz!” **Porque uma das coisas que pesa muito é essa questão do saber médico na maternidade, como o saber médico vai dizer ditando regra pra você, para seu filho o tempo inteiro, e você não vai conseguir cumprir isso nunca, não vai nunca, né?** Então filtre, aí eu digo “eu filtro”, obviamente que eu não estou desconsiderando o saber médico, não é isso, mas eu filtro algumas coisas eu digo “eu não vou estar me submetendo a muita coisa não”. E como teve essa pandemia, pronto, desde março que ele não vai no pediatra [ela começa a rir] desde março está liberado consulta. Quem disse que a gente se sente seguro pra levar, né? (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

De todas as interlocutoras, Catarina foi quem mais falou sobre as imposições das modas da maternidade. Conversamos sobre questões de introdução alimentar, criação com afeto e amamentação de livre demanda, foi muito interessante a perspectiva que ela trouxe. Catarina fez questão de frisar as diferenças de classe social com relação às modas/regras da maternidade. Em nossa conversa, comentei sobre uma fala que havia ouvido em uma webconferência sobre

maternidade e mães acadêmicas em que uma das palestrantes havia falado sobre o *aprisionamento* que a amamentação em livre demanda poderia se tornar para a mulher, algo que de forma diferente também havia aparecido em textos de Lina Meruane (2018) e Elisabeth Badinter (2011). Primeiro, Catarina fala sobre a experiência com suas filhas mais velhas dizendo que também foi em livre demanda, mas não por ser uma questão de moda ou porque ela havia lido livros sobre o tema, mas que ela aprendeu a maternar dessa forma, por ser a maneira como as mulheres em sua volta faziam. E segue sua fala me dizendo o seguinte:

O **acesso à informação** está muito fácil, a questão de você ter publicação falando sobre maternidade de diversas áreas, desde o campo médico, medicina a psicologia, antropologia, tudo, mais blogueiras e mães, enfim, muitas mulheres falando suas experiências. **Mas o que que eu percebo, eu percebo que certas práticas elas vêm, e elas vêm sendo construídas pela classe média, não é pelas mulheres das classes populares, é pela classe média.** E essa forma de pensar né, a maternidade, essa questão da livre demanda...Gente, a livre demanda entre as mulheres das classes populares ela sempre existiu, não é nenhuma receita. ficar entre a livre demanda, você colocar, você saber viver uma gravidez, um puerpério, colocar regra para criança dormir, horário pra criança dormir, de colocar seu filho dormir recém-nascido, dormir à noite inteira desde o primeiro mês. Isso está ensinando como fazer, eu digo “Como é que é isso? Que mágica é essa?” Aí quando eu vou ler pra ver como é que é, é deixar a criança sozinha lá no berço, e às vezes deixar chorando ou com negócio [ela faz gestos com a mão que dão a entender se tratar de babá eletrônica]. Eu digo “não vou fazer com ele isso não, viu? Isso é tortura! [ela dá uma risada leve] É abandono, não vou deixar”. Então tem assim, a criação com apego, criação sem apego, e não sei o que e não sei o que, e tem também quem fala da amamentação em livre demanda ou de você estipular horários para criança mamar, inclusive até dentro durante o tempo da amamentação exclusiva, eu digo “Eu não vou fazer isso não, porque eu não fiz assim com as meninas, eu vou fazer com ele por que? A hora que ele quiser mamar, eu boto o peito pra fora e dou o peito pra ele”, e é assim. Ele está andando, ele come, ele vai e brinca, mama, chora, brinca, mama, cai, mama, está com sono, mama, está sem fazer nada, mama, está mamando, mama [ela fala a frase inteira rindo, se divertindo com o cotidiano do filho]. Ele também é livre demanda, mas livre demanda requer muito de você, requer disponibilidade. Você para muito o que está fazendo para estar direcionando a criança, aí **tem questões de escolhas**, a gente sente, eu sinto isso, tem horas que está sobrecarregada porque eu paro tudo, essas interrupções que eu tenho na rotina para estar amamentando ele. Mas é isso, ou escolhe atender essa demanda e encara isso como algo que faz parte desse processo, né? E aí você se livra e sai dessa rotulação de que é um aprisionamento. É um aprisionamento na medida que a mulher tem que ter disponibilidade para fazer isso, porque você acaba quebrando a sua rotina, você acaba tendo que estar direcionando suas energias, seus horários para criança. Mas também **a gente precisa fazer essa escolha**, ou você escolhe vivenciar assim, ou você também vai passar por um outro processo, que é esse processo de limitação, de estar rotulando, de estar fazendo isso, de seu filho querer mamar, e você não querer dar o peito, por escolha sua você não vai dar, ok. Escolha sua. **Eu acho que a grande questão é a gente ter o direito de como vivenciar essa maternidade, acho que isso é o principal ponto, as mulheres terem esse direito, essa liberdade de escolha**, ou escolher fazer, estabelecer essa rotina, né? Ou escolher fazer a livre demanda, mas que isso não seja, no meu ponto de vista algo que deva ser rotulado, deva ser posto, imposto para as mulheres. **Acho que tem que ficar a critério das mulheres dentro da sua rotina de como vai ser**, eu digo, eu faço isso, eu aprendi a ser assim, não somente durante as outras duas maternagens, mas também no processo de aprendizado de ver minha família, de ver as pessoas mais velhas fazendo isso. (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

O posicionamento de Catarina provoca problematização em torno das relações entre padrões de maternidade e seus atravessamentos de gênero e classe. Suas falas perante meus questionamentos sobre a amamentação enquanto aprisionamento apontam para uma diferença na percepção e de sentimento quanto aos comportamentos esperados de uma mãe das falas que eu havia ouvido na webconferência. Para as mulheres pesquisadoras da webconferência, que eram professoras universitárias, a amamentação em livre demanda era um problema pois teriam menos tempo livre para si; problematizavam ter que estar sempre disponíveis para suas crianças. Já Catarina coloca como uma questão naturalizada para sua vivência em que sempre vira as mulheres ao seu redor fazerem de tal modo, não problematizando tal comportamento.

As práticas maternas estão em constante processo de construção e reconstrução, mas Catarina aponta que algumas das práticas são tomadas como ideais e colocadas pela classe médica – autoridade da classe médica – como regras a serem seguidas pelas mães para que tenham filhos física e mentalmente saudáveis. Elisabeth Badinter (1985; 2011) e Sheila Kitzinger (1978) também apontam para a relação entre a classe média com o saber médico e tensionam reflexões sobre a autoridade da classe médica em seus livros, e se antes esses saberes médicos eram divulgados via jornais e revistas, hoje com a internet e redes sociais vemos um *boom* de pessoas das mais variadas áreas falando sobre maternidade, paternidade e parentalidade.

O saber especializado sobre as práticas maternas está vinculado com o marcador de classe social. Compreendendo que o marcador de classe social está relacionado com as condições materiais de vida das pessoas, posicionando-as desigualmente, aquelas que têm o conhecimento especializado, valorizado socialmente, são aquelas com mais condições materiais. Além disso, cabe dizer que tais conhecimentos especializados, que trazem em si também a chancela de saber médico-científico, são saberes que são construídos de maneira androcêntrica (Londa SCHIEBINGER, 2001).

A interlocutora aponta a importância de mulheres poderem ter escolhas em como querem e acham que devem vivenciar suas maternidades, mas essa questão depende de não termos tão introjetados ideais maternos, como os que já tratamos anteriormente da idealização do feminino enquanto mãe, da compreensão de todas as mulheres terem instinto maternal etc. As possibilidades de escolhas dependem de uma mudança na forma de encarar a maternidade.

Acontece que nem todas as mulheres têm essa visão tão desprendida de ideais. Tereza é uma das interlocutoras com quem dialoguei via entrevista continuada, em diversos momentos

ao longo dos meses em que mantivemos contato e queixou-se das demandas que a maternidade trouxe. Tereza falou, principalmente, sobre a sobrecarga de afazeres domésticos que geram muito estresse e sofrimento para ela, ainda mais por perceber que mesmo que ela e o companheiro dividissem algumas tarefas, a divisão nunca era totalmente igualitária.

Por mais que cada maternidade seja única, cada relação afetiva seja única e tal, no final acaba sendo isso. **Acaba sendo o acúmulo de mais função, o acúmulo de mais demanda para a mulher**, entende? (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 10 de março de 2021).

Falar sobre as questões de demanda da maternidade como outras demandas do trabalho, da casa, funcionam em paralelo com isso, velho, para mim é realmente muito satisfatório falar disso, eu não sei como outras mães se sentem, mas eu sou o tipo de mulher que eu realmente preciso muito falar disso. Como eu te falei em algum outro áudio, eu saio na rua encontro uma vizinha, eu estou falando disso, eu falo com a minha mãe sempre, quase todos os dias, é raro eu passar um dia sem falar com a minha mãe, eu estou reclamando. Eu falo com colegas e eu estou falando disso, **das dificuldades de maternar fazendo a tese, de buscar trampo maternando. (...) É uma demanda que não acaba quando a gente tem uma criança** pequena, a minha tem sete, mas eu ainda considero uma pequena para muitas questões, é como se, é como se você não tivesse nunca um tempo para si. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 20 de março de 2021).

A percepção de Tereza sobre as tarefas maternas é diferente da percepção que Catarina tem. Ao longo da entrevista, Tereza pontuou muitos aspectos da maternagem que vão além do cuidado físico com outra pessoa, há as demandas emocionais e afetivas que podem ser extremamente custosas e que, como ela mesma diz, “*são demandas que não acabam*”. Assim como outras interlocutoras, ela me disse sentir satisfação em poder conversar sobre o assunto da sobrecarga da maternidade e das tarefas domésticas.

Alguns dos momentos difíceis que Tereza pontuou, durante nossas conversas, foram justamente os que demandam dela o cuidado com a saúde emocional e psicológica de sua filha ou resolver problemas dos quais não achou que passaria em sua maternidade como, por exemplo, a negatividade da criança ao encarar problemas ou adversidades e sua baixa autoestima. É importante salientar que todas essas questões acabam por gerar sofrimento também em Tereza ao estar diante dessas questões, ela relata o quanto a maternidade a afetou emocionalmente.

E aí começou aquela discussão em grupos de mães do Brasil todo, que eu participava de grupos de mães do Brasil todo, e começaram a falar não sei o que de maternidade e eu soltei essa pérola aqui “eu não aconselho a nenhuma mulher ser mãe”, **eu falei isso e já fui tirada do grupo**. Aí eu falei “gente, mas porque vocês me tiraram?”, “**ué, você falou que não aconselha nenhuma mulher a ser mãe, você não pode participar do grupo, que aqui é grupo só de mães**”, “gente eu sou mãe também”, a questão é que você **não tem nem a liberdade de criticar**. Eu falo que não aconselho ninguém a ser mãe, porque depois que você vira mãe, cara... (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Rosa fala sobre a dificuldade de conversar sobre maternidade que acontece entre mães, há certos assuntos e pontos de conversa que não devem ser tocados, e quanto o são rapidamente as mulheres emendam a sua fala com *“mas amo muito meus filhos”*. Criticar a maternidade não é bem visto, algo muito semelhante ao que Orna Donath (2017) encontrou em sua pesquisa sobre o arrependimento materno. Nesse ponto, a maternidade compulsória aparece novamente ao não se poder criticar a maternidade e mulheres que são mães deveriam estar satisfeitas.

Noto que há um silenciamento das mães quando querem falar dos sofrimentos relacionados à maternidade e sobre os *custos* que a maternidade traz para esses indivíduos, ao mesmo tempo que há uma necessidade delas falarem. Assim, trago novamente a fala de Catarina sobre *“ter o direito de como vivenciar essa maternidade, acho que isso é o principal ponto, as mulheres terem esse direito, essa liberdade de escolha”*, que não há como ter uma real liberdade de escolher de vivenciar a maternidade ou como vivenciá-la se não há o debate público sobre importantes questões relacionadas ao tema.

Além de que para ter escolhas de como maternar é importante que existam condições básicas materiais para que haja possibilidades para as mulheres, como creches, segurança alimentar e atendimento à saúde. E acrescento que quando falamos de mulheres terem condições de escolher suas formas de maternar, estamos falando de não serem julgadas sobre suas escolhas. Noto, não só pelas falas das interlocutoras, mas de todo o meu trabalho de campo que inclui participação em *lives* de rodas de conversa, grupos em redes sociais de maternidade e também um olhar e ouvido mais atentos às pessoas próximas de mim, o quanto as mães são julgadas pelas suas escolhas. Vemos que locais que teoricamente deveriam ser seguros para trocas de experiências maternas e de apoio mútuo tornam-se locais de julgamento e exclusão daquelas que não se encaixam aos padrões impostos, como no caso exposto acima por Rosa.

A liberdade de escolha na maternidade também é pontuada por Angela ao falar da intromissão de sua família e em como fazer o doutorado em um outro estado trouxe liberdade para ela.

Fui passar na [universidade federal em que fez o doutorado], coisa mais certa que teve, **foi difícil ir para lá**, adoeci estando lá, **foi muita sobrecarga**, mas também foram experiências transformadoras, **sozinha com meu filho tive a maternância que eu queria sem tanta intromissão da família, que isso é fundamental ter a liberdade de orientar uma pessoa que acabou de chegar no aiye e precisa aprender a andar, né?** Que está olhando para você perguntando como, *“eita, agora vou cair o que que eu faço?”* e **você sabe que esse caminho é legal, e não tem ninguém para dizer que não, que é de outro jeito**. Então foi fundamental, foi lindo, a nossa relação é muito bonita porque eu abracei a possibilidade de continuar construindo coisas, e coisas grandes, para mim são coisas grandes, com meu filho. E hoje ele é meu parceiro, ele é meu parceiro, a nossa relação é uma relação bonita, a

gente é amigo, a gente tem abertura. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

O trecho acima traz aspectos importantes. Angela fala da dificuldade em fazer doutorado em outro estado com seu filho, da sobrecarga que teve a ponto de ficar doente, mas também traz a importância de ter a liberdade de escolhas da sua maternagem sem a interferência familiar. Assim, a sua maternagem, do jeito que ela entende que é correto e bom para seu filho, está intimamente ligada a não ter outras pessoas criticando suas escolhas. Como ela mesma diz: não ter ninguém para dizer que o jeito que escolheu não é bom. Junto à interferência de outras pessoas e aos julgamentos que as mães sofrem, há um elemento muito importante que está presente em suas falas: a culpa.

O sentimento que as mulheres apontam como culpa, também pode ser compreendido como uma elaboração por parte delas de suas vivências de maternidade real em relação às suas expectativas e idealizações de maternidade. Então, se dissermos que existem múltiplas formas de experienciar a maternidade, perceberemos que o sentimento de culpa aparece de formas diferenciadas para cada mulher. Não só de formas diferenciadas como juntamente com outros sentimentos como no relato abaixo de Larissa.

Mas era difícil, às vezes a criança ficava brincando, chorando na porta, às vezes eu me sentia meio culpada, às vezes eu me sentia aliviada de estar em um espaço para mim, nossa, eu quero ter um pouco de espaço, não posso ter morrido para a maternidade [bastante barulho ao fundo], eu quero, sabe? Então tinha esses detalhes, não era uma coisa ou um sentimento só. Mas assim, eu sei da minha situação, me sentia também privilegiada em estar podendo trabalhar, ter uma renda, poder estar em casa, eu sabia disso. [criança entra falando, ela fala com a criança “quer pegar fralda?”, marido fala “eu e ele vamos lá pegar uma fralda”, ela responde “está bem”, e para criança diz “obedece o papai, tá?”]. É, e aí, o que eu estava falando? Eu esqueci... (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Larissa traz um ponto que observei entre outras mães: o sentimento de culpa se relaciona com o desejo de individualidade, espaço e tempo para si. Ela coloca como “*não posso ter morrido para a maternidade*”, outra interlocutora falou em “*sufocamento da maternidade*” e querer “*respirar sua individualidade*”.

Eu fiz um drink, tomei um drink almoçando, gim com uma dessas tônicas, e aí eu fui fazer o segundo, quando eu levantei da mesa, mal terminei de comer, quando tirei o prato assim, comi um monte de carboidrato, arroz, farinha, churrasco, frango assado, calabresa, bem desesperada. Deu aquela satisfação depois de tomar uma taça inteira dessa bebida, depois fiz outra, quando eu ia sentar no sofá aí ela “a gente pode jogar dama?”, “não filha”, eu falei “**não, a única coisa que eu quero é respirar e sentir que estou viva**”. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 20 de março de 2021).

Mas assim, para mim, a sensação é muito isso, assim, de **não ter tempo para respirar a sua individualidade, para exercer a sua individualidade**. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 20 de março de 2021).

Ir dormindo no quarto dos pais até grande, eu dormi, quando minha mãe me escorraçou porque já não aguentava mais porque precisava transar com meu pai porque eu lembro dessas coisas, e hoje eu entendo muito isso **porque eu passo exatamente por isso hoje assim, de sufocamento da maternidade**. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 10 de março de 2021).

Assim, o cuidado de si, o desejo de fazer suas coisas se vincula com a culpa de não estar fazendo o que essas mulheres compreendiam com o que uma mãe deveria estar fazendo. Esses aspectos também aparecem no trecho abaixo:

A culpa materna é um lance muito... Eu leio sobre, eu falo com outras mães, eu converso com outras... **O meu papel é sempre levantar as outras mães**, igual com a Roberta, eu falo para ela “Você é maravilhosa, você é excelente mãe, você é tudo de bom e não sei o que”, **eu falo, eu leio, mas quando olho no espelho e olho para mim eu choro, me sinto culpada, me acho uma péssima mãe, faço tudo errado**. É complicado. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Aqui percebemos o quanto é difícil para as mulheres se desvincularem do ideal materno e de ideias preconcebidas do que é ser uma boa mãe. Mesmo para mulheres que, no caso de Rosa, pesquisa maternidade, tem leituras e estudo para uma construção individual de maternidade que não lhes traga tanto sofrimento, é difícil desvincular-se dos ideais. Em outro momento da entrevista Rosa me conta sobre como tem feito para trabalhar durante a pandemia e me fala sobre as estratégias que têm utilizado. Aqui, é interessante que ela fala algo que também foi recorrente entre as interlocutoras, que são as promessas de coisas que não farão quando tiverem filhos, mas que, eventualmente, o fazem.

Meu grande aliado: desenho e Netflix. **Antes de eu ter minha filha eu dizia “minha filha não vai assistir televisão, não vai assistir”, hoje minha grande aliada é a televisão**, infelizmente. Eu coloco o desenho para ela assistir, ela assiste, eu volto fico uma hora estudando, vou fazer almoço, aí a tarde volto uma hora de novo. **Ela fica até umas quatro horas da tarde, infelizmente, mas é o que eu tenho para me ajudar, porque eu não tenho ninguém, a televisão é minha grande aliada**. Aí sabe o que eu faço? Eu coloco lanche e água na frente da televisão para ela não vir no meu quarto, aí eu explico para ela, né? E ela só vem mesmo quando não tem outra alternativa, aí ela pergunta “mamãe, você está trabalhando?”, eu não sei se você ouviu ela falou assim “mamãe você está trabalhando?”, a gente tem esse acordo. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Vemos em sua fala que a sua escolha de utilizar a televisão como uma forma de sua filha ficar entretida enquanto trabalha se dá por não ter outras pessoas que possam cuidá-la e entregá-la. Assim, as expectativas de maternar de Rosa não se cumprem na realidade em que

ela se encontra, sem rede de apoio em meio a pandemia e tendo prazos a cumprir com a pós-graduação.

**Eu me sinto culpada, totalmente culpada. Me sinto muito culpada.** Maternidade é isso, eu falo assim: “você ser mãe é andar em uma linha entre o amor e o ódio” porque **qualquer decisão que você toma, você se sente culpada.** (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Podemos associar as ideias apresentadas por Rosa e Catarina. Ao falarmos sobre ser livre para fazer escolhas na maternagem também se pressupõe estar livres de sentimentos de culpa por elas. Principalmente se pensarmos que a cobrança da boa maternidade é social, como explica Catarina ao falar sobre as diferenças da maternidade de seu filho mais novo para as mais velhas

Diferente, muito diferente, muito tranquila, acho que diria, assim, que muito mais tranquilo, **me cobro muito menos, acho que sou cobrada também menos.** Acho que o fato de eu ter tido as meninas quando adolescente, acho que o fato de... **Eu não me cobrava tanto, não me cobrava não no sentido de não querer ter responsabilidade, era porque eu dizia “minha gente quem cuida da minha vida sou eu, não é ninguém, quem cuida das minhas filhas sou eu, não é ninguém,** então eu quero mais que as pessoas se explodam, quem quiser falar que fale, não entra nem num ouvido e sai pelo outro, já bate aqui e desvia, não quero nem saber”. **Óbvio que tem coisas que a gente não consegue, se proteger, criar um escudo, aí a gente se afeta, é doloroso, a gente fica pensando coisas que a gente que, a gente se cobra mesmo,** “ah eu poderia ter dado mais atenção, ah eu poderia ter feito isso e aquilo”, mas não tem receita pronta, né? **Esse sentimento de culpa eu não quero carregar, nunca quis, sentimento de culpa que é posto pela maternidade, eu nunca quis carregar.** Então acho que isso me fez também, mesmo com as meninas, ter mais leveza do que muitas amigas, ou outras pessoas que eu conheci ao longo da minha vida vivenciaram maternidade também, né? **Acho que posicionamento que eu tive, acho que o fato também de estudar maternidade me ajudou muito nesse processo de saber identificar situações em que eu viesse, essa questão do machismo, dessa constituição do ser mãe, desse ideal de mãe, me fez identificar e não embarcar nessa questão, nessa ideologia, nesse mito do amor materno, nessa ideologia que se tem acerca da maternidade.** (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Em se tratando da temática da culpa materna, percebo que a culpa tende a aparecer sobre os aspectos que as interlocutoras estão em desalinho com os modelos de maternidade hegemônicos. Questiono o porquê deve haver o sentimento de culpa quando elas estão descobrindo e inventando seus próprios modos de exercerem a maternidade e sabendo que dentro dos contextos em que estão inseridas, estão fazendo as escolhas. Por mais que as mulheres se blindem e criem um escudo, como nas palavras de Catarina, é muito difícil lidar com a cobrança externa e também interna. Com as mulheres que conversei, era evidente que todas gostariam de prover o melhor para seus filhos, que eles tivessem as melhores experiências, mas devido às suas realidades nem sempre isso era possível, então escolhas tinham de ser feitas. Escolhas sobre as quais nem sempre se agradavam e se sentiam satisfeitas em tomar, porque às vezes nenhuma das possibilidades era o que realmente gostariam de vivenciar.

A questão racial também apareceu ao longo de nossas conversas, foi inevitável conversar sobre as implicações do racismo na maternidade com as mulheres que são racializadas ou com aquelas que têm seus filhos racializados. Contudo, enquanto eu levava questões muito relacionadas à violência estatal e institucional, as interlocutoras demarcaram as outras violências e cuidados que têm diariamente com suas crianças.

Dentre as suas preocupações estavam saúde emocional, autoestima, conhecer sua ancestralidade e histórias da origem da família, bem como também estarem fortalecidas para saberem reagir a qualquer possível violência. Os pontos abordados pelas mulheres em suas falas condizem com o que Luara Baia (2021) nos traz ao falar do marcador social da diferença de raça e das estratégias cotidianas de mulheres negras em suas maternagens para lidar com problemas relativos ao racismo.

E elas estavam falando sobre ancestralidade e a maternância sempre era central. **A maternância, a maternagem, a maternidade, o ventre, o parir é fundamental para as estratégias políticas das mulheres negras e indígenas.** Eu acho que sem esse recorte a gente não entende o que está fazendo em termos de distinção. Porque **é diferente você pensar a maternagem como uma mulher branca e como uma mulher racializada nessa sociedade.** Primeiro porque os filhos das brancas não estão nos alvos das balas, isso é óbvio, o extermínio da juventude negra e da juventude indígena não atinge os filhos dessas mulheres, então elas não têm essas preocupações. **Elas não têm uma série de preocupações que nós temos o tempo todo.** O meu filho sofre racismo, ele nasceu bem clarinho o meu filho, na hora que ele nasceu eu disse pra médica “meu filho é branco”, [meio que ri] aí ela disse “não, de um tempo a ele, que ele não vai ficar branco não”. **Mas ele era bem clarinho quando ele nasceu, só que ele era racializado desde sempre.** Eu achava que ele era branco, e um dia o avô dele paterno, que é branco disse “oh, eu gosto dos meus netos tudo por igual, esse aqui é assim por causa da mãe dele, mas amo todos por igual”. Ou seja, havia uma diferenciação por causa da mãe dele, da mãe preta. Quando eu coloquei meu filho na escola do interior do estado, usava rastafari nessa época, as crianças disseram para o meu filho que a mãe dele era feia e muito suja. Ele não teve coragem de me dizer e meu filho me diz tudo, e ele não teve coragem de me dizer. Eu escutei ele falando isso para o primo dele escondido. E aí eu fiquei com isso, né? Além das questões que recaem sobre ele, por exemplo, os meninos aqui da rua tão colocando o apelido dele de Toddynho, de Toddynho. E eu dei a porra nele “você não vai aceitar esse apelido amigo, não é por aí, pare”, **eu desci o paranauê para explicar questões raciais para uma criança de cinco, seis, sete anos de idade. É muito doido isso, o esforço que a gente tem que fazer, esforço pedagógico para eles entenderem que isso não é brincadeira, que isso não é qualquer tipo de violência, que isso é uma coisa específica que existe. Então a gente se forma como educadora para educar o nosso filho a resistir desde muito cedo. Isso é coisa de mulher racializada, isso é uma tarefa que a gente tem que fazer.** (Angela, mãe de um menino de sete anos, 7 de março de 2021).

É outro esforço, uma coisa que a gente tava conversando também, que as indígenas chamaram muita atenção inclusive, **a ancestralidade é uma ação política cotidiana, e que ela é guia dos nossos processos de maternagem, então para nós é essencial fazer o exercício de reconexão dos nosso filhos com esse processo que foi tão esfacelado.** É uma necessidade, e isso não está dado. **Entender negritude, entender indigeneidade, entender tudo isso na sua experiência, no seu ser, na sua identidade, na identidade de formação de uma criança em um mundo racista não**

**é simples.** Acho fundamental a gente fazer esse recorte quando a gente fala de maternagem. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 7 de março de 2021).

O principal ponto é que elas sabem que a violência racial irá ocorrer com seus filhos já que estamos em uma sociedade racista. Ocorre o que Patrícia Hill Collins (2019) falou de maternidade politizada, inclusive, com mães brancas de filhos racializados, em que criar filhos racializados em ambientes racistas promove uma nova visão da maternidade para muitas dessas mulheres. Algo que apareceu nas falas das mulheres com que conversei, mas também o percebo na maternidade de minha mãe até hoje.

**Tem esse sofrimento da mãe preta e tal que ainda não tem trampo fixo e tal, de cuidar da casa, cuidar da criança e ser interpelada na rua com uma criança que tem a pele mais clara.** Tudo isso são sofrimentos. Isso tudo pra te dizer, assim, que o meu sentimento é que quando a gente pari uma criança e depois descobre uma criança negra, eu estou muito nesse processo com a Janaína, **de percebê-la criança negra**, porque eu percebo, mas **à medida que a sociedade não percebe ou as pessoas estão ao meu entorno aqui, então ela não está passando, ela não está sendo interpelada a todo momento pela racionalidade do corpo**, saca? (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 10 de março de 2021).

Mas, é o que a gente tem que fazer, tem que fazer, acaba que é isso que a gente tá submetida a essa carga. mas a gente também tem muitos bônus né, porque não é um sacrifício final das contas, né? A gente aprende muito com isso, e aprende a também ah sei lá que não quer mais ter outro filho (risos) por exemplo (risos) eu já estou por aqui, filho não vou mais, estou de boa (risos) mas é muito bom, mas um tá ótimo, nossa senhora. (...). Mas vale a pena sim, se você quiser ser mãe, seja, você vai ser uma mãe fantástica. você já está construindo pra ser, pra ter um entendimento não romantizado e enfim, a gente precisa de mães assim, porque essa geração de crianças a gente já vê que é uma geração, tipo assim, que, eu vejo que pelo menos em relação a questão etnicorracial as coisas estão mudando, lentamente, mas estão mudando, acho que a gente precisa sim, de pessoas que exerçam uma mudança e que **as crianças possam ser livres para pensar também, mas que sejam crianças mais respeitadas, e menos sofridas também, com menos auto ódio também.** (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

No conjunto dos relatos das mães vemos que a racialização de seus corpos e dos corpos de seus filhos é uma preocupação constante que está presente em suas vidas cotidianas. A todo momento elas estão atentas ao que ocorre com suas crianças.

Eu fui conversar com a professora e assim, a minha sorte é que das professoras aqui tem uma professora indígena, primeira professora da minha filha é uma professora indígena, no dia que eu coloquei ela na [creche pública que a filha está matriculada], falei “ai, ainda bem”. E ela tem professoras negras então, assim, **eu acho isso muito bom, porque elas querem repensar e querem me ouvir, eu sei que vai ter lugar que não vai ser assim.** Que [a creche pública que a filha está matriculada] é um espaço privilegiado, é um espaço mais restrito, né? Mas eu sei que na escola municipal, já no ano que vem que ela vai, eu vou chegar para conversar, né? **Mas eu sei que talvez eu não vou ser ouvida, que talvez eu vou ter que fazer coisas que eu já fiz. Eu já briguei muito por causa da minha filha,** coloquei minha filha no ballet, uma professora... Era dia do índio ela pintou as crianças e tava fazendo “bubu”, eu falei “não querida, pode parar, dá licença, você não vai fazer essa palhaçada”, ela ficou com raiva de mim a professora, eu falei “não Violeta, você vai

ter que sair do ballet”, ela “ai, por que eu não posso mais no ballet?”. Eu falei “não, tu não vai mais no ballet, você pode ir em outro lugar pra fazer o seu ballet, mas aqui não, porque a mamãe brigou com a professora”. Ela estava me ridicularizando, sabe? Eu achei, pra mim aquilo não era legal, não acho legal como professora, assim como nunca achei. **Antes de ter minha filha eu já trabalhei numa escola que tinha alunos indígenas e já achava uma palhaçada esse negócio de dia do índio, é uma coisa de ridicularizar mesmo, de tornar genérico, de estereotipar, de reforçar o estereótipo, eu nunca gostei, aí depois ainda tive minha filha, aí falei “ah, não dá mesmo querida”,** (risos) aí que não dá mesmo, ai que eu fiquei mais, **virei uma dona onça, se antes eu enquanto uma pessoa branca eu refletia, mas não tinha a altivez “ah eu vou agir aqui”, hoje em dia não penso nem duas vezes, se for pra meter o pé na porta (risos), a gente mete o pé na porta, não dá pra ficar quieta, né menina?** (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

É um ambiente que pra toda pessoa racializada, a cidade, o espaço urbano, ele é mais violento, mas **eu acho que ela vai ter ferramentas para se defender, se depender de mim, e se amar, né?** Ela já se ama muito, ela aprendeu a se achar de uma forma, **eu falo que tem que se achar mesmo, porque aí você vai achar pessoas pra falar que você é suja,** sabe? Que você não é bonita, ou pra te hipersexualizar, no caso da mulher indígena, [ininteligível] futuro dela, eu falo “**cara, ela tem que aprender a se defender, tem que ter ferramentas para não passar coisas assim**”, tipo, que a gente quer proteger e não tem como, a gente não consegue, não tem alcance, **eu achava que tinha, que podia colocar ela numa bolha** [ela começa a rir] e que [ininteligível] mas depois que ela foi pra escola eu falei nossa a socialização é muito pesada! (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

Aí eu **percebi essa coisa da dinâmica racial e do corpo dela nisso tudo, sabe?** Então **ela deixou de ser esse corpo completamente aprovado, como é o caso ainda hoje aqui** [estado da região nordeste em que vivem]. Eu vou te mandar uma foto dela. E aí com isso tudo **me veio esse compromisso mesmo, essa coisa de engajamento, da maternidade engajada também, dela entender, e mesmo nesses contextos territoriais que ela é lida como uma criança branca e tal. Dela entender o que isso significa naquele lugar, o que vai abrir de porta para ela que vai fechar para outra criança,** e nesse conjunto de questões, de cabelo, de questões raciais, de terreiro e tal. Assim, de ela conhecer os terreiros por mim, né? **Pelo meu corpo preto, entrar em contato com esses espaços para mim é a melhor forma possível porque é uma forma de entrar em contato de uma maneira extremamente positiva com alguém que ela confia muito, que é a mãe dela,** de uma pessoa que está ali com todas as minhas limitações, intelectuais inclusive, explicando pra ela o que que aquilo ali significa, a potência daquilo ali. Ao mesmo tempo, tornar aquilo ali uma coisa normal, natural, leve, sabe? Porque ela ainda é uma criança de sete anos. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 23 de fevereiro de 2021).

Raça aparece como um marcador social da diferença que depende do contexto social em que estão inseridas. Tereza e Anna notam que há diferenças na forma que suas filhas são tratadas. Tereza nos mostra a dinâmica racial das regiões do Brasil enquanto ela fez mobilidade acadêmica junto da filha - da região nordeste para a região sul - e de como é importante para ela que a filha compreenda seus privilégios e opressões dependendo do espaço em que está. Já Anna fala da violência que percebe ser mais incisiva ao estar na cidade com a filha, e de como a escola pode ser um lugar de reprodução do racismo pelas professoras e também pelas crianças, ela também relata a violência da qual sua filha foi vítima por um colega de turma.

O que é comum a todas é o lugar de ser responsável em educar seus filhos racialmente para que possam compreender o racismo e saberem se defender. Essa responsabilidade também traz o sofrimento de entenderem seu próprio corpo e a si mesmas inseridas nos contextos de violência racial e de se posicionarem frente a isso. A educação e ferramentas que apresentam às suas crianças pode ser fundamental para a sobrevivência deles no futuro, assim como também essa face de sua maternidade é utilizada em seus trabalhos artísticos e acadêmicos como motivação para denúncias.

O *peso* da responsabilidade de educar e guiar indivíduos que sejam conscientes politicamente de opressões e privilégios também aparece ao tratarmos da maternidade de mulheres que são mães de meninos. A especificidade de educar meninos que não sejam futuros opressores é algo que marca a maternagem das interlocutoras, principalmente, por se identificarem enquanto feministas.

No diálogo que tive com uma das interlocutoras, vi o quanto pode ser dolorido ser mãe de menino em contextos feministas quando toma falas políticas enquanto pessoalizadas. Para ela, ter seu filho tido como um futuro opressor foi algo que a fez se afastar de grupos feministas, apesar de ela ainda se identificar como uma, assim como a educação que lhe dá.

A gente não escolhe nascer menina. É o que ele é, talvez no futuro ele se identifique com outro gênero, não será hetero, não sei, não sabemos, né? Mas sexualmente ele é um menino [o filho está brincando com ela e ela fala pra ele “Ah, perdeu a fralda!"] **Ele vai ter sim seus privilégios de menino, branco, classe média, com certeza, mas reconhecendo os privilégios e lutando contra a perda de direitos dos outros, está tudo bem, né? Ele não é o vilão ainda, espero que não, eu o crio para que não seja.** [ela se volta para criança de novo “Vem para cá! Não vai aí dentro!”]. (Mariana, mãe de um menino de dois anos, 20 de novembro de 2020).

Ah, com certeza! [ela fala rindo] Porque isso já vem desde a gestação com o meu companheiro, né? Eu falava que ele ia ter que ser presente, enfim. Que vêm com relação ao parto também, eu quis uma doula, quis saber tudo sobre violência obstétrica, quis me precaver de tudo que eu pudesse conseguir. E acho que o **maior desafio é na educação, claro, porque eu tenho dois meninos, né? Eles vão ser homens, eu me sinto bem responsável em educar, uma educação feminista ou pelo menos o mais próximo que eu conseguir. Então é um desafio para nós que somos mães de meninos** [ela ri]. (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Dialogar, entender, olhar nos olhos, ser afetivo, a possibilidade que o mundo me deu de ser mãe de um menino, **é muito potente poder ser mãe de um menino nesse mundo** que os homens nascem apodrecendo, se atrofiando, se machucando por conta desse comportamento trazido pela sociedade machista, pelas regras sexistas, com a ideia de “sou superior, mas pra isso estou me tolhendo, não posso mover meu corpo, falar de outra forma, não posso ser, amar, não posso uma série de coisas”. **Então, essa masculinidade que é construída pela negação, eu não estou ensinando isso para o meu filho, e isso para mim é maravilhoso, isso faz com que eu cresça também.** (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

Percebemos que as interlocutoras puxam para si a responsabilidade de criar homens em uma chave diferente da que está dada socialmente. É interessante notarmos que elas entendam como *sua responsabilidade* questões sociais como machismo, sexismo e misoginia, que deveriam ser uma responsabilidade social de mudança para uma sociedade igualitária.

Gostaria de ressaltar que ao falarem de ser mãe de menino ou ser mãe de crianças racializadas não houve menção ao papel paterno ou dos genitores, exceto em um caso específico que uma das interlocutoras falou que o pai, na verdade, como homem branco, deseducava o filho negro nas questões raciais. Enquanto mulheres com consciência das relações raciais ou de gênero, a *responsabilidade* ou o *peso* da maternidade torna-se maior no sentido de se sentirem responsáveis por mudanças sociais e fazerem de suas maternagens como ações de um futuro melhor que seja possível.

O cultivo da responsabilidade de ser mãe é uma experiência diferente para cada mulher, pois o empenho no cuidado em direção ao que compreendem como bem-maternar tem caminhos distintos de acordo com os marcadores sociais da diferença, que marcam suas vidas e as vidas de suas crianças. O diálogo com os modelos hegemônicos de maternidade e seus significados sociais do que é ser mãe, é tido, de maneira contextual, em que as interlocutoras vão elaborando suas próprias formas de maternar de acordo com o que tomam como o melhor para sua prole frente às necessidades e suas próprias convicções.

Assim, tomo como uma constante experiência dialética entre os modelos que são introjetados como sujeitos culturais, e que no decorrer da vivência enquanto mães incorporam e reelaboram diferentes elementos dos significados sociais da maternidade, criando seu próprio bem-maternar, que de forma contextual, é uma possibilidade real a ser alcançada, ao contrário de modelos idealizados de maternidade.

A partir desta perspectiva, a relação que as interlocutoras têm com a antropologia é fundamental na construção de suas próprias práticas de maternagem visando o bem maternar, como veremos a seguir.

### 3.4 PROJETOS, CARREIRA E ANTROPOLOGIA: CAMADAS DE RESPONSABILIDADE E O BEM-MATERNAR

A relação que as interlocutoras têm com o *peso* de ser mãe torna-se concreta quando falamos de seus projetos pessoais e profissionais. As mudanças geradas pela maternidade se exteriorizam quando em suas falas apontavam para projetos que se manteriam ou se

modificaram após a maternidade. Em suas falas noto que a maternidade trouxe um elemento de persistência em continuar galgando uma vida melhor para si e para seus filhos, de maneira que o *peso* também se reflete nesse aspecto de ter que dar o máximo de si, seja em relação a vida pessoal ou profissional.

É interessante pensar que quando eram interpeladas sobre o que sentiam ao descobrirem que se tornariam mães, a resposta mais recorrente foi a sensação de *interrupção*; quando questionadas sobre a possibilidade de desistirem da carreira ou do plano profissional que estavam traçando, a resposta era que tal possibilidade não poderia existir, ou melhor, não queriam deixar para trás uma perspectiva de melhora de vida ou de realizar uma meta.

Eu fiz a minha graduação em Antropologia na [país de origem], depois que terminei a graduação eu consegui um emprego lá, fiquei pouco tempo e aí já fiquei grávida e as condições gerais do país... **Passou a ser bem difícil de eu pensar em criar a criança lá. Junto com meu companheiro a gente decidiu vir para o Brasil**, eu já conhecia, eu viajava várias vezes pra cá então muitas pessoas falaram que era **bom ir para o sul que tinha uma boa qualidade de vida e aí a gente chegou em [capital do estado em que vivem hoje] e a Sofia nasceu lá.** (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

Amanda traz em seu relato que a perspectiva de criar uma criança em seu país de origem a fez modificar seus planos em busca de uma qualidade de vida melhor para sua família e, junto com seu companheiro, resolveu migrar para o Brasil. É interessante apontar que sabiam de todas as dificuldades que encontrariam ao se tornarem migrantes e estarem sem rede de apoio, mas em suas avaliações, era um projeto de vida que valia a pena.

**Nem aparecia a ideia opcional de desistir da carreira**, porque eu venho de um contexto onde acessar o ensino superior já é uma luta sabe, muito grande, e eu sabia que era o tipo de área ou coisa com a qual me identificava pra fazer na vida. **Sempre gostei muito de estudar, então desistir da minha graduação não era uma coisa que aparecia na minha cabeça, eu só pensava em como que eu ia conseguir conciliar tudo e parece que eu entrei meio no automático, eu vou seguir e cumprir as coisas que eu tenho que cumprir, então eu vou deixar minha filha saudável e bem, e vou cursar as disciplinas vou entregar os trabalhos.** Que parece que entrou no modo automático até mais ou menos agora, em que eu estou no meio do mestrado e que começo acreditar “não, eu consegui, eu consegui concluir minha graduação, consegui ingressar no mestrado” e tentando meio que driblar a síndrome de impostora que veio com a maternidade “eu não estou fazendo certo, está tudo ficando incompleto, eu sou estudante do improvisado agora”. **Então, eu acho que a luta é pra conseguir olhar pra minha história, minha trajetória, e pensar “não, eu consegui e eu estou conseguindo fazer as duas coisas, eu estou conseguindo conciliar tudo. Mas nunca pareceu como opcional desistir dos meus planos, sabe?** (Bianca, mãe de uma menina de quatro anos, 15 de outubro de 2020).

Mesmo com o desafio das gestações, duas, de ser mãe, eu falava “não, eu vou conseguir, vai dar tudo certo”. **Eu me desmistifiquei do trabalho perfeito, eu tirei isso da minha cabeça como meta, eu falei “o que é possível fazer, eu vou fazer”, entendeu? Então foi assim, e também da mãe perfeita, eu desmistifiquei**

**os dois sabe? Não existe o trabalho perfeito, também não existe a mãe perfeita,** eu preciso de espaço, no futuro vai ser bom pra mim, eu preciso da minha independência, da minha carreira. Eu não quero abrir mão disso também. Não é fácil, não vou dizer para ti que é fácil, mas foi gratificante o resultado de ter continuado. (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Já nas falas de Bianca e Larissa vemos duas histórias de mulheres que ficaram grávidas ainda na graduação, mas que não optaram por desistir de seus planos profissionais, mesmo com dificuldades encontradas, principalmente, no campo emocional. Bianca nos fala da “síndrome de impostora”<sup>16</sup> que a maternidade trouxe e de como lidou com as demandas acadêmicas no modo automático, de maneira a não deixar pendências e conseguir finalizar seu objetivo. Larissa falou na entrevista que teve que desmistificar a ideia de trabalho perfeito e de mãe perfeita, ideais inalcançáveis, para poder dar continuidade ao seu trajeto profissional e terminar a graduação. Ambas sabiam que era fundamental terminarem a graduação na realidade em que viviam, ainda mais com a responsabilidade de criar filhos.

Outra questão que apareceu de maneira recorrente em se tratando de projetos pessoais e profissionais era a anulação de si mesma. Em momentos diferentes, minhas interlocutoras apontaram a experiência da maternidade como uma experiência limitante ao traçarem projetos.

Eu acho que essa **experiência da maternidade, cara, muitas vezes a gente acaba se anulando por mais que a gente tenha esse discurso de que não pode se anular e etc... Mas a verdade é que a gente se anula sim, muitas vezes, acho que não completamente, obviamente cada mulher tem sua experiência, né? Mas, assim, o que eu posso te afirmar é que não é mais a mesma coisa** assim, sabe? De você ir para onde você quer a hora que quer, assim, de uma **liberdade total do corpo e da vida**, saca? Para mim, assim, foi muito marcante porque como eu já te disse, eu sempre tive muito trabalho por aqui no interior e isso foi completamente mudado depois que Janaína nasceu, principalmente, quando ela era menor. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 10 de março de 2021).

Eu defendi em agosto, pari em novembro, e aí, assim, foi o primeiro ano aquela loucura, **não fiz nada da vida assim, quer dizer, academicamente, eu não produzi, não fui pra congresso, e eu via as pessoas indo, se mobilizando, e amigos e tal, e eu ali maternando, gestando uma criança, um ano.** E assim, **como eu sou uma pessoa muito ativa, meu sentimento era bem pra baixo**, sabe? De que eu não iria conseguir, que eu ficar dona de casa, sendo sustentada, então foi bem *bad* nesse sentido, porque quando, assim, eu acho que depende das situações, mas eu acho que **muitas mulheres como eu acaba tendo que parar, gestar a criança um tempo, nem sempre a gente consegue, quero dizer, ter uma rede de apoio para você conseguir fazer aquilo que você quer ou ter a oportunidade que aparece**, nem

---

<sup>16</sup> Segundo Débora Diniz (2021), o conceito é utilizado para representar o senso de inadequação que vivem os indivíduos que “são corpos inesperados a determinadas estruturas de poder e de saber como são as universidades (...)”. Diniz tensiona o conceito propondo que ao invés da pergunta que gera o senso de inadequação “Será que eu caibo aqui?” a questão deveria ser “Quem cabe aqui? Quem é considerado bom aqui?”, de maneira que se conteste as estruturas de poder e não os indivíduos. Sua provocação vem no sentido de que o senso de inadequação é menos sobre os indivíduos, e muito mais sobre “estruturas que permitem algumas pessoas pertencerem e outras a viverem em permanente estado de despertencimento e inadequação”.

sempre dá pra você levar a criança. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 22 de março de 2021).

Tereza em dois momentos diferentes aponta para a limitação da maternidade de fazer suas atividades profissionais e acadêmicas. Ao longo de nossas conversas, ela sempre se mostrou uma mulher muito ativa, em suas palavras, e que trabalhava muito, que se movimentava profissionalmente e tinha independência financeira. A interlocutora via a maternidade enquanto fator limitador para continuar com o mesmo ritmo de trabalho, o que causou perdas financeiras, já que parou de trabalhar durante um ano e teve dificuldades para se recolocar no mercado de trabalho. Para Tereza era muito incômodo depender de um homem para se sustentar, em suas falas ela articula essa questão com fatores raciais, por ser uma mulher negra que almeja ascender socialmente. Ela mesma diz que cada mulher tem sua própria experiência, mas percebo que para ela o *peso* que a maternidade incidiu em sua vida profissional foi muito grande, principalmente, pela importância dada por ela em seu projeto de vida profissional. A responsabilidade de ser mãe pairou sobre ela no sentido de retirar um tempo para cuidar exclusivamente de sua filha nos primeiros anos.

Não, é porque eu estava tentando estudar o governo, as táticas do governo eu não era, eu não fui bem aceita lá dentro, eu tentava conversar com polícia essas coisas [o filho brincando e fazendo bastante barulho ao fundo] e não era bem visto. **Eu estava irritada também com a gravidez [ela ri], cansada da vida e decidi fazer algo mais leve e menos estressante.** Eu não podia estar viajando tanto, fronteira para [capital do estado em que residia], fronteira para [capital do estado em que residia] **por causa da gravidez mesmo**, eu já tava no fim da gestação e tinha problema de “ah, retia muito líquido, podia ter pressão alta”, essas coisas assim. **Foi uma gravidez tranquila, mas no fim eu fui proibida de fazer essas coisas, e aí mudei.** (Mariana, mãe de um menino de dois anos, 20 de novembro de 2020).

A responsabilidade de ser mãe na vida de Mariana trouxe para ela a possibilidade de mudanças em seu projeto de pesquisa do mestrado. A interlocutora me contou que teve muitas dificuldades para se inserir em seu campo de pesquisa, que com a gravidez ficou inviável e para facilitar a execução adequou sua pesquisa para um objeto de pesquisa mais viável. Em sua fala vemos que ela chegou a ser proibida de continuar suas viagens para o campo, o que a fez ter que repensar e criar uma nova estratégia para a finalização de seu mestrado.

Eu falo assim: "Você quer ser mãe? Pense direitinho se é isso que você quer, porque querendo ou não o filho é da mãe", sabe? Filho é da mãe, não tem jeito. Pode ser o melhor pai que for, mas depois que se separa o filho é da mãe. Eu sempre dou esses conselhos, sabe? Eu falo a minha experiência, a maternidade real mesmo, porque realmente é difícil, não tem como eu falar que é lindo e maravilhoso. Porque não é lindo e maravilhoso. É lindo e maravilhoso, mas também não é só lindo e maravilhoso. Eu não sei explicar, não sei se você entende, porque às vezes é difícil de entender. Às vezes eu falo isso e a pessoa fala "Como assim?". Mas é difícil de entender para quem não é mãe, é um pouco difícil, porque é um sentimento que é

difícil você explicar, por que você ama, **mas às vezes você fica limitada de fazer as coisas, não tem jeito, não tem condição. Às vezes quando você não tem condição você abre mão do que você tem para fazer para seu filho.** É um amor que, eu não vou te falar que é um amor incondicional, que é uma coisa de instinto, porque não é. Mas é uma coisa que não tem explicação mesmo, não tem explicação. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Vejo no trecho citado da entrevista de Mariana uma articulação com o de Rosa. Apesar de Rosa estar falando de um outro ponto, me chama a atenção o fato de ela dizer que quando há limitações, ou falta condições materiais para si, a mãe abre mão de seus projetos em prol do filho. No caso de Mariana, para evitar estresse em meio ao campo ou algum problema na gestação da criança, optou por abrir mão de seu projeto de pesquisa para adequar-se a uma nova realidade enquanto mãe.

Ela tinha uma alergia alimentar severa, então eu não podia voltar estudar, não podia voltar para a sala de aula, que eu também era professora, então assim que eu me formei eu já não pude mais voltar, porque ela [ininteligível] é... A gente teve que trocar todas as panelas da casa, trocar tudo aqui de casa, porque a alergia alimentar dela era muito severa, ela tinha alergia a leite de vaca e a proteína do leite ela pega em tudo, né? Eu nem sabia disso, aí eu tinha que amamentar, eu emagreci muito, as pessoas vinham perguntar se eu estava doente, porque para amamentar eu tinha que fazer essa restrição e acabou que **eu abri mão de tudo, eu fiquei dois anos por conta dela, eu trabalhava em casa, porque não tem jeito a gente precisa sobreviver**, mas [inteligível] comida, fazia outras coisas pra vender, porque realmente **não dava pra voltar para minha área.** (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

Algo semelhante também ocorre com Anna, que por conta da saúde de sua filha abre mão da docência para se dedicar exclusivamente a ela. Em meio às entrevistas também tive relatos de mulheres que se recusaram a abrir mão de seus planos por conta da maternidade.

E acho que isso vai encaminhar muita coisa do meu adoecimento físico, inclusive, pós-gestacional. Pós-gestacional não é por causa do meu filho, mas é **por causa da sobrecarga da forma que eu tive ele e decidi me manter nos projetos, nos projetos de academia, eu disse que não ia abrir mão das minhas coisas**, eu disse para mim “não vou abrir mão das minhas coisas, vou fazer minhas paradas”, mas agora e o preço, né? **O preço não foi barato, está sendo bem caro** [pisca alerta ligado ao fundo]. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

Acontece que o *peso* da maternidade fica mais denso quando querem continuar a vida como tinham antes da maternidade, ou a não mudar os seus planos. Angela foi uma das mulheres que pontuou o fato de não querer deixar a maternidade atrapalhar seus projetos anteriores, o que fez com que adoecesse por conta da sobrecarga. Cabe dizer que o acúmulo de demandas de Angela e de outras mães solo, como ela, também se dá por conta da ausência e descaso paterno, ou por questões judiciais referentes à guarda das crianças.

A harmonia entre a maternidade e planos profissionais também foi comentada pelas interlocutoras. A adequação do papel materno em suas vidas também traz em si algumas

questões como o desejo dos filhos em participarem dos planos de suas mães, como também de cumprirem suas próprias expectativas de maternidade em si, de poderem se dedicar à maternidade ou de terem posições profissionais que tenham mais estabilidade financeira.

E pandemia, né? A gente está na pandemia, então a pandemia mudou tudo assim. Aí eu quis aproveitar achando que eu ia conseguir, mas acabou que não rolou, mas aí eu falei “ah que bom também, **porque aí eu consigo me concentrar nos primeiros anos dos bebês**”, **que é o que eu quero né, daqui a pouco eles estão na escolinha e eu consigo ter meio período para mim e voltar a ter meus projetos.** (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

Aí depois de um ano, eu respirei fundo e “vamos lá, vamos tentar o doutorado”. Mas aí veio a pandemia e fui fazer a graduação nova, que é a graduação que eu estou fazendo. **Acabei deixando o doutorado mais para frente, até por um planejamento familiar mesmo, uma conversa que eu e minha filha tivemos**, acho que comentei contigo. **Ela não quer mais se mudar**, e eu e ela nos mudamos muitas vezes de casa, a gente se mudava porquê... Ah, quando eu fui fazer graduação a gente foi para uma casa, aí ficou pesado e fomos para outra, aí depois a gente se mudou e ficou morando fora, voltamos, a gente se mudava muito. Ela trocava de escola sempre, todo ano, aí esse ano, agora, ela impôs “eu não vou sair dessa escola até o ensino médio”. **Não é que ela me impôs, mas foi uma negociação** tipo “poxa mãe, não aguento mais” uma conversa assim, e aí **a gente decidiu que a gente só vai se mudar quando ela estiver entrando no ensino médio ou saindo do ensino médio, então a minha ideia é fazer o doutorado daqui a quatro, cinco anos, quando ela estiver saindo do ensino fundamental para ela ir comigo.** (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 11 de setembro de 2021).

Júlia mostra em sua fala a negociação com sua filha sobre o plano de fazer doutorado, algo que demandaria não só tempo, mas também uma possível mudança de cidade, já que não pretende fazer na mesma universidade que cursou graduação e o mestrado. Assim, um dos aspectos que pesam na negociação e no deixar o doutorado para depois é a felicidade da filha, que não gostaria de trocar de colégio e passar por novas mudanças de moradia.

Quando eu terminei o mestrado em 2010 uma das coisas que eu me coloquei assim, eu não posso gente eu tenho duas filhas, **eu não posso viver de bolsa o resto da minha vida**, “faz um doutorado” e eu digo que “não posso, **eu preciso trabalhar**, eu preciso ter uma experiência profissional”, né? Para além da faculdade, sair desse... De estar só em ambiente acadêmico, porque a gente fica aqui, dentro desse muro, a gente não tá, por mais que a gente dialogue, mas a gente não consegue, **se eu ficar aqui como é que vai ser para eu sustentar essas duas meninas.** (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Postergar um possível doutorado também é o caso de Catarina, que após terminar o mestrado procurou estabilidade financeira que uma bolsa de pesquisa de pós-graduação não lhe dava. Assim, consegui uma colocação no mercado de trabalho e adiou seus planos de doutorado, embora já tenha um projeto de pesquisa e não tenha deixado de atuar como pesquisadora publicando textos ou apresentando trabalhos. É importante dizer que Catarina

demonstrou muito desejo em fazer o doutorado, mas lhe parece que nunca é o momento adequado, principalmente, com os cortes governamentais na educação e falta de bolsas de estudo.

Parece-me que o relacionamento com o *peso* da maternidade e as responsabilidades de tornar-se mãe trazem em si uma contradição entre não deixar a maternidade atrapalhar seus planos individuais, ao mesmo tempo que a percebem como limitadora de suas experiências. O não anulamento de si enquanto indivíduo é algo que permeia a maternidade de todas elas, buscam maternar de maneira equilibrada entre seus projetos individuais e o *peso* de ser mãe, de maneira que o “mãe” seja mais uma de suas atribuições e identidades e não a única que se sobressai e solapa todas as outras.

Percebemos que as interlocutoras constroem diferentes formas de se relacionarem com o significado social da maternidade e com a responsabilidade de ser mãe, e que de acordo com o que nos relatam há transformações desta relação ao longo de suas experiências. Embora Orna Donath (2017) aponte que a maternidade por si só pode ser opressiva, de maneira que ela reduz as possibilidades de movimento e grau de independência da mulher, as interlocutoras lançam mão de estratégias e criam possibilidades dentro de suas realidades para executarem seus projetos e lidarem com as expectativas sociais sobre elas e suas próprias expectativas do que poderiam ser suas vidas.

Neste capítulo a maternidade foi abordada como uma construção histórico sociocultural e refletimos de que maneira os significados sociais da maternidade em nossa sociedade se relacionam com experiências das interlocutoras. Em nossa sociedade a maternidade é entendida como uma função natural da fêmea da espécie humana, assim como o trabalho do cuidado é feminizado, estando tais aspectos ligados com nossas convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012).

A responsabilização das mulheres pelo cuidado, as coloca como as principais cuidadoras da prole. Tal significado social da maternidade dá sentido às suas condutas, papel social e identidades. O cuidado materno, enquanto trabalho de suprir necessidades de outras pessoas, exige a criação de competências específicas, como a capacidade de atenção e sensibilidade quanto ao seu papel enquanto mães. Assim, a maternidade real é a relação que ocorre de forma conjunta entre a construção de sensibilidade de responsabilidade com os custos que tais responsabilidades trazem.

A partir de suas experiências, vemos a maternidade enquanto processo de cultivo da sensibilidade da responsabilidade que dota de sentido o processo de tornar-se mãe das

interlocutoras, que é balizado por diferentes elementos em direção ao bem-maternar. Questões de obrigações do cuidado maternos, a construção da responsabilidade dentro da multiplicidade de maneiras de experienciar a maternidade por sujeitos que performam a maternidade e se relacionam com os significados sociais da maternidade são apontados pelo bem-maternar. Ainda, destaca-se que a relação que as interlocutoras elaboram com o bem maternar está ligada às suas formações em antropologia e de como tais experiências foram significativas para suas vidas, questões que abordaremos no próximo capítulo.

#### 4 TORNAR-SE ANTROPÓLOGA

Para falar sobre o ser antropóloga para as mulheres com quem tive oportunidade de dialogar, nada seria mais significativo que uma situação etnográfica relativa à defesa de uma das interlocutoras, ocorrida em setembro de 2021. Por conta da pandemia, toda a minha pesquisa de campo foi feita virtualmente e estava com muita dificuldade de me sentir “em campo”, embora já tivesse feito muitas entrevistas e acompanhado *lives* e webconferências. Foi ali, na defesa de Angela, mulher negra, mestra em antropologia social e, após o ritual foco desta situação etnográfica, que eu me senti, de fato, etnógrafa; e não por acaso foi uma situação que possibilitou muitas reflexões sobre a relação entre maternidade e antropologia.

A defesa de tese de Angela, que abordou ancestralidades afrodiaspóricas, ocorreu pela manhã. Eu estava muito ansiosa para assisti-la por conta da metodologia e forma de escrita que ela referiu utilizar durante nossas conversas. Eu já sabia que Angela era artista; foi uma das primeiras coisas que falou quando entrei em contato com ela para solicitar entrevistá-la.

Quando entrei na sala virtual da banca, que ocorreu numa sala de conferência como as das aulas virtuais que eram feitas pelo *moodle*, já fiquei surpresa pela sua banca, formada em sua maioria por pessoas negras, misturando professoras e professores. A cena foi muito peculiar, tão peculiar que cheguei a desenhá-la; não quis fazer um “print” da tela, pois achei que pudesse ser muito invasivo e talvez antiético. Então desenhei tudo, com o máximo de detalhes que a minha pouca habilidade em desenho me permitiu. Vestindo roupas claras, uma camisa de botão, cabelos *black power* soltos e descalça, ela estava sentada no chão de frente para um banquinho onde estavam seus papéis. Ao seu lado direito tinha uma cumbuca com frutas e uma garrafa de vidro. Do outro lado estava um caderno aberto ou um livro, não consegui decifrar. E ela ali no centro, lindamente, foi muito bonita a cena. Atrás tinham plantas dos seus dois lados, e um deles ainda tinha uns objetos que pareciam pedaços de pau. Depois ela comentou que eram facões. (Diário de Campo, 14 de setembro de 2021).

Talvez a minha sensação de “estar” em campo tenha sido colocada pela cena que me chocou por justamente ser o que eu não esperava de uma defesa de tese. Assim, simplesmente fui pega por uma exótica defesa da qual jamais esquecerei. A apresentação da defesa seguiu como de costume, exceto, talvez, pela apresentação artística que Angela fez. Ao iniciar sua fala leu poesias e cantou ladainhas, havia uma pessoa de fundo cantando junto com ela. No momento que assistia eu pensei ser seu filho o que me deixou muito intrigada, mas depois ao esperar a avaliação da banca, vi que seu filho estava com a avó. A defesa seguiu e teve início a arguição da banca, seguida pela resposta de Angela.

Sua resposta foi emocionante, acredito que a banca também tenha ficado emocionada, além de todos que estavam ali presentes, que devem ter chorado como chorei. E só de escrever sobre isso já me emociono de novo. Ao falar sobre sua pesquisa de campo e os métodos utilizados em busca de seus ancestrais contou que procurou as pessoas de sua família em inventários, descritos junto a outros bens, como móveis e animais. Eu corri para pegar a caneta e anotar o que Angela falou sobre os silêncios de seus interlocutores: *calar é muito difícil, mais do que falar*. Que frase poderosa! Ela estava falando dos segredos, manter os segredos, não falar das dores, enfim... Coisas que seus familiares não lhe contavam quando eram perguntados.

Ela também relatou sobre o amor que tem por museus, e em como levava seu filho para brincar nos museus. Ela contou que o levava em um museu que tinha muitas esculturas dos Orixás. Eis o que consegui escrever do que ela contou: *eu dizia o nome do orixá e ele tinha que achar. Ele ficava doido achando que o mundo ia acabar enquanto não achasse*. Que coisa maravilhosa, transformar um museu em um local super familiar e de passeio cotidiano para uma criança! E mais do que isso, brincar no museu! Outra coisa que me marcou e achei muito interessante foi sobre a pós-graduação interdisciplinar que ela fez. Ali ela falou que na sala de aulas os corpos das pessoas ficavam parados, só a boca que mexia, que deveria ter mais liberdade em sala de aula, poder sentar no chão, poder ficar de pé. Isso porque ela ia para a sala de aula com o João Miguel desde que ele era bebê, e que se houvesse mais liberdade naquele espaço em ficar sentada no chão, em pé, se movimentar mais... Ela critica a rigidez da sala de aula em um programa interdisciplinar, que a interdisciplinaridade era mais no sentido de cada professor ser de uma disciplina. (Diário de campo, 14 de setembro de 2021).

E então, aconteceu algo que foi muito bom e diferente das defesas que até então eu havia assistido virtualmente. A banca se retirou daquela sala virtual para a avaliação e as pessoas que estavam assistindo permaneceram ali, as que assisti anteriormente havia sido o contrário. Fiquei junto de todos na expectativa do que iria acontecer e ser falado e de novo fui surpreendida pelo o que ocorria em minha presença. Familiares e amigos de Angela, em sua maioria pessoas negras, conversavam; todos falavam, elogiavam e estavam felizes, havia muitos risos. Cada um em seu quadrado, uns com acesso pelo celular, outros por computador, algumas pessoas estavam acompanhando dentro do carro, outros estavam em mais de uma pessoa acompanhados sentados no sofá. Contavam novidades e queriam saber os próximos passos de Angela, agora que ela seria doutora, e então alguém falou que

Angela foi convidada para fazer pós-doc. Todos sorriam e riam bastante, o clima era de muito orgulho e alegria. Não falaram os detalhes somente isso, e ela comentou também que mal sabia a mãe dela que o doutorado não seria a última etapa. Aquela coisa que todos os pais perguntam, né? “E agora, terminou?” É o que eu escuto dos meus pais também. Mas aí o João Miguel soltou: *“Eu não aguento, levou quase minha vida inteira para escrever esse negócio”*, eu ri tanto quando ele falou isso, porque falou de um jeito tão despojado, tão sincero! E realmente, ele estava com dois anos de idade quando ela entrou no doutorado, ele tinha sete agora. (Diário de campo, 14 de setembro de 2021).

E ao longo das conversas eu fiquei olhando muito para a mãe de Angela junto com João Miguel, os dois dividindo o celular para acompanhar tudo; o olhar dela era de emoção e

orgulho. Ela falou sobre como estava nervosa e que a qualquer momento iria ter um ataque cardíaco e também disse

que João Miguel tinha falado para ela em outro momento: *“Esse meu doutorado, meu e da minha mãe”*. Angela sorri e fala *“É nosso”*, e ali naquele seu sorriso estava o orgulho de ter conseguido passar por todas as dificuldades e ter terminado junto com seu filho. Foi ela a interlocutora que falou sobre entender que há diferentes ritmos, e que ser mãe implica que ela ande devagar, já que seu filho era um bebê e vai andar devagar, então que escolhe andar ao lado dele ao invés de sair correndo e deixá-lo para trás. Que coisa mais incrível de se presenciar, ainda mais em um momento que eu estava escrevendo justamente sobre crianças que participam da vida acadêmica das mães! A cereja do bolo veio quando mal a ata havia terminado de ser lida dizendo que Angela tornara-se doutora, um dos professores integrante da banca, diz *“dá o título também para João”*, gente!!!! Eu já estava radiante com tudo o que aconteceu nesta banca, e olha que incrível o reconhecimento da participação da criança de todo o processo de doutoramento da mãe por um professor. Angela falou: *“Eu acho. Eu vou imprimir um diploma para ele”*.

Que coisa incrível ter visto tudo isso, ter tido a oportunidade de presenciar tudo o que aconteceu. Acho que talvez tenha sido o momento que realmente me senti antropóloga, ali, presente em um momento tão especial, com uma pessoa que trocou tanto comigo! Ali... ouvindo, anotando, e pensando que eu quero muito que minha vez chegue. Ao final de tudo ela leu uma carta que havia feito para suas avós. E terminou tudo com chave de ouro.

Mandei uma mensagem logo após, emocionada. Mexeu comigo tudo isso, a pureza, simplicidade, a espontaneidade do momento. Estar ali, presente, trabalhando, olhando, observando. Como foi bom. Que pena que não tive oportunidade de fazer isso mais vezes durante o trabalho de campo... Eu teria ficado muito feliz. (Diário de campo, 14 de setembro de 2021).

A situação etnográfica acima traz alguns elementos que foram recorrentes em meu trabalho de campo e que serão trabalhados neste capítulo. Ao olhar para a situação vejo duas grandes questões a serem tratadas sobre a relação entre antropologia e maternidade, uma delas é a relação com as instituições de formação das interlocutoras, englobando aqui sua relação com as universidades e docentes e, a outra, sobre suas produções e trabalhos de campo.

Um dos caminhos que me levou a fazer questionamentos sobre a relação entre a maternidade e a ciência foi posta pela bibliografia a que eu tive acesso quando construía o projeto de pesquisa (Miriam GROSSI, 2006 e 1999; Mariana SOMBRIO, 2016; Candice Vidal e SOUZA, 2016 e 2020; Mariza CORRÊA, 2003; Bruna KLÖPPEL e Miriam GROSSI, 2020; Wilton SILVA e Rafaela VIEIRA, 2019; Fernanda MORAES, 2012). Nos textos lidos aparecia uma suposta incongruência entre ser mãe e seguir a carreira acadêmica e, a partir da literatura sobre o tema, vemos que já há construção sócio-histórica de tal incompatibilidade. Interessante ressaltar que embora haja tal construção sobre a incompatibilidade, as antropólogas que são mães estão *“sempre fazendo seus corres”*, como recorrentemente ouvia de minhas interlocutoras, mesmo com todos os *“perrengues”* que ser mãe e antropóloga traz para suas

vidas; na prática, elas são as duas coisas e encontram formas de o serem que, embora escape das expectativas, elas o são.

#### 4.1 O IDEAL DE CIÊNCIA E DE CIENTISTA

A construção da incompatibilidade entre maternidade e ciência, de acordo com Londa Schiebinger (2001), se iniciou entre os séculos XVIII e XIX junto a "crescente polarização das esferas pública e doméstica em que a família deslocou-se para a esfera privada, enquanto a ciência migrava para a esfera pública da indústria e universidade" (p.69). Assim, com a divisão sexual do trabalho, os homens ficaram na vida pública, enquanto as mulheres na vida doméstica, familiar. Cabe dizer que ao mesmo tempo que tivemos a polarização descrita por Schiebinger, estava acontecendo a profissionalização da ciência, e era o próprio saber científico que trazia os argumentos para a alocação feminina na vida doméstica, justificando a desigualdade de gênero que desempenhou papel fundamental para a organização patriarcal e a estrutura econômica capitalista (Elizabete SILVA, 2008).

Como vimos no capítulo anterior, ao tratar da naturalização da maternidade para os corpos femininos, as teorias científicas, feitas por cientistas homens, argumentavam a naturalidade do sexismo e, assim, a legitimidade das desigualdades de gênero (SILVA, 2008). As instituições científicas foram estruturadas sobre a suposição de que os cientistas seriam homens e teriam esposas para cuidar de suas necessidades, além de terem sido constituídos sob a lógica da exclusão feminina. (SCHIEBINGER, 2001).

O funcionamento do mundo profissional, de maneira geral, dependia das contribuições e trabalho não remunerado de mulheres que alimentavam, vestiam e cuidavam de seus maridos profissionais, proporcionando lares bem cuidados e apoio para o progresso das carreiras dos homens (SCHIEBINGER, 2001). Ou, como Silvia Federici (2017) aponta, nas sociedades capitalistas a reprodução geracional dos trabalhadores e a regeneração cotidiana de sua capacidade de trabalho se convertem em trabalho de mulheres, que por não serem assalariados são mistificados e tidos como recursos naturais ou serviços pessoais (FEDERICI, 2017).

A invisibilização da importância do trabalho realizado no âmbito doméstico para a reprodução social o mistificou como uma vocação natural das mulheres (FEDERICI, 2017). Assim, quando as mulheres entraram no mercado de trabalho arcaram com mais uma jornada de trabalho para além do trabalho doméstico que já faziam. Importa destacar as intersecções

racial e de classe, complexificando esta situação, já que aquelas que podem terceirizar o trabalho doméstico, o fazem.

Silvana Bitencourt (2011) aponta que o campo científico refletiu a forma masculina; a representação de ciência e do cientista está vinculada ao masculino, e durante a institucionalização da ciência, a presença dos homens foi percebida como natural naquele espaço. A cultura científica consiste em assunções, valores, costumes, modos de pensar que se desenvolveram com o decorrer do tempo, e muitos desses costumes e modos tomaram forma na ausência das mulheres e na oposição à sua participação (SCHIEBINGER, 2001). O diálogo que Londa Schiebinger faz com Evelyn Fox Keller é de que a ciência é masculina não apenas em seus praticantes, mas em seu *ethos*.

Prescrições culturais elaboradas para a ciência e para as mulheres acompanharam a exclusão formal das mulheres, da ciência, fazendo essa exclusão parecer normal e justa. Apenas dentro desse contexto podemos compreender a insistência com a qual europeus e americanos cultivaram ideais opostos de ciência e de feminilidade. (SCHIEBINGER, 2001, p. 141).

A própria imagem do cientista homem devotado à ciência era a daquele que negligencia a família como prova de sua devoção (SCHIEBINGER, 2001), mas que tem quem cuide de suas responsabilidades domésticas; há alguém para providenciar as necessidades da vida. As mulheres permanecem encarregadas do lar e da família. O discurso meritocrático de que já há oportunidades iguais para todas as pessoas, e de que se houver dedicação individual, a capacidade de produção de conhecimento será reconhecida, acabou por colocar em desvantagem as mulheres que decidiram conciliar família e carreira. As instituições podem procurar nivelar as condições iniciais para homens e mulheres, mas não levam em consideração as desigualdades existentes na vida privada.

Assim, a ciência e a vida acadêmica foram organizadas a partir do pressuposto que

a sociedade não precisa reproduzir-se, ou de que os cientistas não estão entre aqueles envolvidos nas tarefas diárias da reprodução. Embora isto possa ser verdadeiro para muitos cientistas do sexo masculino, não é verdadeiro para a maioria das cientistas mulheres. As mulheres com vida profissional ainda são responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos. Como escreveu a historiadora Gerda Lerner: 'A divisão sexual do trabalho que atribuiu às mulheres a responsabilidade principal pelos serviços domésticos e criação dos filhos liberou o homem dos incômodos detalhes das atividades diárias de sobrevivência, ao passo que sobrecarregou as mulheres de forma desproporcional'. (SCHIEBINGER, 2001, p. 182).

Nós não podemos nos esquecer de que

os arranjos domésticos *são* parte da cultura da ciência. Apesar da distinção histórica entre as esferas doméstica e pública, a vida privada não está separada da vida pública. E o conflito que muitas mulheres encontram entre família e carreira também não é apenas um assunto privado. A cultura profissional foi estruturada com o pressuposto de que um profissional tem uma esposa-do-lar, e se beneficia de seu trabalho não remunerado. (SCHIEBINGER, 2001, p. 183).

A perspectiva masculinista das ciências é percebida, como aponta Ilana Löwy (2020), na própria noção de que a pesquisa científica é um campo exclusivamente masculino. A autora aponta o contraste entre a suposta imparcialidade da ciência e a longa história de discriminação das mulheres. O desenvolvimento científico teve participação feminina, mas suas contribuições foram ocultadas ou minimizadas. A própria cultura da ciência, argumenta Ilana Löwy parafraseando Evelyn Fox Keller, é dominada por atitudes que poderíamos descrever como masculinas e até mesmo machistas, como a valorização da agressividade, competitividade e das hierarquias rígidas (LÖWY, 2020, p. 238).

Desta forma, o modelo de carreira científica se constituiu sob a égide da perspectiva masculinista, marcando indelevelmente a cultura científica em que, segundo os seus padrões de produtividade e temporalidade, não há muito espaço para a negociação da conciliação da maternidade e carreira científica. Como demonstra Silvana Bitencourt (2014), a vida acadêmica e os usos do tempo para produção científica são mais adequados aos modelos de masculinidade. Além disso, no espaço acadêmico há desigualdades de gênero que afetam principalmente as cientistas que optam pela maternidade. Em outro texto, Bitencourt (2017), fala sobre a representação da mulher que estudou, casou, tornou-se mãe, trabalha e consegue exercer diversas funções ao mesmo tempo, o modelo da “super-mulher”. Essa representação, segundo a autora, contribui para sustentar micro desigualdades de gênero sofridas por mulheres que optaram pela carreira e a maternidade. O referido modelo contribui para reforçar um tipo ideal de feminilidade que, mesmo tendo sua carreira, estaria sempre disposta a cuidar da família. O trabalho de cuidado tem sido culturalmente e socialmente destinado às mulheres, que acabam por assumir essa responsabilidade do cuidado familiar (BITENCOURT, 2017).

Ao longo de meu trabalho de campo percebi que há os ideais expostos acima referentes à ciência e o ideal de cientista, mas ainda assim, as mulheres com quem dialoguei se relacionam de diferentes formas com tais perspectivas. As práticas e discursos das interlocutoras demonstram suas agências (Sherry ORTNER, 2007a) frente ao modelo e *habitus* acadêmico (Pierre BOURDIEU, 1983).

Neste sentido, as reflexões da interlocutora Júlia são muito emblemáticas do impacto da maternidade e das responsabilidades dela advindas na percepção de uma não vivência plena

da vida acadêmica. Eu havia questionado a interlocutora sobre o que considerava para ela ser cientista e pesquisadora e, para minha surpresa já que Júlia possui graduação e mestrado na área de antropologia e atuação como pesquisadora, a sua resposta foi de que tinha dificuldades de se ver como antropóloga, ao questioná-la sobre de onde viria tal dificuldade, respondeu-me:

Eu também acho que vi meus colegas se dedicando, eles faziam graduação e faziam mestrado e eles viviam e respiravam aquilo e a sensação que eu tinha é que eu nunca respirava aquilo, que **eu nunca estava vivendo plenamente aquilo** se não fosse no momento da sala de aula. Eu botava o pé fora da sala de aula, eu tinha que pegar minha filha na escola, eu tinha que cuidar dela, fazer almoço, fazer jantar, estar com ela e levar ela para não sei aonde, trazer ela de volta e depois tinha que trabalhar, né? Porque quando eu não estava com ela, se ela estava na escolinha eu ia trabalhar em outro lugar, então eu estava sempre o corpo em outro lugar e a mente... Na verdade, só durante o processo de mestrado mesmo, estando dentro da sala de aula ou nas madrugadas, que eu podia estar conectada com a antropologia assim. (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 17 de agosto de 2021).

Assim como Júlia, Mariana e outras interlocutoras também demonstraram desconforto ao me responder sobre o assunto. Apesar de suas respostas variarem quanto à forma de explicação, elas trazem em si o não viver plenamente a ciência e o não conseguirem manter-se e a seus filhos com a remuneração recebida, tendo que buscar outros meios de subsistência e mudar de planos como foi exposto no capítulo anterior. Tal aspecto vai ao encontro do explicitado por Mariane Ciscon-Evangelista (2014) de que estudantes permanecem na vida acadêmica até conseguirem uma posição profissional com maior estabilidade e melhor remuneração, como a aprovação em concursos públicos em instituições federais e estaduais, tendo uma vida financeira instável enquanto estiverem em formação construindo suas carreiras.

Não sei, **eu adoraria ser antropóloga né, mas o problema é aparecer algo para virar antropóloga.** É verdade, até agora eu só fiz um relatório como antropóloga. Um trabalho de licenciamento ambiental, o que mais, não sei, não me vejo como uma. Tem que tentar outras coisas, e os concursos foram pra antropóloga, foi para professor na verdade. (Mariana, mãe de um menino de dois anos, 20 de novembro de 2020).

A relação que as antropólogas têm com o que é compreendido socialmente como cientista perpassa outras relações que constroem em sua vida profissional. Em meu trabalho de campo percebi que suas relações com as instituições universitárias e com docentes influencia a percepção em torno da expectativa do que deveria ser uma estudante de pós-graduação e pesquisadora, as interlocutoras compartilham representações sociais enquanto integrantes de um grupo social, pós-graduando (CISCON-EVANGELISTA, 2014).

## 4.2 INSTITUIÇÕES, PROFESSORAS E PROFESSORES

A relação que as antropólogas mães têm com as instituições mostra-se complexa. Em sua grande maioria, os relatos mostraram que não há espaço para a maternidade dentro das universidades e que há embates para que sejam espaços mais plurais. As dificuldades vêm tanto do espaço físico, mas também por questões burocráticas. Contudo se, por um lado, há dificuldades encontradas ao longo da formação antropológica, por outro há também indivíduos e departamentos que podem ser aliados ao buscarem novas práticas de se relacionar com os modelos e ideais de vida acadêmica e científica impostos.

A produção de conhecimento está inserida em contextos de disputas, relações de poder, hierarquias e desigualdades sociais, já que não devemos tomar as produções como apartadas da sociedade. Assim, questões relacionadas a gênero e outros marcadores sociais da diferença estão dentro do processo de produção científica e por conseguinte das instituições acadêmicas. Então, em sendo assim, a relação das mulheres com as instituições está inserida em disputas de poder.

O gênero é um fator que traz limites para o desenvolvimento de carreiras científicas, mas as mulheres enquanto cientistas percebem tais limitações e fazem questionamentos críticos trazendo novas possibilidades para as práticas acadêmicas (Candice SOUZA, 2020 ; Bruna KLÖPPEL e Miriam GROSSI, 2020; Francine REBELO e Miriam GROSSI, 2020; Vinicius FERREIRA, 2020; Tania PÉREZ-BUSTOS, 2020).

Assim como o gênero, a maternidade também é percebida como um marcador que traz limites às carreiras de mulheres cientistas, vemos esses esforços em movimentos como o *Parent in Science*, que busca visibilizar o impacto da maternidade e parentalidade na vida de cientistas brasileiros. Seus esforços para editais que levem em consideração a maternidade na análise de currículos, bem como editais específicos para mães que estão voltando à carreira após licença-maternidade são inegáveis, assim como a recente conquista do espaço para preenchimento no Currículo Lattes sobre licenças-maternidade e número de filhos (Fernanda STANISCUASKI, 2021). Porém, dentro desses espaços, a discussão se restringe às ditas ciências “*hard*”, não levando em consideração o grande número de mulheres e mães presentes em outras áreas científicas tidas como “*soft*”.

Percebemos que as ciências humanas, mesmo tendo um número maior de mulheres, não estão imunes às convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012) que organizam a cultura científica; pelo contrário, podemos notar que no caso da Antropologia elas fazem parte

da constituição de sistemas de prestígios e privilégios (SOUZA, 2020; KLÖPPEL, Miriam GROSSI, 2020; REBELO, GROSSI, 2020; FERREIRA, 2020; PÉREZ-BUSTOS, 2020)., além de possibilidades de trabalhos ou pesquisa.

Como aponta Candice Souza (2020), é necessário que olhemos a história da presença de mulheres na Antropologia não só adicionando retratos na parede de figuras icônicas. Temos de levar em consideração que existem processos de marginalização e subalternização do trabalho, memória, ação criadora e formadora de muitas mulheres. O desconhecimento dos afazeres antropológicos de tantas professoras reproduz a dinâmica dos mundos intelectuais, de exclusão e esquecimento daqueles que não estão em posição de privilégios, expondo as desigualdades e hierarquias classificatórias que se produzem no mundo intelectual.

No que diz respeito às concepções de acolhimento institucional para as estudantes mães das interlocutoras, há uma recorrência na associação com a atitude de docentes, por um lado, e de avaliações em torno da estrutura física das universidades, por outro. Como uma referência significativa entre as interlocutoras, há a identificação de que o espaço físico das universidades não foi projetado para receber mães e seus filhos, referendando as convenções sociais em torno da incompatibilidade entre maternidade e ciência, traduzindo-as em estrutura física. Falta de trocadores e de creches estão entre os problemas estruturais mais referidos.

Era muito custoso lá em [universidade] também ir para as aulas que eu ia **empurrando um carrinho de bebê, lá em [cidade em que se localiza a universidade] é muito frio, então, uma parafernália terrível, tapete pra jogar no chão da sala de aula, brinquedos, uma mala com troca de bebê, eu usei fralda de pano na minha filha, então [risos] volume gigante de fralda de pano para carregar também.** Mais meus materiais, livros absurdos de ciências sociais para carregar, ou xerox, e eu tentei não faltar. Não gosto de faltar, eu gosto mesmo de me comprometer, de fazer atividades, eu sou aquele estereótipo do caxias, que todo mundo fala, sou bem assim. Acho que eu era, e que ainda sou muito assim, então, era muito custoso em [cidade em que se localiza a universidade], tem muito morro, todo mundo lá sabe que não tem muita calçada, é terrível, alguém sempre tem que ir pro meio da rua se veem duas pessoas assim se encontrando, então isso atrapalhou muito também. **Era muito desgastante fisicamente ter que empurrar carrinho pra ir pra universidade e depois pra voltar pra minha casa, que ficava no fim da reta da universidade, que subia um morro terrível, mais escada pra você lidar com carrinho, era muito complicado isso. (...) Ir para biblioteca, por exemplo, com a minha filha, zero chance.** Até porque lá em [universidade] a biblioteca até o fim da minha graduação não tinha elevador e os espaços de estudos eram no primeiro e segundo andar. Então, não tinha condições nem de subir carregando a minha filha ou com o carrinho de bebê. **Para o restaurante universitário também, não teve tanto conflito de as pessoas falarem você não pode entrar com sua filha, mas era complicada a dinâmica do carrinho pra passar na roleta, o carrinho na fila, conseguir dar conta de todas as coisas assim, até pela opção alimentar que não me contemplava, sabe?** Então, eu fui passando a frequentar a universidade para as aulas mesmo, e em casa cuidando da minha dinâmica de cuidado com minha filha, e o que eu conseguia fazer de cuidado comigo mesma, que foi ficando pouco e no meio disso tudo. Tentando ler os textos, tentando fazer os trabalhos, tendo que sair na cidade para fazer

xerox de texto, que era o tempo todo, né? Um milhão de coisas pra tirar xerox. **Então a minha rotina ficou menos presencial na universidade e tentando conciliar todas as atividades de cuidar da casa, com minha filha, e das tarefas.** (Bianca, mãe de uma menina de quatro anos, 15 de outubro de 2020).

Não teve uma dificuldade, não vamos te barrar em nada, mas também não houve uma negociação, uma possibilidade, a primeira vez que eu fui com o Carlos para uma reunião no campus para uma orientação, ela orientava todos os orientandos juntos. **Eu levei ele, eu levei, eu amamentava em livre demanda, ah, o guri se cagou todo, não tinha um trocador, não saia direto com ele, ele se cagou umas três vez em umas duas horas, lavou a roupa inteira, pelado e eu com o guri sozinha, não tinha onde trocar, não tinha o que fazer, não tinha um espaço pra estar com ele.** (Mariana, mãe de um menino de dois anos, 20 de novembro de 2020).

A estrutura física das universidades é um ponto de limitação muito importante a ser discutido. Percebemos pelas falas de Bianca e Mariana o quanto pode ser problemático e desgastante ir com crianças pequenas para o espaço universitário. O simples fato de não haver trocadores já é um indício de que não são espaços pensados para mães; como ir para um local com bebês se não há como fazer a higiene básica da criança? Nas entrevistas aparecem relatos de como dar banho em filhos de mangueira em gramados da universidade.

Há também a questão de não serem espaços seguros e limpos para deixar as crianças à vontade. Existem perigos como buracos, obras inacabadas, ferramentas, lixo. Tudo isso implica na maneira com que as mulheres irão usufruir do espaço universitário sendo mães e tendo que estar com as crianças junto.

Outros pontos importantes nas falas é a questão da falta de acessibilidade. Elevadores, rampas e catracas aparecem como problema não só para as mães, mas para todas as pessoas que têm alguma necessidade especial de mobilidade. Tornar o espaço acessível é fundamental para que a universidade contemple todas as pessoas que têm o direito de usufruí-la.

Se a ausência de trocadores é superada com estratégias que despendem das mulheres mais trabalho ao levar mais materiais para a universidade além dos livros, a falta de creches impacta de maneira mais profunda no próprio uso do tempo para dedicação aos estudos, dividindo-o com os cuidados de uma criança.

No meu caso eu levava João Miguel para sala de aula, quando eu via que ia ter aula de manhã e de tarde, quando eu tinha que emendar uma coisa na outra que muitas vezes acontece, ele ia assistir aula comigo. E eu tive sorte de ser mãe justamente de João, que é uma pessoa incrível e que ele se porta bem nos espaços, ele dialoga muito bem. E aí eu dizia para ele “meu filho você não pode falar algo na sala de aula, você não pode ficar conversando e trocando ideia dentro da sala de aula, a gente faz isso com os coleguinhas só no intervalo e se você quiser alguma coisa, você vem e fala baixinho no meu ouvido, certo?”, a gente fazia esse combinado, mas quando eu chegava na sala de aula eu fazia um acampamento. Eu tirava duas cadeiras, botava uma de cada lado, abria um pano, botava lanche, lápis, papel e brinquedo. Era um acampamento. A galera ficava olhando assim para mim, e eu nem aí, “tô nem aí, vão tudo se foder, porque eu tô aqui, assisto minha aula, tô de boas”, e **eu realmente**

**assistia a minha aula, mas existia uma coisa que é: minha atenção estar fragmentada.** O professor está falando e eu estou olhando o meu filho ao mesmo tempo, **eu não tenho atenção plena do conteúdo, isso é um déficit também, porque eu tenho que correr atrás, eu não participava das discussões a contento,** e era muito doido porque às vezes João entrava na discussão [ela ri falando], ele entendia algum fragmento daquilo que estava sendo dito, na aula do professor [professor que na situação descrita acima diz para que a criança também ganhe o título] em outros momentos durante isso já aconteceu umas duas três vezes, “ah eu já vi isso na minha escola, eu tinha um coleguinha que fazia uma coisa parecida e bababa” e falava, esse professor era muito boa onda, mas nem todos. Nem todos. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 26 de fevereiro de 2021, entrevista continuada).

A fala de Angela traz elementos que aparecem em outras entrevistas. O acampamento a ser montado em sala de aula para assistir aulas é algo recorrente, deixar a criança confortável para não trazer incômodo para os colegas e também o combinado entre mãe e crianças para que não falasse alto. Percebo o combinado entre mãe e filhos sobre o comportamento esperado em sala de aula como uma educação do que é ser estudante e do *habitus* acadêmico para crianças que estão em um ambiente em que não deveriam estar.

A percepção de que seus filhos estão em um lugar que não deveriam, que não lhes pertence, também perpassa as suas falas, seja por serem discussões consideradas inadequadas para crianças ou pelo sentimento de incomodar os outros.

E tem a parte também de me sentir incomodando as outras pessoas. Esse é um traço meio que da minha personalidade. Sabe que o tempo todo eu ficava muito incomodada **pensando que eu não deveria estar ali, ou me sentindo ridícula por estar ali assistindo aula.** Tipo, como assim ela não se encaixa ali, o que ela ainda tá insistindo? O que ela ainda tá fazendo ali? **Todo dia passando esse processo terrível de vir com a criança para aula,** sabe? E tentar continuar dando murro em ponta de faca, sabe? Só que isso não partia das pessoas? As pessoas eram acolhedoras, mas **era como eu me sentia.** O tempo todo inadequada ali, e hoje eu observo também que eu passei por um processo de sofrimento mental que foi muito ruim também. (Bianca, mãe de uma menina de quatro anos, 15 de outubro de 2020).

Apesar de Bianca referir sentir-se incomodando seus colegas de turma como um traço de sua personalidade, tal sentimento não era exclusivo dela. As outras antropólogas interlocutoras desta pesquisa também colocaram tal questão. E mesmo as que não falavam abertamente de tal forma, pude perceber em vários momentos tal sentimento de constrangimento. Noto que nas reuniões e webconferências de que participei as antropólogas se sentiam constrangidas quando seus filhos apareciam ou interrompiam por qualquer questão. Mesmo que para as outras pessoas presentes não fosse um problema, havia um ar de constrangimento percebido em seus olhares. A atenção fragmentada também era algo presente.

Eu tive a oportunidade de participar de uma reunião de um grupo de pesquisa em agosto de 2021 para começarmos a organizar um evento que tratasse sobre maternidade. Ao

longo da reunião, compreendi que foi uma demanda das pesquisadoras mães para que houvesse um espaço, uma roda de conversa, para discutir e trocar experiências sobre a maternidade e vida acadêmica. Todas as oito mulheres que estavam participando possuíam formação antropológica, mas somente três não possuíam filhos - incluindo eu - que estavam ali para participar da organização.

Estava na reunião como participante da organização, mas não pude deixar de observar o que estava ocorrendo em minha tela do computador. Nos quadradinhos de câmeras abertas pelo *Google Meet*, eu via algumas mulheres acompanhadas de seus filhos e ficou evidente para mim o que as outras interlocutoras falavam de atenção fragmentada.

As mães que estavam com as crianças por perto **estavam com a atenção completamente dividida**. Seus olhares mal ficavam para a tela em que estava ocorrendo a reunião, e elas também falavam com as crianças, não conseguia ouvir o que elas falavam, mas sua atenção estava claramente dividida, batiam palmas e sorriam para as crianças. (Diário de Campo, 26 de agosto de 2021).

Um aspecto que as antropólogas julgavam importante de ser tratado na atividade que estavam planejando era trazer a invisibilização da maternidade na academia. Uma delas, que estava com problemas de conexão por ter que dividir a internet com seus filhos que estavam em aula online, dizia que agora não era mais exceção ter filhos. Segundo seu argumento, se antes não se tinha por uma questão geracional, hoje as pessoas têm filhos, mas a vida acadêmica continuou como se as pessoas não tivessem filhos.

Aquela reunião, que era para ser um momento de organização, acabou tendo compartilhamentos de experiências, e uma delas foi o de falarem sobre as reações das pessoas ao verem seus filhos junto às mães no espaço acadêmico. Uma das antropólogas, que já era professora, contou que quando as *“professoras levavam seus próprios filhos, as alunas se sentiam mais à vontade, menos constrangidas em levarem seus filhos às aulas.”* (Diário de Campo, 26 de agosto de 2021). E foi a partir de então que uma delas falou *“o trabalho invadiu a minha casa”* e disse o quanto que a maternidade tem sido negligenciada e punida no contexto de pandemia e atividades online. Outra, dando continuidade ao assunto falou

da necessidade da comunidade acadêmica de se sensibilizar com as crianças, com a maternidade e de desnaturalizar a ideia de que as crianças atrapalham. Necessidade de repensar essa ideia. (Diário de Campo, 26 de agosto de 2021).

Tal assunto foi comentado e viam-se as expressões de concordância das outras, principalmente quando dito que na conjuntura pandêmica, de atividades online, as divisões entre espaço de trabalho e espaço da casa estavam borradas. Ao ler o diário de campo percebi

que quando disseram que “*aqui não é um espaço limpo, é a casa do meu filho*”, não pude deixar de remeter tal ideia de espaço limpo como o espaço laboratorial que cientistas trabalham imersos em suas pesquisas sem intromissões. Assim, como também refleti sobre como nos espaços acadêmicos, sejam quais forem, as crianças são tidas como uma poluição de espaço do pensamento racional, que não deixariam os adultos trabalharem e fazerem seu ofício.

Tal questão vai ao encontro ao encontrado na bibliografia sobre a incongruência entre maternidade e o fazer científico, como também podemos identificar nas reflexões partilhadas por Amanda sobre a aceitação de crianças nos ambientes acadêmicos pelos quais circulou.

Sim, assim, vou te falar duas coisas. Teve uma colega que foi de uma turma posterior que ela estava grávida e foi com a criança pequena para algumas aulas. [Sofia interrompe para chamar a mãe]. Então, ela não foi bem recebida a criança, essa foi na pós de Antropologia, a Sofia foi na [nome do programa], então essa outra colega teve algumas professoras que não gostava que ela fosse com uma criança que chorava, não sei se até o incomodo assim com ela dar de mamar ali... Assim, são professores assim mais chatos, inclusive nas abordagens deles acadêmicas são bem tradicionais. [O cachorro continua latindo ao fundo] Nossa, a Sofia está tranquila e a cachorrinha ficou louca [risos], ela gosta de chamar atenção na videochamada. **Eu disse isso pra dizer que uma coisa a minha experiência e de professores específicos com quem eu tive aula**, porque também a maioria dessas aulas são optativas. Então, também é o tipo de pessoa que eu estava procurando ter aulas, talvez nessas de Antropologia, e especialmente nas obrigatórias, que são desses professores mais quadradinhos, por isso foi que **ela não teve essa mesma experiência**. E a outra questão que eu ia te comentar é que **eu sempre fui bem recebida de levar a Sofia junto porque eu sempre tive maior qualificação, eu sempre consegui cumprir com as leituras, eu fiz artigos mais do que era solicitado. Eu tinha um alto rendimento não porque o orientador pedisse, mas porque eu me auto exigia, em função de quando tiver um concurso eu preciso ter bastante artigos com qualis A, com qualis B2, então eu fazia esse esforço por mim, não pela exigência**. Então, também em função disso para eles estava tudo ok, agora, com essa colega que ela tinha um pouco mais de dificuldade com esses conteúdos, especialmente coisas mais teóricas, ainda precisava ficar com a criança, não conseguia se concentrar bem, ou se não entrega, se não produzia publicações, **já é outra percepção que tem o professor, porque aí dizem como se a criança que está atrapalhando essa pessoa, quando enfim, tem que entender que tem diversidade de formas como as pessoas vão atuar em relação a essa situação de ser mãe, de ser pesquisadora**. E então, eu acho que eles fazem muito uma comparação “ah tu enquanto mãe pesquisadora está fazendo o mesmo que uma pessoa que não tem filhos, ou fazendo o mesmo que um pesquisador homem”. Se você está fazendo o mesmo ou fazendo mais aí é ótimo, se está fazendo menos, aí já tem um preconceito maior sobre a situação da pessoa. (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

O relato de Amanda é interessante por tratar da incongruência entre a maternidade e o fazer científico comparando sua experiência com a de uma colega. A sua forma de se colocar no ambiente acadêmico enquanto pesquisadora com alta produção, faz que sua maternidade não seja vista como um empecilho para suas atividades laborais, mas em relação a outras mulheres, que não têm o mesmo perfil profissional, o mesmo não ocorre, e a capacidade científica passa a ser questionada.

Ainda sobre o receio de “*incomodar os outros*”, recorrentemente referido por minhas interlocutoras, e as suas relações com docentes, importa problematizar outro aspecto deste fenômeno, quando os incômodos se voltam para a própria estudante. Mesmo com o cuidado em não atrapalhar o andamento das aulas exemplificado, a presença das crianças nas salas não foi bem recebida por docentes, traduzindo-se em situações qualificadas como difíceis e constrangedoras, vivenciadas pelas interlocutoras.

Eu levava a minha filha, eu sentava na última cadeira, colocava ela para assistir desenho no computador e ela ficava quietinha vendo desenho. Ele [o professor pegou as notas de todos os alunos, fez uma planilha e mandou no email para todo mundo, tipo, eu já acho isso meio estranho, a nota é algo individual, mas beleza. Todo mundo tirou dez e nove, eu fui a única que tirei sete. **Eu fiquei muito chateada porque eu fiz todas as atividades que ele pediu, fui em todas as aulas, o único problema era que eu levava minha filha em todas as aulas.** (Rosa, mãe de uma menina de quatro anos, 28 de fevereiro de 2021).

Aí eu acabava levando uma ou outra, o que não era algo frequente, aconteceu pouquíssimas vezes isso. Logo, numa das vezes que aconteceu uma das professoras que eu tive na época, eu levei a minha filha mais velha pra aula, ela tinha de três para quatro anos. E quando foi na aula seguinte, que a aula dela era terça e quinta, ou segunda e quinta, na aula seguinte, na quinta feira, ela disse, **ela disse pra mim que nunca mais eu levasse a minha filha pra sala de aula, que poderia ser da aula de qualquer outra pessoa menos na aula dela.** (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Esse mesmo professor estava falando sobre exemplos na sala de aula, falando sobre os trabalhos, foi bem no começo, e na minha turma do mestrado tinha eu e uma outra menina que era mãe, só que ela, a criança dela ficava com o pai na cidade dela e ela veio para cá. E eu não, né? A Beatriz vivia comigo. Aí, no primeiro dia de aula ele falou assim “Olha, o dia do trabalho é tal dia e até tal horário eu quero ele no meu e-mail, e depois disso eu não vou aceitar mais trabalho, e se virem. **Depois eu não quero justificativa que ficou doente, que está no hospital, se os pintinhos da galinha estão doentes, se os pintinhos da galinha não colaboraram”, tipo assim, sabe? Comparou as mães como se fossem galinhas, sabe?** Cara aquilo foi muito bizarro! Eu fiquei com muita raiva dele! A minha colega levantou e saiu. Porque eu acho que nenhum outro colega se tocou daquilo. Mas a gente que era mãe, sim; depois nós conversamos. Ela nem terminou a disciplina, ela pegou tanto nojo dele, tanta raiva dele que ela nem terminou a disciplina. E eu tomei como motivação, eu fui na base do ódio e “vou tirar dez nessa disciplina”, eu acho que foi a única disciplina que eu tirei A no mestrado. (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 18 de agosto de 2021, entrevista continuada).

Nos relatos de Julia, Catarina e Rosa, a atitude da e dos docentes reiteram, na prática, as concepções masculinistas de ciência (SCHIEBINGER, 2001; LÖWY, 2020; BITENCOURT, 2011, 2014, 2017), referendando uma cultura científica de incompatibilidade entre maternidade e ciência (BITENCOURT, 2011, 2017). Os relatos apresentam, também, um aspecto relevante desta cultura científica e seus esquemas de gênero (LÖWY, 2020), entendida como um sistema de distribuição desigual de prestígio e privilégios (ORTNER, WHITEHEAD, 1981; BONETTI, 2007): os seus atravessamentos de poder. Neste sentido, a maternidade

apareceu como um marcador da desigualdade neste contexto, como um desprestígio no meio acadêmico, posicionando as estudantes mães em situações constrangedoras.

A contraface desse mesmo sistema de distribuição desigual de prestígios e privilégios pode ser identificada na postura simetricamente inversa de outras e outros docentes em situações também experienciadas pelas interlocutoras.

Professores que ninam as crianças para que as mães possam fazer provas ou apresentar trabalhos, compreensão de prazos estipulados que não foram cumpridos, assim como diferentes formas de avaliar as estudantes que não podem estar presentes em determinados momentos por conta do exercício das suas maternidades foram também recorrentes nas experiências das interlocutoras, como a de Bianca:

Com as professoras principalmente tive o momento de a professora ninar minha filha enquanto eu fazia prova, sabe? Ou não consigo entregar um trabalho, a compreensão é total. Professora que marcava um horário diferente para eu conseguir alguém para ficar com minha filha para fazer a prova, as minhas amigas também foram um ponto de apoio, assim, fundamental, mas elas também cursaram disciplinas à noite e, mais pro último ano, disciplinas diferentes das minhas, então eu não tinha como recorrer a elas sempre para elas ficarem com minha filha mais em situação excepcional de apresentação de trabalho ou de prova também. Então, a maior parte do tempo era eu com a loucura do carrinho de bebê e todas as outras coisas, mas, em relação, principalmente às professoras do meu departamento, foram muito tranquilas, e eu me sentia muito acolhida. Acho que olhar pra elas e como elas olhavam para mim, sem precisar delas dizerem nada foi o que me ajudou a desconstruir a ideia de que eu estava inadequada, sabe? **O acolhimento delas, mesmo que sem palavras, mas com o olhar, elas me olhavam como alguém que estava resistindo, [a interlocutora começa a chorar enquanto fala] e não como alguém inadequada, acho que isso foi fundamental, ai meu deus, estou chorando.** (Bianca, mãe de uma menina de quatro anos, 15 de outubro de 2020).

Há, no relato de Bianca, o acionamento das mesmas posições de prestígio e privilégios nestas situações, empregadas para a superação da posição de desprestígio associada ao marcador da maternidade. O reconhecimento desse desprestígio da maternidade na cultura científica informa a agência (ORTNER, 1996) das mães que estão em busca de se tornar antropólogas, traduzidas na prática por diferentes estratégias, como podemos identificar nos relatos de Silvia e Mariana.

Para Silvia, uma das interlocutoras, o receio de não ser aceita no programa de pós-graduação por conta da gravidez, fez com que escondesse no momento da seleção do doutorado:

Quando eu fui fazer a minha prova escrita, eu fui fazer ela grávida e **eu tive que esconder a minha gravidez porque eu não queria que os professores que iriam fazer o monitoramento da prova, a fiscalização, me vissem grávida porque eu sabia que aquilo ali iria me barrar de entrar no doutorado.** Eu peguei e fiz a prova, fiquei cinco horas sem tomar água para não ter que levantar e fazer xixi, isso foi uma parada que me marcou demais. Eu fiquei cinco horas fazendo prova, mas

consegui terminar, tanto é que fui aprovada, mas fui fazer a prova oral e **também tive que usar uma roupa mais solta para esconder a barriga para ninguém perceber que eu estava grávida**. E isso da Lara, né? [fala com o seu filho: “Só um pouquinho por gentileza Cauê, eu estou ocupada”] **Porque eu sabia que isso ia impactar, que ia me dar algum tipo de problema na minha seleção no momento de eu ser escolhida e tal**. Porque, querendo ou não, por mais que a universidade fale que inclui as pessoas, que “ah a gente aceita todo mundo e não sei o que” isso não é verdade, e eu sei disso. (Silvia, mãe de um menino de cinco, uma menina de dois e gestante, 25 de setembro de 2021).

Por meio do relato de Silvia identificamos uma estratégia para lidar com o que ela entende ser um desprestígio das mulheres que têm filhos dentro da academia. Ao considerar que será penalizada durante a seleção do doutorado por conta da gravidez de Lara, vemos em sua fala o entendimento da ideia da incongruência entre maternidade e ciência.

Algo semelhante aconteceu com Mariana, que também escondeu a gravidez de seu único filho. A interlocutora descobriu que estava grávida logo no início de seu mestrado e não contou à sua orientadora, nem às colegas, tendo que revelá-la ao solicitar a oferta de uma disciplina obrigatória no semestre em que ela ainda não estaria em licença maternidade.

Foi bem nesse sentido assim, foi muito estranho, foi algo super não esperado, não planejado, só aconteceu. **Mas eu escondi um bom tempo, bom tempo assim, terminei as disciplinas, então tipo eu engravidei no início já, acho que engravidei em abril, descobri em maio e levei até o final do ano praticamente, como eu sou magrinha foi fácil de esconder**. Aí eu tentei, era um ano e meio de disciplinas e eu sabia que eu ia estar sozinha em uma cidade completamente diferente com um bebê, aí eu falei “eu não vou conseguir fazer as disciplinas ano que vem”, aí eu tentei empurrar o máximo de disciplinas possíveis pro primeiro ano. (Mariana, mãe de um menino de dois anos, 20 de novembro de 2020).

Vemos acima a estratégia tomada por Mariana para cumprir com todas as disciplinas durante a gestação, para quando a criança nascesse pudesse não ter tantas demandas de leitura e trabalhos a serem entregues. Mariana também falou dos problemas que teve ao voltar de sua licença maternidade por conta da bolsa que tinha. Ela sofreu pressão por conta de seu departamento e de docentes por ser vista como alguém que estava segurando uma bolsa que deveria ir para outra pessoa. A interlocutora também falou sobre como a pressão cessou quando o atraso passou a ser por conta de sua orientadora que estava viajando.

Nos casos citados acima podemos identificar nas experiências das mães antropólogas em formação a maneira como a cultura científica das instituições são marcadas pelos esquemas de gênero e a distribuição desigual de prestígios e privilégios para os sujeitos que estão inseridos em tal espaço. Assim, reitera-se que um dos marcadores sociais da diferença significativo que, dentro de tais esquemas, posiciona as interlocutoras em desprestígio é a maternidade.

Podemos ver também que as condutas de docentes podem reiterar as concepções masculinistas de ciência confirmando a cultura científica de conflito entre maternidade e ciência. Mas também há posturas diferentes destas em que temos o acolhimento das estudantes por parte de docentes. O reconhecimento da existência de tais esquemas na cultura científica, por parte das mães antropólogas em formação, traz ações e estratégias para que não sejam tão afetadas por suas posições de desprestígio. As ações e estratégias também se fazem presentes nas formas de produção de conhecimento que igualmente são atravessadas pela cultura científica.

### 4.3 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

As diferentes dimensões do processo de produção de conhecimento, como as condições de produção, os temas de pesquisa e sua execução são atravessadas pela maternidade. A maternidade marca não só de forma prática a realização de seus trabalhos enquanto antropólogas, mas também de maneira subjetiva, impactando suas produções de conhecimento.

#### 4.3.1 Momentos de estudo e de escrita

Por conta das responsabilidades que a maternidade traz para a vida das interlocutoras, suas falas mostraram a dificuldade em terem um momento específico para trabalharem, principalmente, em suas casas, caso não tenham uma rede de apoio. A dificuldade de manter uma linha de pensamento sem interrupção é um grande problema para que possam ter momentos de concentração e produzir. Percebi essa dificuldade nos momentos das entrevistas, em que recorrentemente ocorreram momentos de interrupção por conta de filhos, traduzindo na prática a perda de linha de raciocínio.

Tereza foi uma das interlocutoras que deu muita ênfase no problema, apontando que, antes da pandemia, saía de casa para poder estudar, pois sabia que se ficasse em casa as responsabilidades maternas se impunham a ela a ponto de inviabilizar seus estudos. Tereza também se mostrou muito insatisfeita com o fato de o companheiro somente se sentir responsável pelos cuidados com a filha quando ela não estava disponível. Assim, a interlocutora disse precisar encontrar locais em que ela não estivesse disponível para os afazeres domésticos. Vejo a situação de Tereza como um expoente de como as convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012) são muito fortes quando tratamos de cuidados domésticos e parentais.

Eu tenho falado muito disso de como eu estou cansada, de como o lance da sobrecarga agora na pandemia a gente vê que está demais, **a gente não tem como escrever**. Outro dia eu estava na frente do computador, semana passada eu acho, e aí eu parei assim, tipo, digitei, digitei e olhei para o espelho e eu fiquei assim, de lado, mas não olhei, eu virei o rosto pra lá mas estava pensando, formulando ideias, frases pra continuar escrevendo. E aí ela falou “Mãe!!! O que está acontecendo?!?! mãe?!?!” **[Janaina interrompe a fala da mãe ao fundo corrigindo-a “O que que está havendo”]**. É, “o que que está havendo!?””, ela está me corrigindo aqui, o que que está havendo não sei o que e tal, inclusive essa coisa, né? **De a gente estar gravando os áudios e tal e as crianças aqui do lado e elas falando, e elas corrigindo e elas interagindo ou não. E isso já diz muito pra tua pesquisa, de como está se dando a possibilidade ou não de estas mães estarem produzindo, escrevendo, como é que está essa rotina.** (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 22 de fevereiro de 2021/20 de março de 2021).

E de fato, como aponta Tereza, tal aspecto foi recorrente e diz muito sobre a falta de espaço para as mães poderem ter momentos individuais, seja de estudo, trabalho, cuidado pessoal ou uma conversa. Com a pandemia, ficou ainda mais evidente o fato de quando as mulheres estão em casa, acabam sendo as principais cuidadoras das crianças e do lar, tornando-se ainda mais complicado poderem ter um espaço para si. Antes da pandemia, Tereza utilizava a estratégia de ir para uma universidade mais próxima de sua casa para utilizar a biblioteca, mas cabe dizer que ela tinha essa possibilidade ao seu alcance por conta de ter uma rede de apoio que poderia ficar com a criança para ela sair de casa.

Pegar minha mochila e passar o dia fora para escrever meus artigos das disciplinas, porque do contrário seria muito mais foda. Todas as vezes que eu precisei me retirar para escrever, para ler, para fazer qualquer investimento eu pude, mas minha grande revolta é eu não poder fazer isso em casa, de igual para igual. Então, **eu sempre tenho que me retirar para outro espaço, para realmente a pessoa assumir a totalidade dessa paternidade, sacou?** (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 10 de março de 2021/20 de março de 2021).

Nesse ponto é muito importante que seja colocado que os marcadores sociais da diferença (Avtar BRAH, 2006) influem trazendo ainda mais dificuldade, principalmente, o marcador da classe social. As pesquisadoras com menor poder aquisitivo, moradias menores, com espaços reduzidos tiveram suas produções impactadas durante a pandemia.

E aí esses dias, eu, a gente fica muito sobrecarregada, eu não [ininteligível], **eu não deixo de estar trabalhando para estar cuidando das coisas; às vezes eles param assim e ficam do meu lado em pé, fica com o Pedro, que é mais novo, no braço, eu fico bem concentrada, bem pra frente, nem olho de lado [risos], nem olho [risos], fico olhando pro computador, falo “oi” e volto, e estou lá trabalhando**. Teve, logo no início, acho que abril, maio, por aí, eu surtei aqui em casa eu disse: “Ou vocês me ajudam ou cada um vai para o seu quadrado e fico sozinha aqui em casa com o Pedro, com o Pedro não porque o pai leva todo dia e só me traz para a casa na hora de dormir. Mas cada um vai arrumar um canto para ficar porque vocês estão me enlouquecendo”, né? Porque cada um dorme a hora que quer, até a hora que quer, e aí eu não, eu sou a única que tem hora pra acordar que tem que cuidar das coisas estava fazendo tudo sozinha e tendo que trabalhar. Eu disse “Não está

certo, se a minha fonte de renda é a principal aqui da casa, vocês me ajudam, vocês dividem as coisas comigo, ou eu também fico sem trabalhar e cada um vai para a sua casa, vocês vão para a casa do pai de vocês, tu volta pra casa dos teus pais, leva Pedro contigo, só traz ele de noite pra dormir comigo. Pronto, é assim que vocês querem? (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

Uma outra dimensão significativa implicada nas condições de produção de conhecimento das antropólogas-mães em formação que emergiu da pesquisa foi a disponibilidade de tempo, que faz com que lancem mão de artifícios para que possam dar conta das responsabilidades de sua formação. Assim, já que não podem criar mais tempo disponível sozinhas, tentam otimizar o que podem em momentos que estão sós ou utilizar ferramentas para que possam fazer outras tarefas juntamente com o estudo.

Eu só terminei as minhas disciplinas porque eu **usei ferramentas muito boas**. Tem uma ferramenta que lê o livro pra mim, então eu leio o livro enquanto estou lavando uma pia, ah estou limpando a casa, e vou ouvindo o livro, aí vou lá e escrevo, anoto. Teve um dia que me convidaram pra fazer uma palestra sobre maternidade, eu pensei até em fazer antropologia sonora, era minha filha conversando, o leitor do livro lendo a tela e eu esfregando o chão, [risos] nossa que loucura, **é tudo ao mesmo tempo**. (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

A questão do tempo disponível para estudar e produzir é algo que se coloca não só nas entrevistas. Quando estava participando da reunião que comentei mais acima, a preocupação das participantes era que fosse um momento de encontro leve e informal, já que afirmaram que não conseguiriam ter tempo para produzir uma apresentação para a data em que o evento aconteceria.

O momento mais utilizado pelas mulheres para estudar e produzir é a madrugada. As pesquisadoras referem tal horário como muito importante, pois é o momento que estão sozinhas e que podem ficar tranquilas sem serem interrompidas. Assim, a madrugada se mostrou o momento mais utilizado pelas interlocutoras, o que também aporta outros problemas, como privação de sono, cansaço mental e físico.

Tem que passar o dia fazendo o resto das coisas e **estudo, quase tudo, fica para a madrugada**, e na verdade, várias pessoas que eu conheço tem essa mesma experiência assim, de **ter que estudar quando a criança vai dormir**. (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

Aí já no segundo ano de pesquisa conseguia estar mais em casa. Não foi fácil porque, até hoje ainda não é fácil, mas na época que elas eram mais novas crianças e neném, eram crianças e eu estava na graduação e mestrado **eram muitas noites sem dormir, porque eu aproveitava a noite para estudar, aproveitava a noite para produzir, eu adiantava se eu quisesse estudar em algum momento do dia eu tinha que fazer as coisas da casa tudo à noite para durante o dia ter horário livre para estudar ou fazer qualquer outra atividade relacionada à faculdade,**

né? Então foi bem, bem difícil mesmo. (Catarina, mãe de duas meninas de vinte e dezoito anos e um menino de um ano e seis meses, 17 de outubro de 2020).

A gente está indo embora de [cidade onde a interlocutora reside] porque a gente não consegue, ele [atual companheiro da interlocutora] não conseguiu emprego aqui por causa dessa perseguição com o pai do Cauê e isso impacta diretamente nos meus estudos. **Estou precisando submeter o meu trabalho para o conselho de ética e eu não consigo submeter ao conselho de ética, Alana, porque eu não tenho tempo de estudar. Não tenho tempo de estudar, reservar minha cabeça um momento para conseguir estudar para o meu doutorado, eu não tenho tempo.** Eu não tenho tempo, eu não tenho disposição, eu não tenho vontade, tudo isso assim num mix de gravidez, processo com o Cauê, esses problemas com o genitor dele, é muito foda, é muito foda assim. (Silvia, mãe de um menino de cinco, uma menina de dois e gestante, 10 de setembro de 2021).

Em meio ao ter a disponibilidade de tempo também podemos acrescentar outros aspectos da vida pessoal das interlocutoras que envolvem a maternidade. No caso acima Sílvia tem problemas na justiça com o genitor de seu filho mais velho, além do desgaste emocional que a afeta diretamente na disposição em seguir fazendo seus trabalhos. Outra interlocutora que também teve seus momentos de estudo e trabalho diretamente afetados por conta da maternidade foi Larissa, que pausou seus estudos por decidir priorizar a saúde do filho que tinha um problema sério de saúde e que precisou de cirurgia ainda bebê.

Vejo que os momentos de estudo e de escrita são aqueles que conseguem negociar com as suas responsabilidades maternas. Na maioria das vezes as negociações são feitas com custos altos para as mulheres, que acabam tendo que ser multitarefas, fazendo muitas coisas ao mesmo tempo para otimizar o tempo que têm disponível sozinhas para conseguirem executar suas tarefas profissionais. De maneira semelhante, seus temas de pesquisa se relacionam com suas maternidades e são atravessados pelas negociações existentes entre as tarefas acadêmicas e responsabilidades maternas.

#### 4.3.2 Temas de pesquisa

Um fato muito interessante que pude observar com minhas interlocutoras foi como elas relacionam os temas de suas pesquisas com suas experiências enquanto mães. Não eram todas as mulheres que tinham temas relacionados diretamente com a temática da maternidade ou de gênero, mas ainda assim, algum aspecto de seu trabalho era relacionado com as suas maternidades.

Então, Alana, quando eu escrevi o projeto eu não pensava nisso. Na verdade, eu não pensava em mulheres quando escrevi o projeto, eu pensava em ancestralidade. As mulheres foram uma resposta que o campo me deu, o campo quando eu procurava os ancestrais, os mais velhos, a história da família, sempre me

colocava mulheres no caminho. Então existiam matriarcas, existiam mulheres que tomavam conta da casa, os homens estavam, de três ou quatro gerações que eu identifiquei, os homens, por uma razão ou outra os homens negros não estavam presentes potencializando famílias como tal, estiveram até por um tempo, mas não se compara à centralidade que as mulheres tiveram nessa construção. **E aí o campo foi me direcionando para pensar mulher, pensar maternagem, pensar isso tudo. Essa transformação no campo também foi me levando a ter outras experiências e outras imersões que foram se devolvendo para mim.** E aí foram se devolvendo para mim com esse olhar, uma nova Angela que nasce, uma nova mamba que nasce, tipo assim, cobra trocando de pele mesmo, foi muito transformador esse doutorado. **Eu me vejo uma outra mãe, até porque durante o doutorado estive sozinha com meu filho em outro estado, não foi simples.** Passei por essa experiência, viajei para o sul com ele, **fui a campo com ele, e aí eu fui entendendo que todas essas outras narrativas potencializavam também as coisas que eu podia contar para ele. E foi atravessando outros trabalhos: minha criação de arte, minha criação no audiovisual, minha escrita, meus poemas, meus contos, são muito atravessados pela ideia de maternar, né?** E essa ideia expandida, não sou eu com meu filho, mas a ideia do útero, da mãe, da mulher, da parideira. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 7 de março de 2021).

Ele nasceu de parto normal, e toda aquela experiência, aí eu pensei muito no meu TCC, nas coisas, sabe? Nas coisas que eu tinha lido, na sabedoria ancestral indígena, eu lembrei muito na hora do meu parto, então assim, **tudo se conectou de alguma forma em mim.** E aí passou, no segundo filho eu fiz essa massagem né, que é tipo assim, parecida com o que a sabedoria indígena fala de virar o bebe na barriga da mãe, eu fiz isso com meu obstetra duas vezes, porque ele virou e desvirou duas vezes esse aqui [o bebê está no colo dela] e aí eu consegui ter outro parto normal também, eu comentei com ele do meu trabalho, com meu obstetra e tudo, **foi bem legal assim, tipo essa mistura da vida acadêmica com minha experiência assim.** (Larissa, mãe de dois meninos, um de dois anos e meio e outro de onze meses, 23 de fevereiro de 2021).

As experiências de Angela e Larissa conectam suas subjetividades, experiências maternas e transformação em antropólogas. Noto em suas falas o que Miriam Grossi (2008) refere que é no encontro com o outro que encontramos a nós mesmas. Angela, ao estar em campo pesquisando sobre a ancestralidade, notou aspectos de sua pesquisa em si mesma, aspectos que levou para outras instâncias e vivências. A própria experiência de ser pesquisadora acabou por trazer modificações em suas visões e concepções acerca de sua maternidade. As mudanças em suas percepções sobre sua maternidade que foram causadas pela sua pesquisa também influenciaram na sua percepção da importância de sua pesquisa para o seu filho.

Já com Larissa, vemos uma pesquisadora sobre maternidades indígenas que ao tornar-se mãe percebeu que em seu corpo, principalmente durante gestação e parto, as influências de sua pesquisa. A interlocutora me contou sobre a confiança que teve em seu próprio corpo durante o parto e de como o conhecimento prévio da literatura antropológica sobre os conhecimentos indígenas de pré-parto, parto e puerpério foram importantes para sua compreensão das experiências que estava passando.

As pesquisadoras mães de filhos racializados referiram também a importância que seus trabalhos e pesquisas têm para a forma com que educam suas crianças. Gostaria de apontar um outro aspecto que perpassa a maternidade dessas antropólogas que é a maneira com que encaram os seus trabalhos. Nestes casos, a pesquisa antropológica passa a ter mais outro sentido: são percebidas como formas de denunciar as violências pelas quais seus filhos poderão ser vitimados

**A gente vê que estar vulnerável não é coisa permanente, é uma coisa totalmente mutável.** Eu ouvi minha filha com dois anos, você que quer ser mãe, você uma mulher negra, **eu ouvi minha filha com dois anos não entender a cor dela.** Tipo assim: “ah qual a bonequinha que você quer ser?”, aí queria ser a bonequinha branca, eu falava “mas você não é a bonequinha branca, você é a bonequinha marrom, e você é linda”. E ela ficava assim, sem entender, ainda sem entender porque no espaço escolar, milhares de coisas terríveis assim: índio é sujo, índio é feio. **Minha filha com quatro anos já quer tirar a cor dela com a bucha, tipo assim esfregando, tomando banho esfregando,** e eu “minha filha por que você está fazendo isso?”, “Não porque o menino da escola falou que índio, que eu sou suja, que a minha pele é suja”. Eu falei “sua pele não é suja, a sua pele é maravilhosa, você é maravilhosa”, aí ela “ele é negro”, falou pra mim “ele é negro”, eu falei “olha que problemático, né?”. Assim, nossa, é devastador, não sei tu já leu esse livro antropologia de partir o coração, é antropologia de partir o coração. **Para mim, a minha antropologia, antropologia que eu escrevi na minha dissertação, é antropologia de partir o coração, porque é muito doloroso você ver o seu filho passar por isso assim, é muito ruim, muito ruim.** (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

A interlocutora chama de *antropologia de partir o coração*, pois trabalha com tema que implica numa afetação (Jeanne FAVRET-SAADA, 2005) muito profunda por conta de sua maternidade. Algo que noto não somente em Anna, mas em muitas delas, cujos temas de pesquisa trazem em si grande afetação e uma conexão muito forte com as suas subjetividades. A maternidade também marca o trabalho de campo das mães antropólogas em formação para além de aspectos subjetivos, impactando na coleta de dados e sendo um importante aspecto de suas maternagens a participação de seus filhos.

### 4.3.3 Trabalho de campo

A disciplina antropológica tem uma especificidade em sua produção de conhecimento que se dá através do trabalho de campo. As possibilidades de conhecimento produzido por cada pesquisadora está diretamente ligada a sua subjetividade e corporeidade, como aponta Miriam Grossi (2008), o corpo da antropóloga a coloca em situações específicas devido às convenções de gênero (BONETTI, 2007; 2011a; 2012) da sociedade em que está fazendo a pesquisa, bem como, sua própria subjetividade traz à tona questões de sua própria sociedade.

O trabalho de campo, para além de ser compreendido como uma viagem a um lugar exótico aos moldes dos antropólogos clássicos, pode ser visto como uma aproximação à realidade em que as interlocutoras e os interlocutores da pesquisa vivem. Tal aproximação, de acordo com James Clifford (2008), se dá através da relação construída entre antropólogas, antropólogos, suas interlocutoras e seus interlocutores.

Dito isto, noto que as experiências de trabalho de campo de minhas interlocutoras trazem um caráter marcado pelas suas maternidades, que marca sua subjetividade e corpo, inferindo diretamente em suas pesquisas. Se suas pesquisas se dão na relação que constroem com seus interlocutores, estar com uma criança em campo traz uma série de questões para seus trabalhos.

A relação entre a maternidade e a antropologia também pode aparecer como uma forma de educar seus filhos. O estar junto nos momentos de trabalho de campo, pesquisa e o espaço da universidade como parte da educação e formação de indivíduos. Elas o fazem com objetivos bem específicos.

A gente fala espanhol aqui em casa, então **foi mais um espaço fora da escola onde ela podia falar português com outras pessoas, e também eram pessoas assim bem interessantes, bem criativas, que estão fazendo uma atividade bem bacana e aí acho que é bom, porque estimulava também a criatividade dela.** Ela já gostava de dança e depois de ter essa experiência de conhecer ali ela pedia “eu quero fazer dança”, só que ela na idade que ela estava nesse momento não tinha escolas de dança que aceitavam nessa idade, então eu botava em casa, assim no *youtube* alguma coisa e ela continuava fazendo. Inclusive agora, ela está dançando [risos] e **é uma coisa que ela também não ia ter com a gente, nem eu e nem meu companheiro a gente não dança nada, então estímulo que ela teve a partir dessa experiência.** (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

Então, meu companheiro é negro e **a Sofia se autoidentifica como negra, então também foi ainda mais esse reforço positivo para ela sobre a sua autoidentidade, sua identidade.** (Amanda, mãe de uma menina de cinco anos, 11 de outubro de 2020).

Vemos nos trechos acima, falas de como a presença e participação das crianças, longe de ser um incômodo para as antropólogas é, na verdade, visto como uma forma de educá-las. Para uma mãe estrangeira, como no caso de Amanda, levar a sua filha para o trabalho de campo, que foi feito com grupo de dança afrobrasileira, é visto como um bom ambiente, que pode inspirar a criança a ser mais criativa, ter uma visão positiva da sua negritude e aprender a língua portuguesa.

**Meu filho adorou participar das performances, dos filmes.** Ele é muito artista, não tem outra escapatória na verdade, eu sou artista, o pai dele também. Então para ele... **Ele está sendo educado a partir dessas experiências também. Está bem interessante esse processo para ele e para nós todos, né? Poder experimentar uma forma de educar por essas vias distintas.** (Angela, mãe de um menino de sete anos, 1 de abril de 2021).

De modo semelhante Angela inclui seu filho em suas performances artísticas. A interlocutora utiliza da arte como divulgação de sua pesquisa e seu filho participou das performances que teve oportunidade de assistir via vídeos na internet. E como podemos ver em sua fala, ela o faz intencionalmente, como uma forma de experiência educativa.

**A minha filha sempre foi comigo para a faculdade, né?** Ela sabe pegar na caneta, ela não ia para escola e ela sabe pegar certinho na caneta, **sendo que eu nunca ensinei para ela, só de ver.** Às vezes ela senta e faz um computador imaginário e fica tipo "estou trabalhando", porque eu fico no computador o tempo todo, **são pequenos detalhes que a gente não observa e você falando e eu estou me tocando que está no meu cotidiano, que ela imita, que ela brinca de professora, de trabalhar no computador porque é o que está perto da realidade dela, né?** E eu nunca me liguei nisso, passou despercebido. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Trago o trecho da entrevista com Rosa para evidenciar que a presença das crianças e sua inclusão nos espaços de trabalho é marcante também para sua infância. Estar junto das mães faz com que elas também tenham modos específicos de descobrirem e experimentarem o mundo. Rosa também me contou que mesmo que a criança ainda não tenha a experiência de escola, já dizia que queria ser professora, de forma parecida, a filha de Tereza também brincava de *home office* durante a pandemia.

É importante dizer que, embora eu esteja trazendo aspectos que são vistos como positivos, há muitos problemas. Durante a entrevista de Anna, a interlocutora me contou que, apesar de sua pesquisa ser sobre necropolítica e questões indígenas e que faz o trabalho de campo com a família indígena de sua filha, existem muitos problemas. Então, mesmo sendo muito positivo sua filha estar com a família, a interlocutora ter pessoas que deem assistência e sejam sua rede de apoio no trabalho de campo, há muitos conflitos.

**E aí eu deixava minha filha com a maior tranquilidade com o pai, com as cunhadas, ficava livre para brincar com os primos, pra tentar aprender a língua, que ainda é um obstáculo, ela está aqui, não está lá pra aprender, aí a língua...** Eu falo, mas eu falo pouco, eu entendo mais do que falo, é do tronco macro jê, é a língua jê, é difícil pra mim, para ela é difícil. Enfim, **existem tensões familiares em relação a minha filha, não é uma coisa totalmente tranquila ir pra aldeia com ela. Apesar de ter esse suporte, é um paradoxo [risos] só é um paradoxo.** (Anna, mãe de uma menina de cinco anos, 7 de outubro de 2020).

Um deles seria especificamente o fato de problemas familiares estarem colocados nessa relação entre a maternidade e a antropologia, questões com os pais das crianças, por exemplo, são colocadas em xeque ao estar em campo. Acredito, pelas suas falas ao longo das entrevistas, que o problema mais grave a que sua filha está exposta ao estar junto da mãe ao fazer pesquisa seria a violência a que todas as pessoas indígenas podem sofrer no local onde

fica a aldeia, como as ameaças de morte. Além dos problemas estruturais, que não deixam de ser violências, como a falta de água, saneamento e saúde básica.

Vejo que levar seus filhos para o trabalho de campo, quando possível, faz parte do entrelaçamento da maternidade com a antropologia de maneira que essa ação esteja incluída na maternagem de minhas interlocutoras. Existem questões importantes como o campo ser adequado para seus filhos, principalmente por conta do tema de pesquisa das interlocutoras. Mas no caso de Tereza, vemos que há momentos específicos que ela escolhe levar sua filha junto.

Esse também é um espaço, o terreiro, que ela não só pode fazer tudo isso, como ela pode ter acolhimento, ela pode ter amparo emocional, psicológico, espiritual, então, acho que é um pouco nisso, **nessa chave também de uma mãe buscando educar uma mulher em uma outra chave, saca? Com respeito.** (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 23 de fevereiro de 2021).

Então também a gente não pode viajar muito como mãe, a gente tem que de vez em quando se puxar pro chão. Mas eu acho que pra mim é importante por isso, né? Porque **eu acho que ela ir para os terreiros, ela estar, sentir aquilo como natural, porque é natural e ser levada por alguém que ela confia que sou, porque só assim ela vai ter uma experiência positiva**, e óbvio que se ela tivesse sido levada pelos meus amigos que são de terreiro iria ser positiva tanto quanto, mas eu acho que é nesse sentido mesmo, na **tentativa de construir uma sociedade diferente e seres diferentes. A gente só vai ter um outro mundo quando as pessoas se comportarem de uma outra maneira, então assim, é o meu objetivo, meu intuito quando eu levo, e levo também porque é um espaço que eu me sinto muito bem, que eu me sinto em paz. Então se é um lugar que pra mim é bonito, que inspira confiança, traz coisas confortáveis para o meu emocional e meu psicológico, por que eu não vou levar minha filha?** Quem sabe ela não pode despertar e sentir isso sabe? Então, **é pra conhecer, pra ser uma garota mais tolerante, mais inteligente nesse sentido de poder conhecer a diversidade. E de dar a possibilidade de ela construir isso tudo, essas várias possibilidades de ela ser e existir no mundo quanto mais cedo, quanto antes que vai ser melhor.** (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 23 de fevereiro de 2021).

Vinda de uma família conservadora e que, nas palavras dela, tem intolerância religiosa com religiões afrobrasileiras, Tereza espera que através do seu trabalho e da inclusão de sua filha nele possa educar uma criança de forma diferente. A interlocutora coloca que *“tem que ser pé no chão”* com as expectativas do futuro indivíduo que sua filha irá se tornar, mas que faz suas escolhas na maternagem de maneira que ela seja uma menina tolerante e com mais possibilidades de ser e existir no mundo.

Estes aspectos que aparecem na fala de Tereza permeiam as falas das outras mulheres com quem conversei. Pela sua formação em antropologia em que tem contato direto com a alteridade e compreendem que existem diferentes formas de ser e existir no mundo, sua maternidade também se pauta nessas questões. O cotidiano de educar e cuidar de seus filhos,

acrescentado a responsabilidade de serem tomadas como as principais cuidadoras das crianças, traz em suas maternagens aspectos sociais que foram aprendidos em sua formação profissional.

A possibilidade de levar seus filhos para o trabalho de campo faz parte do entrelaçamento da maternidade e antropologia. Para além de pensar em como elas encaram a presença dos filhos em campo para a sua maternidade, também podemos ver como tal presença impacta significativamente em seus levantamentos de dados, como as experiências de Mariana e Angela denotam.

Eles se sentiam realmente investigados, então não houve uma abertura, não houve um diálogo, não teve como fazer esse diálogo, então não rolou. Foi super frustrante, super falei “Não vai rolar, não vou conseguir terminar esse mestrado, e estou aqui com uma criança, o que eu vou fazer? Eu vou inventar um campo novo agora, do nada assim?”. E enquanto eu estava com ele recém-nascido, eles dormem um monte, só dormem e mamam, eu li muito, e eu comecei a ler muita literatura de fronteira, um interlocutor me emprestou um livro dele e eu comecei por ali. Aí outro interlocutor virou poeta e fez um livro, e também começou por aí, e aí ele fez a rede de contato dele e eu me inseri na rede de contato dele. Tá, e era uma rede de contato de poetas, de artistas. **Eu era convidada pelo Carlos, “Ah, não vai trazer o Carlos para conhecer a gente? Ah, não vai trazer o Carlos aqui? Ah, a gente pode ir aí ver o Carlos? Vai ter uma festinha, traz ele aqui”.** Então ter uma criança facilitava essa situação, ele era chamativo, sabe? Pessoas que eu já via há muitos anos, que eu tinha um contato fazia tempo, então eles acompanharam esse processo, eles queriam conhecer o Carlos, eles deram presentes para ele, sabe. ainda hoje ligam pra ver como ele está, essas coisas. (Mariana, mãe de um menino de dois anos, 20 de novembro de 2020).

Eu fui mãe dentro de quilombo e **isso me deu acesso ao universo das mulheres pretas de quilombo dos territórios mais isolados.** (...) Então eu fiquei confinada nas comunidades na minha gravidez e no meu pós-parto e **aí eu tive acesso por causa da presença do meu filho em campo, eu tive acesso diferenciado das informações que as mulheres traziam.** Então, planta, etnobotânica, cuidado feminino, relações familiares, todos esses campos onde as mulheres dominavam eu tive muito acesso e de outra forma eu também tive acesso ao dos homens porque eu estava estudando território, então eram eles que dominavam isso. Então eu meio que tive uma visão bastante geral desses processos. (Angela, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021, entrevista continuada).

Como vemos nos relatos acima, a presença dos filhos de Mariana e Angela trouxe mudanças significativas para que tivessem acesso de informações em seu trabalho de campo. As crianças foram uma porta de entrada para criarem outras relações que, sem sua presença, não seria possível.

Se, por um lado, a presença das crianças em meio ao trabalho de campo facultou acessos específicos para as mães antropólogas em formação, por outro, podem implicar em outras dificuldades particulares. Vejamos o caso de Júlia:

Ela foi comigo duas vezes, ou três vezes, não lembro bem... **mexeu bastante com o campo, que eu tive que fazer picado,** não foi como a maioria dos meus colegas que fizeram 20 dias e depois voltaram e ficaram mais um mês, dois meses. Não. **Eu tive que ir, fiquei uma semana e depois voltei, não fiquei nem uma**

**semana, uns cinco dias, depois eu fui com ela, fiquei uns três dias, fomos para ficar uns 10, mas ela teve uma virose e voltamos.** Depois fui de novo, a gente ia passar um feriadão, fui na quinta e ia voltar na quarta, **aí ela também pegou uma virose, não ficou legal e a gente teve que voltar de novo.** A gente voltou na segunda, eu acho, a programação era ficar até quarta. Assim foi, sabe? É como eu te disse, é muito legal [risos], mas acho que existe um peso na maternidade com o tempo você vai percebendo tudo o que acontece. É bem aquela coisa: passa dez anos, sua filha não fica doente em dez anos, aí você decide que vai viajar sozinha uma semana, no dia anterior ela quebra o pé. É bem bizarro. Eu lembro que quando eu comecei o mestrado, eu lembro disso porque eu queria muito o mestrado, me organizei toda para ficar perto da universidade, arranjei o clube que era perto lá, até meu ex-companheiro que pagava o clube para ela ficar. E meu, dois dias, três dias antes de começar as aulas do mestrado a Beatriz quebrou o pé. Aí eu morava em um prédio de quatro andares e eu tinha que descer ela no colo e subir ela no colo para ir para a escola. Às vezes eu nem gosto de contar essas histórias quando eu estou mais sensível assim, e eu estou bem cansada, sabe? E eu fico pensando “como que eu consegui? Como que eu superei essas coisas?”. A gente fica abismada com a gente mesma. (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 11 de setembro de 2021, entrevista continuada).

Assim, a presença das crianças não são somente flores. Para todas as interlocutoras também foi pontuado em nossas conversas que estar com as crianças mexeu bastante com o campo, no sentido de que também criam-se situações difíceis de se lidar.

Em se tratando de viajar com as crianças para trabalhos de campo mais distantes há questões a serem consideradas: o gasto é maior com passagens, hospedagens, alimentação, além dos já tradicionais imponderáveis do campo. Em se tratando dos imponderáveis da pesquisa etnográfica (MALINOWSKI, 2018), importa destacar como a presença das crianças em campo criam situações que podem se traduzir em dados etnográficos inesperados.

E daí teve outra vez que eu fui para o campo e não teve jeito, eu tive que levar ela. Ela foi junto [começa a rir] e, cara, eu tinha marcado entrevista com umas lideranças e ela não queria. **Ela queria ficar brincando com as crianças, e foi muito foda. Eu não sabia o que fazer, ela se enfiou no meio da lama com todo mundo brincando na terra.** Imagina, acho que ela nunca tinha visto tanta terra, tanta... aí se enfiou lá e quem disse que eu consegui tirar? **Aí eu mudei, não que eu mudei, mas aquelas pessoas que eu ia entrevistar naquela ida eu não entrevistei, voltei sem as entrevistas e entrevistei algumas pessoas que estavam ali, sabe?** Que eram mães e que tinham um parentesco com os estudantes. Mas é isso, [rindo] foi o que deu, sabe? E aí da outra vez que eu levei ela para campo a gente foi numa festa, chegou lá na festa e ela só, ah, passou mal, pegou uma virose, eu tive que ir embora antes. Ah, essas coisas assim, sabe? **Essas coisas que não aparecem na etnografia, não aparecem nas histórias das pessoas, e eu acho que deveria ser contado, sabe? Que era muito importante para a antropologia essa maternidade no campo, o que acontece com essas crianças, sabe? Eu sei o perrengue que eu passei com a minha filha.** (Júlia, mãe de uma menina de dez anos, 18 de agosto de 2021, entrevista continuada).

Mas eu deixei algumas vezes ela ficar final de semana com minha mãe quando eu ia fazer campo, mas **muitas vezes ela me acompanhou no campo.** Então é isso, assim, é bem desafiador você fazer campo, levar uma criança para campo, e aí tipo um terreiro onde você vai ter entidade chegando e assim, ela não é uma criança que é de terreiro, ela não frequenta diariamente e tal, que aí se ela frequentasse seria um ambiente mais familiar para ela, mas acabou que foi se tornando um ambiente um

pouco mais familiar, e aí assim, eu acho que eu fiquei um pouco mais tranquila real quando a gente foi numa festa de erê, né? E aí começou a chegar um monte de criança, um monte de erê, um monte de erê, e aí ela se entregou completo ali, um monte de corpos adultos recebendo as entidades erê, e ela simplesmente [Janaína fala algo no fundo que não consigo entender] brincando, brincando, brincando, ela está com sete agora, isso foi em 2018, 19, 20, acho que ela tinha quatro anos. É, ela tinha quatro, porque ela completou cinco no final do ano em novembro, acho que ela tinha quatro anos. **E aí ao longo desse ano foi isso assim, ou eu fazia campo de tarde quando ela tava na escola, ou [barulho muito alto de criança gritando e brincando ao fundo do áudio] quando às vezes era um campo muito intenso eu deixava ela na casa da minha mãe final de semana,** quando eu precisava ficar até de madrugada no terreiro. **Mas outras vezes eu fazia questão de levar para ela vivenciar isso, essa coisa mesmo da cultura, da tradição e tal, e enfim, construir um outro olhar acerca das casas, da tradição né, do que acontece ali e tal, tornar uma coisa familiar.** E aí assim, foi muito legal, **mas tem as coisas dos horários, aquela coisa que a criança não fica quieta, de ficar pulando, de ficar gritando, e aí você tem que fazer ela ficar ali, meio que uma coisa de conter** [Janaína está falando ao fundo] e tal, e aí assim, em outros momentos você deixa a vontade né, também assim, **é um ambiente, nesse caso do meu campo, é um ambiente que inspira acolhimento, acolhimento, tolerância, ambiente que eles gostam que tenha criança, pelo menos nas festas públicas, que foi onde eu sempre levei ela.** Então nesse sentido assim, eu acho que teve esse lado que é muito bom de ela ter o contato, uma certa vivência com os terreiros e com tudo aquilo que parte do que compõe as casas [Janaína fala alguma coisa com a mãe], dos rituais, mas aí **é desafiador né, porque você não levar uma conversa sem ser interrompida, sabe? E aí se fica assim, você ta conversando com uma pessoa e fica com o olho no outro canto vendo a criança [Janaína fala algo], e aí leva no banheiro, “eu quero lanchar, eu quero água”, não sei o que e tem todo esse circuito.** (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 22 de fevereiro de 2021).

Os relatos de Júlia e Tereza revelam as dificuldades de estar com a criança, já que a atenção fica fragmentada, assim como nos outros momentos de produção e estudo. E também temos que considerar no aspecto da interrupção, algo muito comentado por todas as interlocutoras que tiveram participação de seus filhos em trabalhos de campo.

Vemos então que a maternidade e o trabalho de campo se imbricam tanto nas produções de conhecimentos como nas maternagens das mães antropólogas em formação em sentido ao bem-maternar. O trabalho de campo se coloca como uma possibilidade na educação das crianças no sentido de educar pessoas mais tolerantes e com acesso a diferentes realidades sociais, ao mesmo tempo que também traz impactos significativos na coleta de dados em que pode ser uma porta para acesso de informações diferenciadas e acabar por fazer com que as pesquisadoras estejam com sua atenção fragmentada.

#### 4.4 NOTAS CONCLUSIVAS

O ritual do trabalho de campo é fundamental no processo de tornar-se antropóloga, sendo este compreendido como aproximação de outras realidades. Compreendo que tal

aproximação se dá pelas relações construídas entre pesquisadoras e interlocutores (CLIFFORD, 2008), nosso objetivo foi entender como a maternidade das cientistas se coloca dentro de tal construção.

Tornar-se antropóloga é um processo longo que envolve relações com instituições acadêmicas, docentes, colegas que se desenrolam por meio da cultura científica em que, como vimos, existem esquemas de prestígios e privilégios, sendo gênero e a maternidade como marcadores que podem trazer desprestígio. Mesmo que a maternidade tenha uma grande importância dentro das diversas dimensões do processo de produção de conhecimento, noto como tal aspecto não é considerado relevante para a cultura científica.

Durante as entrevistas eu questionei as interlocutoras se a presença de seus filhos era colocada em seus trabalhos e discutido neles. Falaram-me que a presença das crianças não era trazida para as discussões, mesmo que tal presença afete o trabalho, contribua ou não para a mobilidade das pesquisadoras dentro dos grupos com os quais pesquisavam. De maneira geral, vejo que as avaliações das pesquisadoras sobre a presença das crianças sejam positivas, e me chamou a atenção quando Tereza me disse que

É muito positivo as pessoas ali perceberem que eu não sou parte daquele grupo, ainda, eu não sou daquela casa também, mas, tipo, levei minha filha, **estão vendo que eu sou interessada, que não é só ir ali sugar e vai embora.** (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 2 de março de 2021).

Se a pesquisa etnográfica se dá pela relação que construímos com nossos interlocutores, Tereza aponta que levar a filha para o campo demonstra um interesse genuíno em sua pesquisa, um interesse em criar afetos. Estar com sua filha e colocar a filha em meio às relações a serem construídas traz um grau diferenciado nas relações a serem construídas.

Achei bem significativo quando Tereza me mandou um áudio falando que estava procurando fotografias para colocar em sua tese e não encontrou nenhuma dela em campo, mas sim de sua filha.

Foi bem importante esse nosso diálogo. Como já te disse, até para eu pensar mesmo, né? Essa participação da minha filha na minha tese e tal. Inclusive, eu no desespero já no final **procurando fotografias não encontrei nenhuma foto minha em campo, mas encontrei uma foto da Beatriz junto de outra criança brincando lá no terreiro enquanto eu estava em campo, limpando as coisas, fazendo as coisas acontecerem lá.** Ela estava brincando com uma criança, então eu lembrei muito de você com essa fotografia, para mim foi bem emblemática né? (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, 24 de junho de 2021).

Conversar com as mulheres sobre a presença de seus filhos em campo e de como suas presenças mexiam com o campo me mostrou como tal aspecto da produção de conhecimento é

pouco colocado em discussão. Ao questionar sobre como seus orientadores e orientadoras encaravam a presença, me foi dito que, na maioria dos casos, não havia qualquer reflexão sobre como as suas produções de conhecimento eram afetadas ou não pelas suas maternidades.

As interlocutoras se mostraram insatisfeitas em não ter orientação sobre como as dificuldades poderiam ou não aparecer em seus trabalhos finais. Mas também apontaram que o não aparecimento de tais questões não são exploradas por não serem ensinadas na academia a questionar e refletir sobre tais questões. Se houver a reflexão sobre tais aspectos da produção de conhecimento, há também de se questionar sobre a própria estrutura meritocrática da vida acadêmica. As pesquisadoras que são mães lidam com outras demandas, que vão além das responsabilidades com suas pesquisas, em que a maternidade e suas responsabilidades abrangem totalmente suas vidas mostrando através dela aspectos que as convenções de gênero (Alinne BONETTI, 2007; 2011; 2012) colocam as mulheres em posições menos favorecidas, principalmente na academia.

Ponto que mesmo assim, as interlocutoras trazem a presença das crianças e a sua participação nas pesquisas, ao menos, nos agradecimentos ou nas introduções de seus trabalhos, como nos casos abaixo de Mariana e Júlia:

Trecho da dissertação de Mariana: “Agradeço ao meu pequeno turbilhão ter vindo ao mundo e ter me escolhido como mãe. O desafio de ter escrito este trabalho com meu menino no colo, no *sling*, no carrinho, no chão, numa caixa de papelão. Carlos, sou grata pelas nossas trocas de ideias, pelo teu apreço em escutar minha leitura da bibliografia usada aqui, pelo teu encantamento pelas músicas que ouvimos juntos na pesquisa e por ser mais um motivo de puxar conversa com **nossos interlocutores**. Te dar de mamar escrevendo não foi fácil, mas me fez desenvolver uma força muito boa no braço e você uma capacidade incrível de mamar em qualquer posição. Seus desenhos nas minhas anotações serão bem guardadinhos. **Você é meu companheiro de dissertação**, obrigada.”

Trechos da dissertação de Júlia: “Até mesmo **a presença da minha filha que de certa forma contribuiu para criar laços e relações dentro da Terra Indígena**. Todos esses novos fatores representam que **as formas do fazer antropológico está sempre mudando, também significa que fazer antropologia e etnografia hoje está aberta a possibilidades tão distintas que acabamos por constituir novos modos etnográficos**.”. Nota de rodapé de sua dissertação: “**Ter uma criança em campo significa estar ligada aos cotidianos das brincadeiras das crianças e dos momentos de cuidado com elas**. Para os Laklânô/Xokleng as crianças são de grande importância e muitas vezes o próprio centro das atividades e rotina, elas têm liberdade de brincar e circular pelas casas vizinhas que compõem “micro aldeias” familiares. **Estar em campo com uma criança é receber convites inesperados de visita “passa lá em casa, leva tua menina para brincar com as minhas.” Ou “fica mais um pouco tua menina não quer sair de cima da árvore.”**”.

Notamos que as atuações como antropólogas das interlocutoras estão estreitamente ligadas com as suas maternidades, de maneira que a forma com que se relacionam com as

expectativas sobre suas vidas acadêmicas está de acordo com uma maneira diferenciada de ser cientista e de produzir conhecimentos.

Suas responsabilidades maternas acabam por trazer outra lógica de produção de conhecimento e de como se relacionar com os ideais de cientistas. Primeiramente, as mães antropólogas em formação se deparam com a sua inadequação ao ideal de cientista por não poderem se dedicar inteiramente à ciência de tal modo que a inadequação também aparece em suas relações com as instituições e docentes. Mas diante deste quadro, elas desafiam estas visões, inclusive tendo apoio de alguns docentes para que possam alcançar colocações profissionais e seus objetivos.

As mudanças que se tornar mãe traz para suas vidas acaba que também transforma suas experiências acadêmicas e profissionais, sendo muito difícil fazer a separação de ambas as esferas como vimos no item que trata da produção de conhecimento. As experiências particulares das mães antropólogas em formação articulam e desafiam os ideais de ciência e cientista abrindo caminhos para sua ressignificação. Ressignificação apontada também pelo bem-maternal em que seus conhecimentos de antropologia e experiências subjetivas e corporificadas da maternidade se encontram, materialmente, em suas produções.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi minha curiosidade em torno da suposta incongruência entre maternidade e ciência que me trouxe até aqui e me levou a pesquisar como essa relação se dava entre mães antropólogas em formação. Tal concepção tem raízes históricas nas construções socioculturais de ciência e maternidade enquanto empreendimentos antagônicos (Londa SCHIEBINGER, 2001; Silvana BITENCOURT, 2011; Candice SOUZA, 2020). Mobilizada pelo desejo de entender as implicações que a vivência da maternidade aportou para o fazer antropológico na experiência das onze interlocutoras desta pesquisa, foi que cheguei à compreensão da indissociabilidade entre essas duas esferas da vida das mulheres que animaram as páginas desta dissertação. Tal compreensão se tornou possível a partir da abordagem engajada da Antropologia Feminista (Alinne BONETTI, 2012). Assim, o trabalho de campo mostrou-me que, longe de serem dois pólos distintos, a vida pessoal e a vida profissional das mães antropólogas em formação estão imbricadas. A própria adaptação das técnicas de pesquisa, necessária em tempos pandêmicos e que me fez desenvolver a técnica de entrevista continuada, é reveladora dessa inseparabilidade.

Ao focar essa experiência a partir do processo do “tornar-se mãe”, problematizei a maternidade enquanto uma construção histórico sociocultural, naturalizada como função das mulheres. Associados a essa construção estão os significados sociais da maternidade, cujos sentidos são desafiados e ressemantizados pelas interlocutoras desta pesquisa. Elemento central neste processo, o que identifiquei como o cultivo da sensibilidade da responsabilidade, o “*peso*” da maternidade evocado pelas interlocutoras traduz a sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, a criação de um modo próprio de cuidar e de exercer a maternagem, encerrados na categoria bem-maternal. Por sua vez, este bem-maternal e as concepções em ação do exercício do cuidado estão atravessados pelas experiências de formação em antropologia, assim como densificados pela articulação de distintos marcadores sociais da diferença.

A abordagem da experiência das interlocutoras a partir da perspectiva do “tornar-se antropóloga”, possibilitou a compreensão do processo de formação em antropologia por meio de relações constituídas entre as mães antropólogas em formação com instituições, docentes e colegas que ocorrem intermediados pela cultura científica e seus esquemas de gênero (Ilana LÖWY, 2020). As suas experiências possibilitaram refletirmos sobre como a cultura científica e seus esquemas de gênero produzem e distribuem desigualmente prestígios e privilégios, em

que a vivência da maternidade, atravessada por marcadores sociais da diferença de classe e raça, podem acarretar desprestígio e posições desiguais para as interlocutoras no campo acadêmico.

Os caminhos percorridos pelas mães antropólogas em formação em suas produções de conhecimento foram analisados levando em consideração a relevância da experiência da maternidade; neste sentido, esta vivência aparece como um aspecto pouco discutido pela cultura científica enquanto um pilar das produções de conhecimento das pesquisadoras mães. Por fim, concluímos que as atuações profissionais das interlocutoras estão estreitamente ligadas com as suas maternidades, assim como possuem uma visão diferente de ser cientista e da produção acadêmica das que predominam socialmente. Sendo assim, consideramos que as mudanças que ocorrem em suas vidas ao tornarem-se mães acabam por também trazer mudanças para suas experiências científicas, e de forma similar, as suas experiências profissionais marcam suas maternidades. O bem-maternar, enquanto processo de construção e reconstrução de relações e articulações com modelos socialmente predominantes de maternidade, que emerge das aprendizagens das diferentes vivências da condição de mãe das interlocutoras, está, assim, vinculado com suas formações em antropologia.

Frente ao exposto, esta pesquisa contribui para o campo de estudos de gênero e ciências ao trazer uma nova perspectiva para a relação entre a maternidade e produção de conhecimento em que, ao invés de serem considerados antagônicos, possam ser tomados como possibilidades analíticas a partir das quais novas objetividades corporificadas (Donna HARAWAY, 1995) possam ser consideradas relevantes. Também aporta a contribuição de refletir sobre a maternidade como um marcador social da diferença (Avtar BRAH, 2006) na cultura científica das ciências humanas. Observamos como tal marcador atua dentro de seus esquemas de gênero (LÖWY, 2020) posicionando as pesquisadoras mães em situações de desprestígio dentro da área das ciências humanas, até então pouco consideradas.

Os resultados apontam que ao invés de pensar em uma possível incongruência entre a maternidade e ciência, poderíamos ver em tal relação uma possibilidade de transcender os ideais masculinistas científicos. Neste cenário, outros marcadores e sujeitos podem ser tomados como relevantes da vida acadêmica e interlocutores centrais para as análises, como revelado pela pesquisa sobre a participação infantil nos espaços acadêmicos e científicos.

Os dados obtidos a respeito da participação dos filhos e das filhas nos processos da produção de conhecimento também abrem as portas para novas pesquisas em torno da relação das crianças com as instituições, docentes e outras pessoas que estão no espaço acadêmico. Conforme ilustrado na cena etnográfica sobre a defesa de tese de Angela, em que seu filho -

João Miguel - interage ludicamente, revelando que não aguentaria mais tempo na vida acadêmica, ou ainda, a saudade sentida e mencionada pela filha de Rosa - Liz - da universidade em tempos pandêmicos e a filha de Júlia - Beatriz - que também refere sentir saudade da mãe ser antropóloga, mostram como a vida acadêmica de suas mães e o crescer em espaços científicos marca a infância dos filhos e das filhas das antropólogas em formação, apontando para um novo campo de investigação em potencial.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2019. **Código de Ética**: Código de ética do antropólogo e da Antropologia, criado na gestão de 1986/1988 e alterado na gestão de 2011/2012. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em 10 de maio de 2021.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAIA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor? Narrativas de mulheres negras sobre a maternidade**. Curitiba: Editora Appris, 2021.
- BITENCOURT, Silvana Maria. **Candidatas à Ciência: A compreensão da maternidade na fase do doutorado**. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- BITENCOURT, Silvana Maria. Maternidade e universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. GT 13 Gênero, Trabalho e Família. **41º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, 2017.
- BITENCOURT, Silvana Maria. Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado. **Estudos Sociológicos**, Araraquara, v. 19, n. 37, pp. 451-468, 2014.
- BONETTI, Alinne de Lima. Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. **Cuadernos de Antropología Social**. Buenos Aires, n. 36, pp. 51-67, 2012.
- BONETTI, Alinne de Lima. Gênero, poder e feminismos: as arapiracas pernambucanas e os sentidos de gênero da política feminista. **Labrys. Études Féministes/Estudos Feministas**. Brasília, Quebec, Paris, n. 20-21, jul./dez. 2011a.
- BONETTI, Alinne de Lima. **Não basta ser mulher, tem que ter coragem: Uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo político feminista de Recife-PE**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- BONETTI, Alinne de Lima; VERANI, Alana Pacheco dos Reis. “Os esquemas de gênero e suas cicatrizes irreversíveis: ainda sobre a relação entre mulheres e ciências”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e78320, 2021.
- BONETTI, Alinne. Antropologia Feminista: o que é esta antropologia adjetivada? In: BONETTI, Alinne; SOUZA, Ângela (org.). **Gênero, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUFBA e NEIM, 2011b. pp. 53- 70.

- BONETTI, Alinne. Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feminista. ST 52. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2006.
- BONETTI, Alinne. Etnografia, gênero e poder: Antropologia Feminista em ação. **Revista Mediações**. Londrina, v. 14, n. 2, pp. 105-122, 2009.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese**. Florianópolis: UFSC, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Editora Ática, 1983.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 26, pp. 329-376, jan./jun, 2006.
- BUFFON, Roseli. Encontrando uma tribo masculina de camadas médias. In: GROSSI, Miriam; SCHADE, Elisete; MELLO, Anahí; SULA, Arianna. (orgs.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Tubarão: Copiart, Florianópolis: Tribo da Ilha. 2018.
- CABRAL, Carla. Sobre nomes e (re)nomes: gênero, história e ensino da engenharia no Brasil. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 185-200.
- CLIFFORD, James. Prácticas espaciales: el trabajo de campo, el viaje y la disciplina de la antropología. In: CLIFFORD, James. **Itinerários transculturales**. Barcelona: Gedisa, S.A., 2008. pp. 71-121.
- CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & Antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- DINIZ, Débora. Síndrome da Impostora. **YouTube**. Canal Anis - Instituto de Bioética, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsR1cESByLg&t=272s>. Acesso em 05 de março de 2022.
- DONATH, Orna. **Mães Arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2018.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 13, pp. 155-161, 2005.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERREIRA, Vinicius Kauê. Epistemologias feministas e história da Antropologia na Índia. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 59-78.
- FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. In: SCHUCH; VIEIRA e PETERS (orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. pp. 205-227.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.10, pp. 58-78, 1999.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

GOLDENBERG, Miriam. Entrevistas e questionários. **A-Arte-de-Pesquisar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 85-91.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSSI, M. P. Duas Germaines e Uma Denise: as alunas de Mauss. In: GROSSI, Miriam Pillar; Motta, Antonio; Cavignac, Julie. (Org.). **Antropologia Francesa no Século XX**. Recife: Massangana, 2006, pp. 239-256.

GROSSI, Miriam Pillar. A dor da tese. **Revista Ilha**. Florianópolis, v. 6, n. 1, 2, pp. 221-232, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". In: GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi; SALA, Arianna. **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Tubarão: Copiart, Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. pp. 19-28.

GROSSI, Miriam. Nossa "Chère Denise": entrevista com Denise Paulme. **Revista Ilha**. Florianópolis, v. 1, n. 1, pp. 99-118, 1999.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As "ajudas": o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 34, n. 98, pp. 7-24, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5, pp. 07-41, 1995.

HIRATA, Helena; Danièle KERGOAT. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 132, pp. 595-609, 2007.

KITZINGER, Sheila. **Mães: um estudo antropológico da maternidade**. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

KLANOVICZ, Luciana. A presença de mulheres nos cursos de engenharia no sul do Brasil: Um estudo quali-quantitativo de gênero, história e ciência. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 201-227.

KLÖPPEL, Bruna; GROSSI, Miriam. Um olhar de gênero sobre a história das mulheres na Antropologia Brasileira: Ruth Cardoso e Eunice Durham. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 29-40.

LÖWY, Ilana. Por que tão devagar? Os obstáculos para a igualdade dos sexos na pesquisa científica. In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (orgs.). **Teoria Feminista e**

**Produção de Conhecimento Situado: Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e Engenharias.** Florianópolis: Tribo da Ilha; Salvador: Devires, 2020. pp. 231-246.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MENDONÇA, Maria Collier de. **A Maternidade na Publicidade: Uma Análise Qualitativa e Semiótica em São Paulo e Toronto.** Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

MENDONÇA, Maria Collier de. O Feminismo Matricêntrico e o ativismo feminista no Motherhood Initiative for Research and Community Involvement (MERCÍ) liderado por Andrea O'Reilly. In: III Jornadas do LEGH: Feminismo e Democracia, 2018, Florianópolis. **Anais da III Jornadas do LEGH: Feminismo e Democracia.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 3, pp. 494-505, 2018.

MERUANE, Lina. **Contra os filhos: uma diatribe.** São Paulo: Editora Todavia, 2018.

MOORE, Henrietta. **Antropología y Feminismo.** 5ª Edição. Madrid: Ediciones Cátedra, 2009.

MORAES, Fernanda Azeredo de. **Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: Academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ORTNER, Sherry. **Making Gender: The Politics and Erotics of Culture.** Boston: Beacon Press, 1996.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (org.). **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. 25º Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006.** Blumenau: Editora Nova Letra, 2007a. pp. 45-80.

ORTNER, Sherry. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (org.). **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. 25º Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006.** Blumenau: Editora Nova Letra, 2007b. pp. 18-44.

ORTNER, Sherry; WHITEHEAD, Harriet. **Sexual Meanings.** Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1981.

PEDRONI, Gabriela. **Percorrendo alguns caminhos da antropologia feminista mexicana.** 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. Pensando con cuidado la producción de conocimiento: Referentes antropológicos feministas y un ejemplo etnográfico. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas,**

**biológicas, exatas e engenharias.** Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 91-105.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.

REBELO, Francine; GROSSI, Miriam. Construindo e concretizando um projeto: A história da Antropologia sob a ótica de gênero. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias.** Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 41-58.

ROMERO, María; TAPIA, Evangelina; MEZA, Consuelo. Abanico de maternidades. Un estado del arte desde los aportes feministas. **Debate Feminista.** Ciudad de Mexico, año 30, v. 59, pp.143-165, 2020.

SARDENBERG, Cecília. O pessoal é político: a conscientização feminista e emponderamento de mulheres. **Revista Inclusão Social.** Brasília, v. 11, n. 2, pp. 15-29, 2018.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu.** Campinas, n. 16, pp. 137-150, 2001b.

SCAVONE, Lucila. As múltiplas faces da maternidade. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n. 54, pp. 37-49, 1985.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface.** Botucatu, v. 5, n. 8, pp. 47-60, 2001a.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru: EDUSC, 2001.

SCHNEIDER, David M. A família. In: SCHNEIDER, David. **Parentesco americano – Uma exposição cultural.** Petrópolis: Editora Vozes, 2016. pp. 42-66.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. **Revista HISTEDBR On-line.** Campinas, n. 30, pp. 133-148, jun., 2008.

SILVA, Wilton Carlos Lima de; VIEIRA, Rafaela Duarte. De lá para cá: classe, raça e gênero em narrativas autobiográficas de antropólogas em memoriais acadêmicos (USP/UNICAMP, 2004-2014). **Amazônica: Revista de Antropologia.** Belém, 2019, v. 11, n. 1, pp. 59-81, 2019.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Em busca pelo campo – Mulheres em Expedições Científicas no Brasil em meados do século XX. **Cadernos Pagu.** Campinas, n. 48, pp. 35-72, 2016.

SOUZA, Candice Vidal e. Ensinar Antropologia em outros tempos: As mulheres e as configurações do mundo acadêmico. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado: Ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias.** Florianópolis: Tribo da Ilha, Salvador: Devires, 2020. pp. 9-28.

SOUZA, Candice Vidal e. Professoras de Antropologia em Minas Gerais: notas sobre a condição da margem. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 24, n. 2, pp. 499-520, 2016.

TRONTO, Joan. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso?. In: JAGGAR, Alisson; BORDO, Susan (org.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Record: Rosa dos Tempos, 1997.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

## ANEXO A – Roteiro de entrevista I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
Orientação de Dra. Alinne de Lima Bonetti  
Alana Pacheco dos Reis Verani

### Roteiro para Entrevistas

Explicar para as interlocutoras que o projeto ainda está em construção, que as entrevistas irão me ajudar a formular melhor as questões das minhas reflexões gerais, que me trouxeram para a temática. [Pesquisa exploratória]

O eixo norteador da entrevista será a articulação entre carreira acadêmica e vida pessoal. Busco refletir com elas sobre o que significa ser mãe, o que é a maternidade para elas, sair do mundo idealizado para o mundo real, vivido e experienciado. E por serem mulheres que estudam antropologia, pensar juntamente com elas o que a maternidade significa para a vida profissional delas, o que essa experiência traz para seus olhares ao fazerem a pesquisa. Quais são os obstáculos enfrentados e as estratégias que foram e são utilizadas.

#### **Bloco I - Dados sociodemográficos**

(Dados que ajudam a contextualizar as interlocutoras e assim melhor interpretar suas concepções e visões. Importante: Esses dados não serão divulgados, o anonimato será preservado de acordo com o Código de Ética da Antropologia).

- A.Nome
- B.Data de Nascimento
- C.Naturalidade
- D.Autodeclaração Étnicoracial
- E.Identidade de Gênero
- F.Identidade Sexual
- G.Escolaridade
- H.Conjugalidade
- I.Número de filhos
- J.Religiosidade

#### **Bloco II - Dados sobre a trajetória acadêmica**

- A.Formação - Como que chegou na área de Antropologia; onde estudou; temas de pesquisa.
- B.Em que etapa de sua vida acadêmica estava quando descobriu que seria mãe - Sentimentos; o que achou que poderia acontecer com sua carreira.
- C.Orientadores e colegas - Quais foram as opiniões ouvidas; apoio ou críticas.
- D.Problemas - Durante gestação/puerpério; amamentação e cuidado.
- E.Mudanças - Quais foram as maiores mudanças na rotina de pesquisa/estudo.
- F.Exigências - Percebia diferenças com seus colegas;
- G.Exclusão/Acolhimento - Referente a estrutura das instituições; com professores e colegas.
- H.Pesquisa/Escrita - Trabalho de campo e crianças; receptividade dos interlocutores com seus filhos; estar longe dos filhos; culpa materna pela atenção.
- I.Sentiu necessidade de se juntar a algum coletivo? tem algum tipo de ativismo? de que tipo?

**Bloco III - Reflexões/Concepções**

(Reflexões e concepções das interlocutoras sobre essas categorias que são estruturantes de meu objeto de pesquisa)

A. Maternidade

B. Feminismo

C. Gênero

D. Organização coletiva/política

E. Produção de conhecimento

## ANEXO B – Roteiro entrevista II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
ALANA PACHECO DOS REIS VERANI  
ORIENTAÇÃO DE DRA. ALINNE DE LIMA BONETTI

### Segundo Roteiro de Entrevistas

Explicar para as possíveis novas interlocutoras a finalidade do projeto e o objetivo da pesquisa: “Compreender as relações entre as experiências de maternidade e a produção de conhecimento de antropólogas em formação que são mães”. Importante: Esses dados não serão divulgados, o anonimato será preservado de acordo com o Código de Ética da Antropologia.

**Bloco I - Dados sociodemográficos** - Dados que ajudam a contextualizar as interlocutoras e assim melhor interpretar suas concepções e visões.

- A.Nome
- B.Data de Nascimento
- C.Naturalidade/Onde mora atualmente
- D.Autodeclaração Étnicoracial
- E.Identidade de Gênero
- F.Orientação Sexual
- G.Escolaridade
- H.Conjugalidade
- I.Número e idade dos filhos
- J.Religiosidade

#### **Bloco II - Trajetória Acadêmica**

- A.Formação. Como chegou na área de antropologia e o que pesquisa atualmente. Teve de migrar para estudar?
- B.Ser cientista. Explorar o que é para a entrevistada ser pesquisadora/cientista.
- C.Cruzamento da academia com a maternidade. Em que momento de sua formação se tornou mãe. Como se sentiu em relação ao seu futuro profissional, explorar os sentimentos sobre o momento e como é sua percepção hoje sobre ser mãe cientista.
- D.Instituições. Se houve alguma forma de acolhimento da instituição, tratamento de professores e colegas. Espaços na instituição, a criança frequentava o espaço das instituições, quais as dificuldades. No seu programa de pós-graduação, há políticas específicas para incentivo e apoio?
- E.Eventos. Como era/é participar de eventos sendo mãe. Se a criança vai junto.
- F.Trabalho de campo. Como era fazer as atividades relacionadas ao trabalho de campo. A determinação do campo teve alguma influência pelo fato de ser mãe. Se a criança frequentava o campo. Receptividade do campo à criança e a ela enquanto pesquisadora/mãe.
- G.Temas de pesquisa e metodologias. Se a interlocutora acha que há alguma influência.
- H.Escrita/Produção. Como era o seu processo de escrita e produção.

I. Modelos de carreira: o que imaginava/planejava e como esse modelo se articula com a maternidade

**Bloco III - Maternidade**

A. Ser mãe. O que sente em relação à maternidade. Suas expectativas sobre a maternidade e se a realidade é o que imaginava. Sobre modelos de maternidade: como foi a sua experiência de filha em relação à sua mãe? O que é ser mãe?

B. Problemas enfrentados durante a gestação/amamentação/puerpério. Em que momento/etapa de sua formação estava.

C. Rede de apoio. Quem são as pessoas ou instituições que são parte de sua rede de apoio.

D. Principais mudanças em sua rotina quando tornou-se mãe ou quando entrou para pós-graduação.

E. Se ser uma antropóloga mãe, a faz enxergar “ser mãe” de alguma forma diferente.